

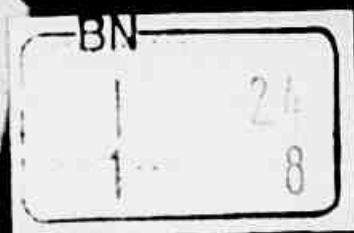
REVISTA DA SEMANA

Ano XLV - N.º 28 - Cr\$ 1,50 em todo o Brasil - 8 de Julho de 1944

VAI FALAR O
ESPIRITO DE

**HUMBERTO
DE CAMPOS**

REPORTAGEM NO TEXTO



ANIBAL

a *Maneira* e'
a mesma...

mecanizando
aperfeiçoamos

o
Sistema



Maquinas
DELIMA

☉
Café



Casa do Brasil
AVENIDA RIO BRANCO, 125 - RIO DE JANEIRO

BUENOS AIRES
Florida 261-83 - U.T. 34 Defensa 4675

SANTIAGO DE CHILE
Calle Ahumada 167-171

CAFE
A
MANEIRA
BRASILEIRA

RA-TA-PLAN
LTDA



SOLDADOS DE CRISTO, autênticos soldados cristãos, eles não esquecem seus deveres religiosos mesmo em face ao mais inflamado da luta. Enfrentam o perigo de alma erguida ao Senhor, não teem superstições — teem crenças. . . Não receiam mais que o Supremo, e para Ele voltam-se, de coração, como se vê na gravura. Este é um soldado americano. Ele vai avançando, enquanto a metralha do inimigo procura varrê-lo da terra que o seu exército reconquista ao invasor. Encontra um crucifixo situado em praça pública numa aldeia francesa libertada. Pára um instante. Implora o auxílio da Providência para um bom termo dessa jornada heroica em que está empenhado. Ele sabe que o Senhor poderá ampará-lo, e o está amparando, quando permite que as armas dos Aliados sejam vencedoras, como estão sendo. A túnica do soldado encobre um cristão sincero. Aquêlê Cristo alí se encontra para adverti-lo de que nada se consegue sem o auxílio divino e é êsse auxílio que o soldado pede na sua rápida prece, é êsse o auxílio que a Providência lhe está dando.

UM editor amigo cismou que eu tinha a capacidade necessária para escrever uma novela fantástica, antecipando acontecimentos que poderão se desenvolver no Rio de Janeiro no ano 2000. O convite que me foi dirigido na verdade me desvaneceu. Mas não tenho o menor intuito de invadir a seara literária em que Julio Verne pontificou no século passado e que tem sido, nesta época turbulenta, um latifúndio de H. G. Wells. Confesso que, por maior que seja a minha vontade de aparecer como novelista, não me sinto com a audácia e a imaginação suficientes para tentar esse gênero perigoso, especialmente numa ocasião em que o fantástico é vencido pelas realidades desta guerra — a penicilina, o radar, o avião sem pilotos e a bazuca, essa singularíssima espingarda de caçar tanks blindados.

A imaginação humana não consegue, jamais, se aproximar da realidade futura. A marcha do progresso é rápida e desconcertante. Cada nova descoberta nos enche de espanto, por mais explicável que seja, do ponto de vista científico. E' do homem não apenas o dom de rir, mas o dom de também se espantar. E isto porque todos nós, mesmo os que se julgam progressistas, não passamos de uns tímidos e renitentes conservadores. As únicas exceções são êsses maníacos, êsses fanáticos que se abraçam de amor á ciência, no fundo dos laboratórios, nos gabinetes de pesquisas, preocupados somente com a possibilidade de dilatar as conquistas do espírito humano, com uma penetração milimétrica, ao menos nos grandes territórios desconhecidos que ainda nos envolvem. Deixemos a ciência

O RIO DE JANEIRO NO ANO 2000

escreveu

R. MAGALHÃES JUNIOR

Especial para a REVISTA DA SEMANA

aos cientistas, porque o assunto não comporta o palpite de leigos. Mas, mesmo sem nos tentar a aventura em campo tão ingrato, a incursão em terreno tão resvaladiço, ousaremos fazer uma modesta profecia, tão modesta que por si só não pode constituir a base da novela encomendada.

Essa profecia pode estarrecer muita gente, mas se acha apoiada por fatos e indicações positivas. Não deitei cartas, nem consultei as estrêlas, para me habilitar a fazê-la. Tenho simplesmente, acompanhado a evolução do Rio de Janeiro nestes últimos vinte anos e, pelo que tenho observado,

posso com boas razões prever o que terá acontecido quando se escoarem os cinquenta e seis anos que perfarão o segundo milênio da era cristã. Ouso profetizar que até lá a baía do Rio de Janeiro terá desaparecido e que a capital do Brasil será uma cidade tão rasa, tão plana, tão sem acidentes topográficos como a Buenos Aires de hoje.

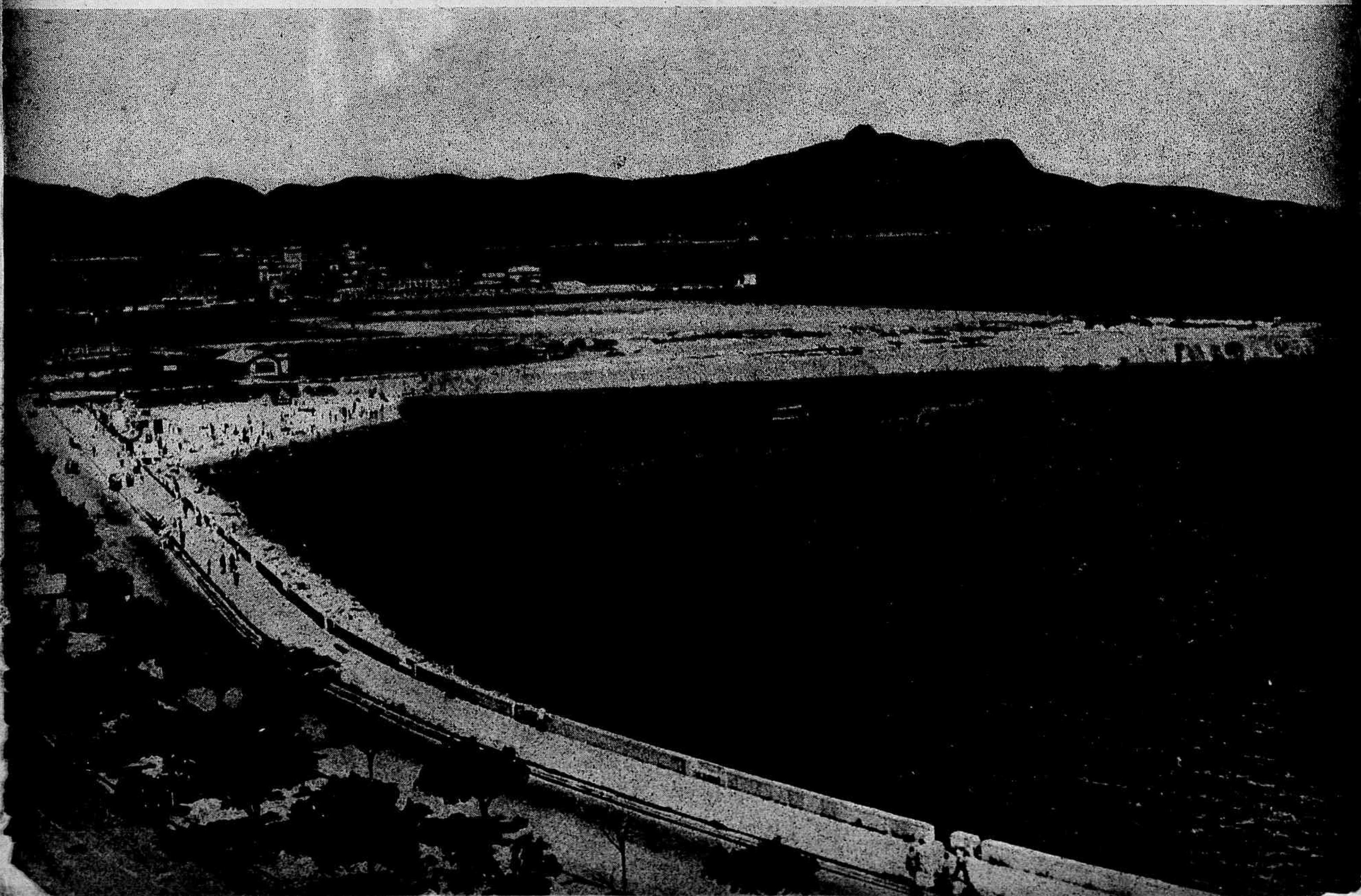
Nessa ocasião, no Congresso Nacional, deputados e senadores discutirão ainda, como se discutia no passado, a conveniência, ou não, da mudança da capital federal para o planalto goiano. E um dos argumentos em favor da

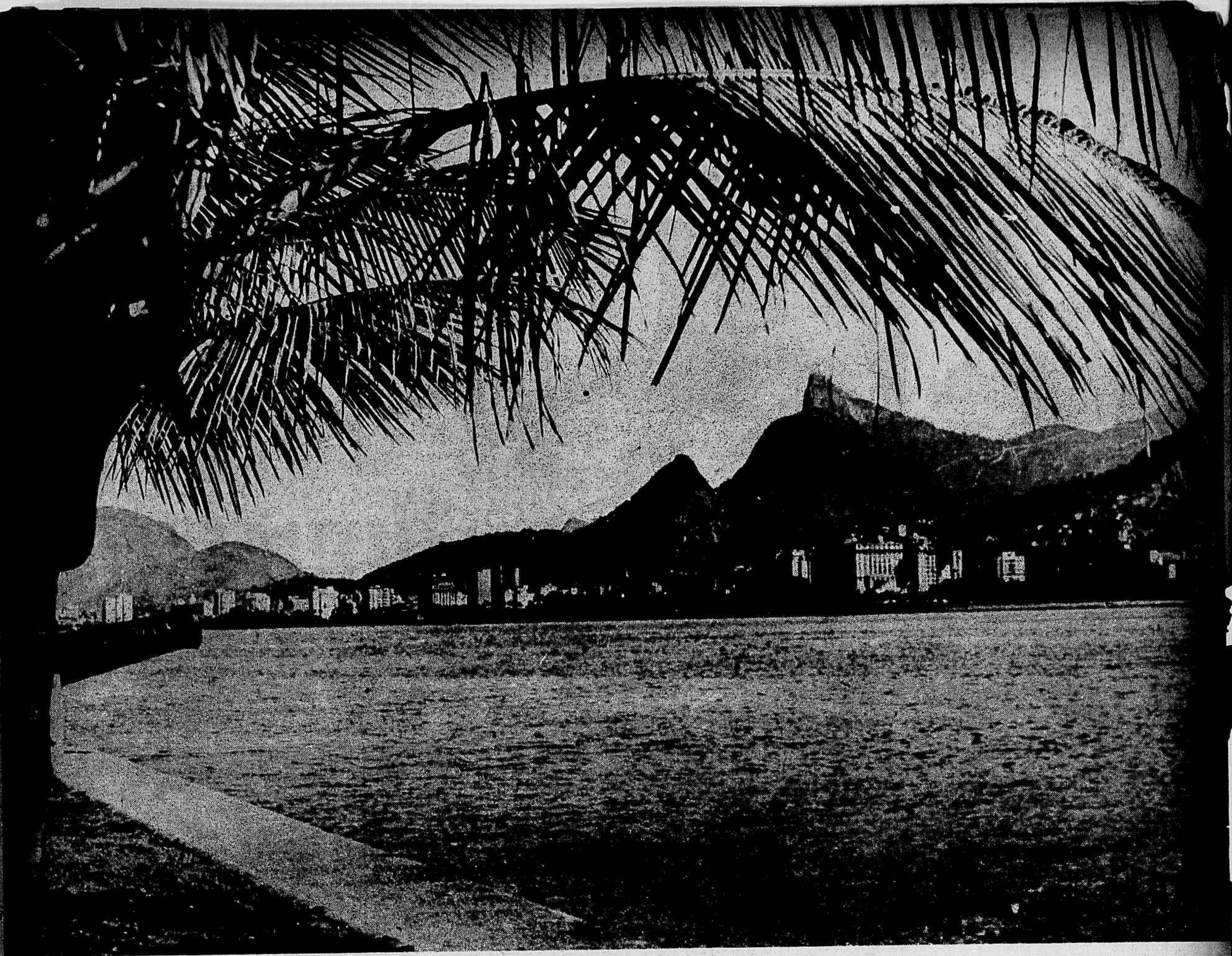
transferência, o mais forte de todos, talvez, será a estupidez e a falta de interesse da paisagem carioca, tão chata, tão plana, tão sensaborona. Os cariocas, mesmo os mais ciosos da prerrogativa de que a cidade tem gozado desde o tempo dos vice-reis — a de ser a sede do governo, — concordarão melancolicamente com os que desejam a transferência, reconhecendo que a monotonia e a insipidez da paisagem carioca não estimulam os homens públicos senão a fugirem sempre que é possível, de tão desagradável ambiente. Fugir para onde? Para Petrópolis? Para Friburgo? Para Terezópolis? Não, Fugir, para mais longe, para a Serra do Roncador, que presentemente se pretende arrancar à nobre nação dos Chavantes.

Sim, para a Serra do Roncador, que será no ano 2000 o lugar mais chique, mais granfino, mais aristocrático, entre as estações de repouso do Brasil. Um capitalista de larga visão, descendente de um tuchauva daquela tribo, rendida por fim aos primores da nossa civilização, terá feito construir um grande hotel balneário no mais alto pico da famosa montanha, com o respectivo casino, no qual as fichas serão de águas-marinhas e de ametistas, para desespero dos pequenos concorrentes localizados em outros pontos do país. Essa integração da Serra do Roncador no papel de grande estação de veraneio e de férias será mais do que necessária, porque, nessa época, já não existirão mais Petrópolis, Terezópolis e Friburgo — mas tão somente vastas planícies em lugar das alterosas montanhas em que ora se erguem essas três cidades.

Parolice vazia, pensará sem dú-

Este é um aspecto da ponta do Calabouço, quando ali existia praia. Hoje uma grande parte do mar foi aterrada. E os banhistas viram-se na contingência de procurar outros lugares mais próprios, onde não exista o fantasma do atêrro.





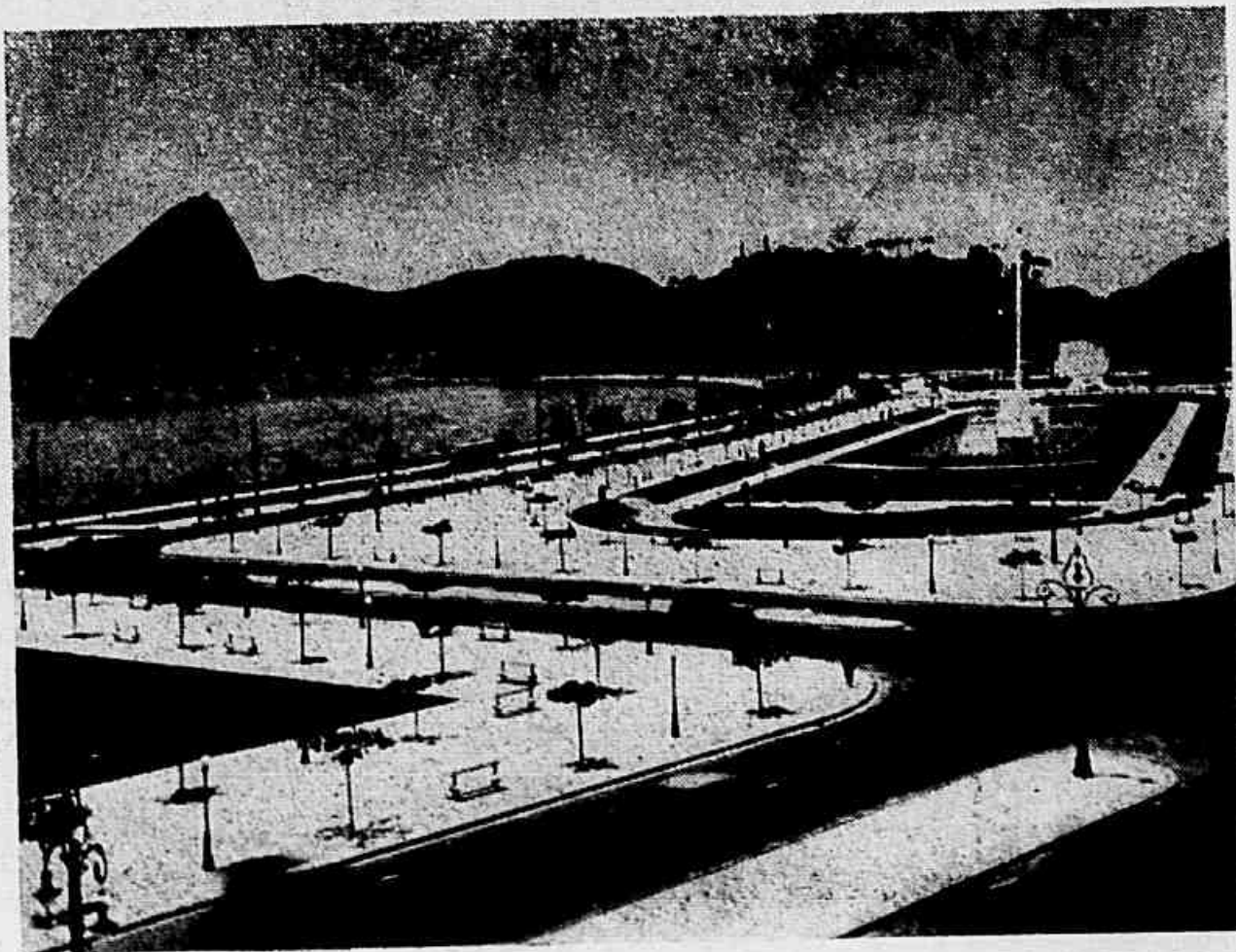
Água quieta e sereníssima... Uma palmeira no primeiro plano... Ao fundo, as construções modernas e, mais longe, o Corcovado, de onde, sobranceira, a imagem do Redentor contempla a mais bela baía do mundo.

vida, o leitor descrente. No Brasil nunca houve terremotos, nem cataclismas dessa espécie. Pensará o leitor, certamente, que só uma convulsão sísmica, uma verdadeira tragédia cósmica poderia causar tais modificações na estrutura geográfica do Brasil. Mas aí é que se engana o leitor. E se engana redondamente, porque não estou prevendo fenômenos da natureza, mas apenas o trabalho paciente do homem, com o seu instinto admirável para corrigir a obra de Deus. Dizem as Escrituras e os brasileiros — que são um povo cristão — acreditarem que foi Jeovah quem criou a terra. Criou-a, mas a mentalidade evoluiu e exigente dos nossos urbanistas está a surpreender-lhe, todos os dias, as falhas e os defeitos que é imperioso corrigir. Há uns vinte anos, ou pouco mais, começou o trabalho de correção, com o desmonte do morro do Castelo. O desmonte era uma necessidade, devido às inundações, que eram então bem piores do que hoje. Mas, como se não bastasse demolir o morro, resolveu-se, também, aterrar uma parte da baía, prolongando a ponta do Calabouço, onde se construiu um aeroporto que hoje em dia já é pequeno de mais para a intensidade do tráfego aéreo e para o tamanho dos aviões modernos. Agora, a enseada de Botafogo, com uma curva tão perfeita, tão feminina e tão bela,

está sendo aterrada, com a modificação das suas linhas admiráveis. Com a demolição do morro de Santo Antônio, já decretada, vai ser aterrada a enseada da Glória, que é outra alegria dos olhos dos

cariocas. Uma reta será tirada da ponta do Calabouço para o morro da Viuva. Talvez outra reta seja tirada do morro da Viuva para a Urca, com o entupimento completo das atuais praias de Bo-

Os jardins modernos da cidade, que não se cansa de aumentar a beleza e cujos enfeites despertam inveja até bem longe, muito longe do Rio...



tafogo e do Flamengo. Como não nos faltam morros e ainda sobrá alguma coisa da baía — e como ainda a mentalidade dos nossos prefeitos consiste em tirar morros e entupir praias — é fácil imaginar o que não há de acontecer, necessariamente, até ao ano 2000. Depois do morro de Santa Tereza, com o qual ligaremos as ilhas do Governador e de Paqueta ao continente, um genial urbanista, à testa da Prefeitura, entrará, aí pelo ano de 1970, em entendimento com o governador do Estado do Rio, para comprar a Serra do Mar, onde, depois de convenientemente utilizada a terra para acabar de aterrar a Guanabara, serão vendidos terrenos em lotes, absolutamente nivelados e a preços mais do que populares. Trinta anos, no máximo, durará esse formidável desmonte. Eis porque ousou profetizar que, no ano 2000, não haverá mais baía, não haverá mais morros, não haverá mais a Serra do Mar. Porque enquanto houver morros, enquanto houver baía e enquanto houver prefeito com essa mentalidade é inevitável a evolução da mui leal cidade do Rio de Janeiro no sentido de se tornar uma chã e rasa planície, ao passo que a Guanabara louvada pelos poetas e visitantes estrangeiros aureolará o Brasil com o prestígio de uma nova lenda, igual à lenda da misteriosa e desaparecida Atlântida.



JOCKEY CLUB MUNDANO

Reproduzimos nesta página cinco instantâneos obtidos pela reportagem fotográfica da REVISTA DA SEMANA durante o "meeting" turfístico de domingo último no Hipódromo da Gávea. Por eles o leitor pode ter uma idéia do que foi esta parada de distinção e elegância, na qual não faltou o entusiasmo esportivo dos aficionados do turf que assistiram ao desenrolar das carreiras, tôdas elas cheias de lances imprevistos e emocionantes.



REVISTA DA SEMANA

ANO XLV --- 8-7-1944 --- N. 28

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado Cr\$ 2,00
Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels.: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447

Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866

Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL
REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knoppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Toda correspondência deve ser endereçada ao diretor.

ESTE NUMERO CONSTA DE 60 PAGINAS

SUMARIO:

LITERATURA:

O Rio de Janeiro no ano 2.000 (R. Magalhães Jr.).....	4-5
Livros Novos.....	8-9
Café, Amor e Melodia (Talbert Josselyn).....	15
A Carta de Wellington (Celius Aulicus).....	18
Evocando e Vendo (Escragnolle Doria).....	26
O Mistério do Jarro Azul (Agatha Christie).....	27
Entre Ancoras e Letras (Armando Migueis).....	28
Covardia (Berliet Junior).....	55-56

REPORTAGENS:

Joquei Clube.....	6
Vai falar o espirito de Humberto de Campos.....	29-34
Figuras e Fatos.....	46-47

FOTOGRAFICAS:

Coisas do Brasil.....	17
Sociedade.....	19

FEMININAS:

Nos Bastidores Femininos.....	39
Novidades da Moda.....	40-42
Seu Tricot.....	43
O que se deve evitar — Copa e cozinha.....	49
Modelos da Semana.....	50-51
Outros Modelos.....	57

DE GUERRA:

Telefotos da Invasão.....	3 e 10/14
---------------------------	-----------

CURIOSIDADES:

Os amantes ideais.....	20-21
Uma visita á estatua da Liberdade.....	22-25
Você tem vocação para detective?.....	36-37

SEÇÕES:

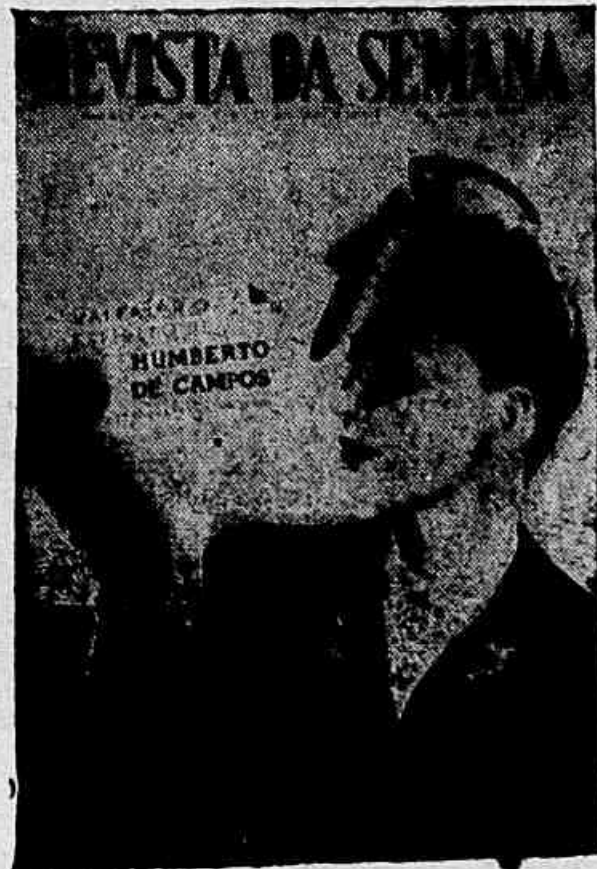
De Rádio (Djalma Maciel).....	38
De Musica (Roberto Lyra Filho).....	44

CARICATURAS:

Dê Bom Humor.....	16
"Charge" de Raul.....	50

A nossa Capa

Foi em nossas páginas que surgiu, meses atrás, o momentoso assunto da literatura de alem-túmulo, de Humberto de Campos. A propósito da sugestão do Interventor maranhense, no sentido de serem removidos para aquele Estado os restos mortais de seis tres ilustres filhos — Coelho Neto, Apolonia Pinto e Humberto de Campos — nossa reportagem focalizava o assunto, ouvindo a família do autor de *Memórias*. E surgia, nessa ocasião, o conflito dos livros atribuídos ao saudoso escritor, mas psicografados por um medium das alterosas mineiras. E' sobre a momentosa questão que ainda hoje a REVISTA DA SEMANA oferece aos leitores, de acordo com a advertência feita na capa, uma nova reportagem, com revelações inéditas por parte da família de Humberto de Campos e do advogado pela mesma constituido para a defesa de seus interesses. Eis o convite que a dama elegante, cuja imagem se vê na capa deste número,



endereça ao público em geral e, particularmente, aos que desejem conhecer detalhes do palpitante caso.

Verdadeiros Venenos!

Uma verdade que todos os médicos conhecem e confirmam:

Dentro do estômago e intestinos há sempre impurezas e substâncias infectadas, muitas vezes das mais perigosas, verdadeiros venenos, produzidos pelas fermentações tóxicas internas, que pouco a pouco invadem o sangue e prejudicam todo o organismo, causando dor de cabeça, peso, calor e mal-estar na cabeça, cólicas e graves desarranjos repentinos do ventre, irritação da mucosa do estômago, inflamação intestinal, falta de energia para o trabalho, nervosismo, tonturas, vertigens, ânsias e vontade de vomitar, biliosidade, arrôtos, mau gosto na boca, indigestão, muita sede e queimadura na garganta, azia, gases, falta de apetite, empachamentos, língua suja, mau hálito, certas coceiras e irritações da pele, mal-estar depois de comer, preguiça, abatimento, sonolência e moleza geral e muitas doenças graves e prolongadas, quando não se toma cuidado.

Para evitar e tratar estes males use **Ventre-Livre**, remédio sério e de inteira confiança, contra a prisão de ventre e suas consequências.

Ventre-Livre estimula, tonifica o estômago e intestinos e os limpa das impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas, e assim evita e trata tão penosos sofrimentos.

Use **Ventre-Livre**

* * *

Lembre-se sempre:

Ventre-Livre não é purgante

* * *

Tenha sempre em casa
Ventre-Livre



DUAS FORMULAS DIFERENTES
para dois males diferentes

De acordo com os imperativos da razão, da ciência e do bom senso:

N.º 1: Regras abundantes, prolongadas, repetidas, hemorragias e suas consequências.

N.º 2: Falta de regras, regras atrasadas, suspensas, diminuídas e suas consequências.



REGULADOR XAVIER

O REMEDIO DE CONFIANÇA DA MULHER



Porcelanas
Cristais
Faqueiros e
Objetos para
Presentes



Que diz?
da Casa **MUNIZ**
Ouvidor 102

**GRIPE /
RESFRIADOS /
NEURALGIAS**



TRANSPIROL

Livros

OS MAIS BELOS CONTOS RUSSOS DOS MAIS FAMOSOS AUTORES. — Casa Editora Vecchi Ltda.
Rio de Janeiro. — 1944.

Temos recebido ultimamente, com certa frequência, livros apresentando contos diferentemente organizados. Em todo caso, são eles sempre antologias de contos, separados pelo assunto, pelos autores quanto à sua época e ao seu estilo. A frequência com que tem sido imprimidos livros deste gênero mostra a aceitação que vem tendo por parte do público.

Antologias de contos modernos, de contos de amor, de autores franceses, tem sido traduzidas em português.

Recebemos agora este volume com os *Mais Belos Contos Russos*. Entre os escritores apresentados notamos alguns antigos e largamente conhecidos, e outros quasi desconhecidos entre nós. Aqui estão os titãs da literatura russa: Tolstoi, Dostoievski-Turgueniev, etc.; esses suficientemente conhecidos pelos seus romances que ultima, mente foram traduzidos para o português. Outros mais novos ou menos conhecidos como Chejov, Andreiev, Kuprin, Merejkovski.

Muitos deles, conhecidos por seus romances, talvez não o sejam como *conteurs*.

As traduções, que nem sempre são entre nós satisfatórias, deveriam encontrar neste livro uma dificuldade maior.

Não que estes contos fossem traduzidos diretamente do russo. Naturalmente muitos, talvez a maioria tenham sido traduzidos do francês ou do inglês. Assim mesmo, é difícil ajustar o modo de escrever dos eslavos aos nossos hábitos.

A diferença das linguas nas suas raízes torna ainda maior essa dificuldade.

O russo traduzido para o português apresenta um estilo cortado, sem unidade, sem a fluência que estamos habituados a encontrar nos escritores latinos.

Os próprios romances russos traduzidos, ressentem-se deste defeito.

Alguns entretanto, por motivos diferentes, tem o modo de escrever mais ocidentalizado, como por exemplo este grande Merejkovski, autor da trilogia *O Nascimento dos Deuses, A Morte dos Deuses e A Ressurreição dos Deuses*.

Por ter vivido muito tempo na Itália e convivido com a civilização ocidental, adquiriu o estilo dos escritores latinos, tornando-se por isso mesmo o mais ocidentalizado dos escritores russos.

Poderíamos apontar uma pequena falha ou melhor uma omissão no livro: a ausência de uma pequena biografia de cada autor, como se tem feito nas antologias do gênero que apareceram ultimamente.

Nesta, com muito mais razão, caberia essa biografia, apresentando aos leitores os escritores russos.

VISÕES DA CHINA. — Labieno Salgado dos Santos. — Livraria Editora Zelio Valverde.
— Rio. — 1944.



Labieno Salgado dos Santos foi consul do Brasil em Pequim, onde residiu com sua esposa durante dois anos. Homem de cultura, tendo presenciado o período de transição política e social da velha China dos dragões e os mandarin para a moderna China Republicana, a China e Chang-Kai-shek, apresenta no seu livro, de modo interessante, o panorama do Celeste Império.

Não se trata de uma obra pesada e maçante, com estudos etalhados. O livro é ameno, tornando-se um agradável assatempo.

O mistério que envolve as terras do Oriente, principalmente a China, berço de uma das civilizações mais interessantes e antigas, seria suficiente para despertar a curiosidade em torno das descrições da antiga capital do Império, feita por um ocidental, que soube destacar o que, sob o ponto de vista do ocidente, considerou mais bizarro e extraordinário. Os panoramas político e religioso são mostrados com muita habilidade. Assim, ha um capítulo em que o autor estuda os deuses e as crenças dos chineses. Sob o pretexto de apresentar a religião da China, faz um estudo muito interessante da história religiosa, que nas suas origens prende-se à própria história do país.

O budismo e o taoismo, seus templos, seus rituais, são descritos e estudados em estilo brilhante.

Alem de Pequim, o Dr. Salgado dos Santos descreve outras grandes cidades como Nanquim, Shanghai, outras que recuperaram o antigo prestígio e fausto. O livro é naturalmente um preito à China heróica que, ha cinco anos, enfrenta corajosamente o invasor japonês, lutando pela causa da liberdade e da justiça.

Sã MATERNIDADE
CONSELHOS E SUGESTÕES PARA FUTURAS MÃES
Prof. ARNALDO DE MORAES
3.ª EDIÇÃO PREÇO: Cr\$ 15,00
Pedidos à LIVRARIA F. ALVES — Rua OUVIDOR, 166

Dr. SPINOSA ROTHIER Membro do Círculo Médico de Buenos Aires
DOENÇAS SEXUAIS E URINÁRIAS
(Endoscopia, Operações, Eletricidade, Hormônios Sexuais)
Rua Senador Dantas, 45-B — 9.º andar — Apartamento 902 — Telefone 22-3387

Novos

GRITO DO SEXO (SENHORINHA ICARAI) — Romance — Alvarus de Oliveira — Zelio Valverde — (Rio)



Tirada em nova edição, que o autor refundiu e atualizou, segundo declara no próprio prefácio da obra, acaba de aparecer este romance desenvolvido dentro do cenário da praia fluminense, onde os seus personagens recebem as emoções e praticam as ações que formam a história.

Ao contrário do que pode transparecer do título, *Grito do Sexo*, não é a história de vidas agitadas e de ansiedades angustiosas recalçadas, nem o estudo de tipos freudianos em efervescência; muito ao contrário, trata-se de uma narração lírica de amores frívolos, desenvolvida nas areias de Niterói, marcada a cada passo pela poesia romântica do autor e pelo seu estilo firme e invulgar, que foge sempre ao terra-a-terra, embora se distancie da mesma maneira do gongorismo e do pedantismo vocabular.

BRASILIDADES. — F. de Bastos Cordeiro. — Rio — 1943.

Com um espírito de sadio e bem compreendido patriotismo apresenta-nos a autora um trabalho seguro, de estudos e pesquisas sobre o homem brasileiro e o Brasil.

Cada região do nosso país é detalhadamente estudada.

A história e a evolução das tribus brasileiras.

A autora aliás, revelando erudição, tem antecedido diversas descobertas sobre os índios da América e em geral, descobertas essas só agora divulgadas com o merecido destaque.

É um belo estudo do Brasil pré-histórico e das raças primitivas que ocupavam o nosso território.

Sustenta a autora a tese da primitiva ligação entre o continente americano e o mundo oriental, baseando-se para isso na semelhança antropológica dos tipos humanos destes dois continentes. Prova com argumentos incontestáveis a sua tese.

É enfim um livro que interessará, não apenas aos estudiosos do assunto como a todos os brasileiros que desejarem conhecer verdadeiramente e cada vez melhor, a história e a geografia do seu país.

REVISTA BRASILEIRA DE MÚSICA, vol. IX — Rio — 1943.

Recebemos um número da *Revista Brasileira de Música*, publicação da Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil, Ministério da Educação e Saúde.

Com o interesse crescente que vem despertando entre nós a música, sendo cada dia maior o público que vai aos concertos, torna-se indispensável uma publicação especializada sobre o nosso ambiente musical.

O número é dedicado a Mário de Andrade. A sua personalidade é estudada sob diferentes ângulos em artigos assinados por Carleton Sprague Smith, Luiz Heitor, Camargo Guarnieri, Francisco Mignone, Antonio Sá Pereira. Mário de Andrade assina também um artigo sobre *Scarlatti*.

Ainda aparecem outros artigos sobre os nossos artistas e nosso meio musical.

Cumprir a bela impressão da revista e as ilustrações do pintor tcheco Jan Zach, além do celebre retrato de Mário de Andrade por Candido Portinari.

REVISTA DO INSTITUTO BRASIL — ESTADOS UNIDOS

Temos o vol. II, n. 5, da *Revista do Instituto Brasil Estados Unidos*, correspondente a Maio de 1944.

Entre os trabalhos constantes desse número, todos de grande valor, destacamos as conferências dos srs. José Augusto e Oswaldo Trigueiro.

O primeiro tratou, na Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa, sob os auspícios do Instituto, da Política Americana de Educação; o segundo, em conferência realizada a convite do DASP, discorreu sobre Governo e Administração das Cidades Americanas.

Outros trabalhos, como os dois citados, emprestam à edição em causa indiscutível valor.

REGISTRO

BOLETIM DO MINISTÉRIO DO TRABALHO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO. — N. 117. — Maio de 1944. — Ano X.

BIO-HEPAX
PACIFICADOR DO FIGADO
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMIDINA

Instituto Roentgen

Radioterapia Superficial e Profunda
DRS. ÁLVARO FORTES — FERNANDO AZZI
RUA BARÃO DE ITAPETININGA, 139

Salas 10, 11, 12 e 14 — Fone: 4-0394 — São Paulo

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



VARIZES EM SENHORAS

Novo Tratamento sem Operação

Após longos estudos foi descoberto um medicamento vegetal para o tratamento com ótimos resultados de varizes, que prejudicam a circulação venosa. Esta medicação, na dose de três colheres de chá ao dia, em água açucarada, restitui às pernas o seu estado normal e a beleza estética. Em idêntica dose debela os males causados pelos mamilos hemorrágicos internos e externos, inclusive os que sangram. Não encontrado nas farmácias ou drogerias, peça diretamente ao depositário: CX. POSTAL 1874 (um-oito-sete quatro) São Paulo.

HEMO-VIRTUS (Líquido)

Desperte a Biliis do seu Fígado

e saltará da cama disposto para tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de biliis. Se a biliis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevem a prisão de ventre. Você se sente abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não eliminará a causa. Neste caso, as Píbulas Carters para o Fígado são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de biliis e você se sente disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a biliis correr livremente. Peça as Píbulas Carters para o fígado. Não aceite outro produto. Preço Cr\$ 3,00

A "tal" que não usa **LIFEBUOY**



Cuidado! Se as coisas não lhe correm bem, tudo pode ser devido a odores desagradáveis, que Você não sente, mas os outros sim! Comece a usar Lifebuoy, cujo elemento purificador especial...

ASSEGURA SEU ASSEIO CORPORAL!

LINTAS LHS 76-0354 B



ANILANDO OS FOCOS DE RESISTENCIA NAZISTA — SOLDADOS AMERICANOS PERCORREM AS RUAS DE MÈRE EGLISE, AFIM-DE ANILAR OS ULTIMOS FOCOS DE RESISTENCIA NAZISTA OCULTOS EM ALGUMAS CASAS DA CIDADE. OS NAZISTAS EM MÈRE EGLISE FORAM TOTALMENTE ANILADOS OU APRISIONADOS. REPREM A DISPOSIÇÃO DOS LIBERTADORES DA FRANÇA, PALILHANDO AS RUAS QUE HITLER HAVIA ANUNCIADO JAMAIS VOLTARIAM A SER PISADAS PELOS SOLDADOS ALIADOS... NADA COMO UM DIA DEPOIS DO OUTRO...

REGRESSAM OS PRIMEIROS FERIDOS — AQUI VÊMOS PADOLEIROS AMERICANOS RETIRANDO DE UM TRANSPORTE DE TROPAS OS PRIMEIROS SOLDADOS SEUS COMPATRIOTAS FERIDOS NAS OPERAÇÕES DE DESEMBARQUE NA EUROPA, E QUE ESTÃO AGORA DE REGRESSO À GRÃ-BRETANHA, ONDE SERÃO INTERNADOS EM HOSPITAIS ESPECIALMENTE PREPARADOS PARA ESSE OBJETIVO. A PRESTEZA COM QUE OS FERIDOS SÃO ATENDIDOS E RECEBEM ASSISTENCIA MÉDICA VALE POR UMA AFIRMAÇÃO DO EXCELENTE SERVIÇO PRÉVIAMENTE PREPARADO.

TELEFOTOS DA INVASÃO

A IMPORTANCIA DO CANAL DA MANCHA

A LITERATURA e o cinema, explorando todos os aspectos da guerra de 1914-18, deram ao público uma perfeita noção de como se lutava nessa época, quais as armas empregadas e os processos usados.

Durante os vinte e um anos que separaram, numa das épocas mais agitadas e germinadora de transformações radicais na política, no pensamento e na técnica, os países totalitários prepararam os seus jovens, toda uma geração, para a guerra.

Em breve o mundo inteiro percebeu que novo e mais tremendo conflito era iminente e inevitável.

A imaginação popular, sempre adiante da realidade, começava a fazer hipóteses absurdas sobre o que seria esta nova conflagração, atribuindo a ambos os lados novas e terrificantes armas, e uma transformação completa na técnica da guerra.

Provavelmente, as novelas de Wells, as guerras interplanetárias, a invasão da Terra pelos habitantes monstruosos e adiantadíssimos de Marte, deviam ter influenciado fortemente nessas concepções.

Deflagrada a guerra, notámos que não houve propriamente novas armas.

O que se viu foi o desenvolvimento de armas já conhecidas e o seu emprego em quantidade talvez nunca imaginada. Assim é que vimos a aviação e os tanques desempenhando um papel predominante e decisivo.

As torrentes de ferro e fogo despejadas pelo nazismo sobre os países praticamente indefesos que cercavam a Alemanha produziram nos outros, uma atmosfera de pavor e uma espécie de inibição logo aproveitada pelos nazistas a perfeição do assassinio em massa.

Aquela avalanche de tanques, as nuvens de aviões, as novas armas da infantaria, como o lança-chamas, combinadas a métodos psicológicos de aterrorizar os atacados deviam dar, realmente, ideia de uma invasão de homens de outro planeta, cujos sentimentos nada tivesse em comum com os habitantes da terra.

Nada pôde resistir á força desses exércitos que rapidamente se espalharam por toda a superfície do continente, como um lençol de larvas incandescentes esmagando tudo á sua passagem.

Os bárbaros de Atila e Tamerlão deviam parecer menos desumanos do que esses novos monstros do século XX. E que esses chefes barbaros desculpem a frequência com que toda hora são

invocados para comparações talvez desagradáveis para eles.

Está máquina bélica tão admiravelmente bem montada, cuidadosamente preparada durante vinte anos, tem, entretanto, as suas falhas. Uma delas, e talvez a mais séria é que, uma vez posta em movimento, não pode parar nem retroceder. Nas poucas vezes em que isso aconteceu, as avarias no seu maquinismo foram fatais.

Hitler preparou uma guerra de movimento, que deveria ser vencida pelos nazistas com a rapidez de um raio: a *blitzkrieg*.

Não contavam porém os nazistas com certos obstáculos insuperáveis.

Encontraram um em El Alamein, outro em Stalingrado, quando a *Werhmacht* foi obrigada a interromper o seu avanço diante das muralhas da Terra da Promissão, isto é do absurdo domínio do mundo que o seu Fuhrer prometera.

Outro obstáculo foi o Canal da Mancha. Este pequeno trecho de mar tem, aliás, desfeito o sonho dos conquistadores mais ousados. Depois de dominar todo um continente, eles param ali na costa da França, raivando, por não poder alcançar uma ilha.

E' que Hitler, como seu antecessor, desprezou a importância da esquadra

inglesa, não cuidando de uma forte esquadra de superfície para a "Grande Alemanha."

E, com um formidável exército mecanizado e uma aviação como nunca se vira, não pôde desembarcar seus homens do outro lado do Canal da Mancha.

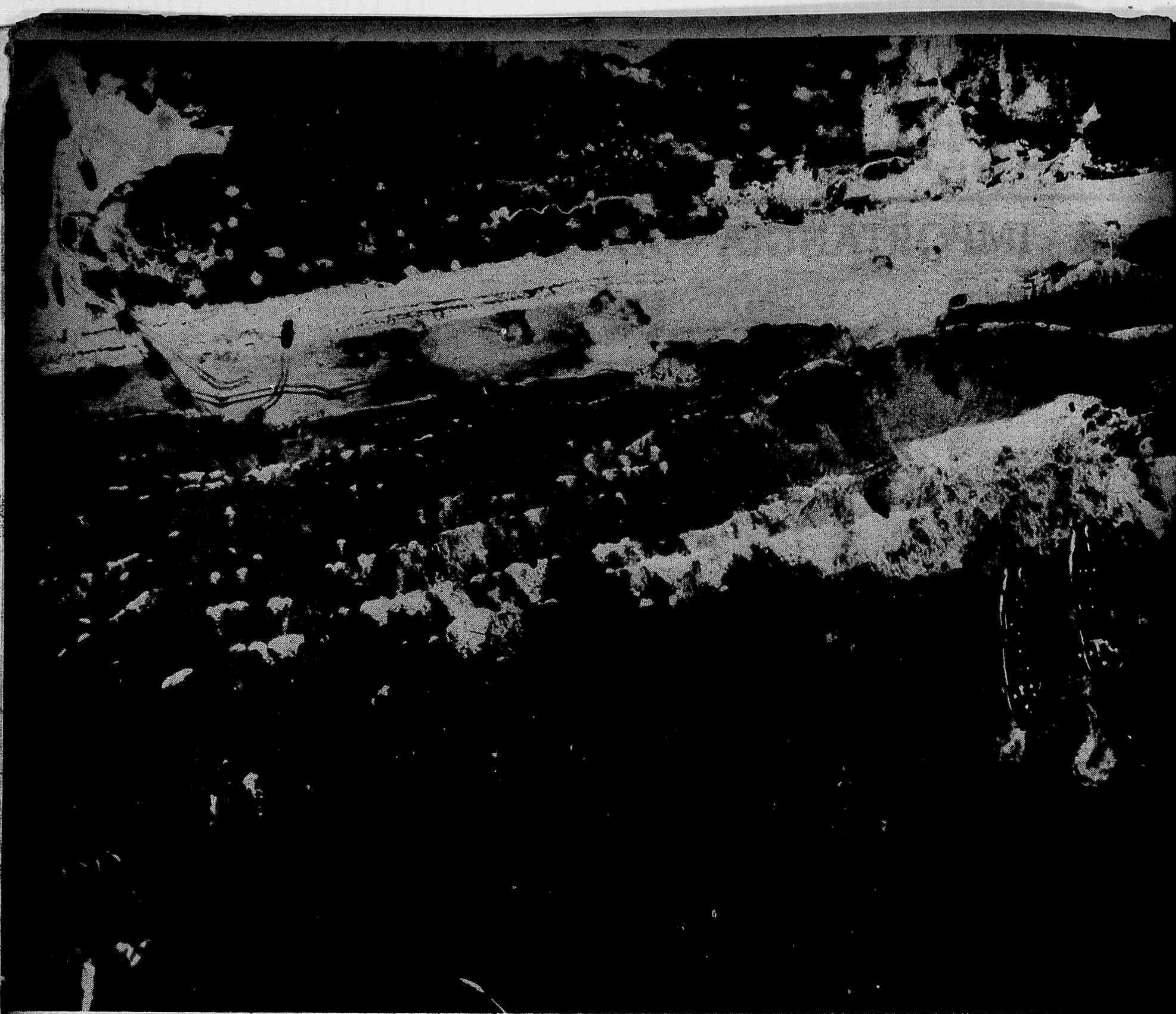
Se em 1940 os soldados alemães tivessem ousado um desembarque nas praias do sul da Inglaterra, talvez a guerra tivesse tomado outro rumo.

Mas os arrogantes "super-homens" não ousaram a travessia e não puderam enfrentar a *Home Fleet*. A Inglaterra preparou-se e os Estados Unidos entraram na Guerra. Todos sabem do resto. Os aliados fizeram aquilo que os nazistas não ousaram: atravessaram o Canal da Mancha. E esse pedaço de mar que em 40 salvou a Inglaterra e a civilização, em 1944 permite aos 4.000 navios transportando tropas aliadas de todas as nações a completa libertação da Europa.

Mas do outro lado da Mancha, naquela pequena ilha, naquela ilha tão cobiçada por Hitler estão a coragem, a tenacidade e o espírito combativo e energético de um povo que não vive apregoando a superioridade sobre os outros mas que pressa, acima de tudo, a noção de dignidade humana.

NA MANHÃ DE 6 DE JUNHO — ESTA FOTO, TIRADA NA MADRUGADA HISTÓRICA DE 6 DE JUNHO, NOS MOSTRA OS SOLDADOS ALIADOS NA PRIMEIRA FASE DOS DESEMBARQUES NA COSTA FRANCESA. NUMEROSOS SOLDADOS E TANQUES ANFÍBIOS JÁ CHEGARAM A TERRA FIRME E AVANÇAM RAPIDAMENTE AO ENCONTRO DAS DEFESAS NAZISTAS. É A HORA EM QUE SE INICIA O AJUSTE DE CONTAS E MUITOS DESSES BRAVOS PERDERAM A VIDA NESTA PRIMEIRA INCURSÃO, MAS OUTROS FINCARAM PÉ E A INVASÃO, QUE MUITOS JULGAVAM UM SIMPLES "BLUFF", TORNOU-SE ESSA REALIDADE MAGNÍFICA, A CAMINHO PARA A VITÓRIA FINAL. A DECANTADA "MURALHA DE HITLER" VAI SE ESBOROANDO MAIS DEPRESSA QUE TANTOS PENSAVAM...

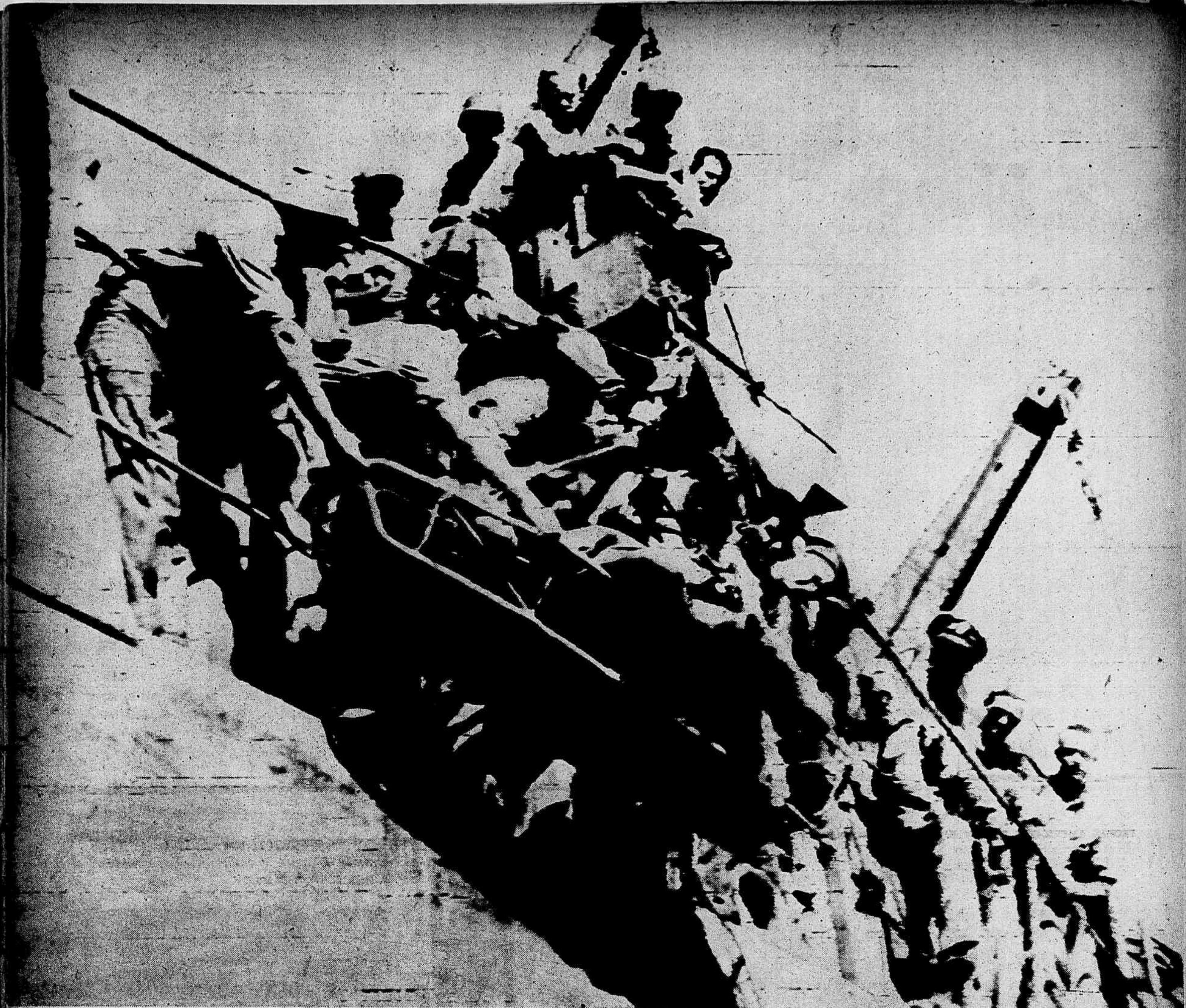




DESEMBARCANDO NO TERRITÓRIO DOMINADO PELO INIMIGO — VINTE E SEIS ANOS DEPOIS, OS SOLDADOS AMERICANOS REPETEM AS FAÇANHAS DE SEU PAIS, DERROTANDO OS SOLDADOS ALEMÃES EM TERRITÓRIO FRANCÊS. A GRAVURA MOSTRA-NOS A CHEGADA DE NOVOS BARCOS NA FRANÇA, ENQUANTO OUTRAS UNIDADES, JÁ EM TERRA FIRME, PERMANECEM DE RESERVA NAS TRINCHEIRAS ABERTAS NAS PROXIMIDADES DA COSTA. AS PRAIAS SÃO TOMADAS DE ASSALTO, SOB O FOGO INIMIGO. TUDO ACONTECEU NA MANHÃ DE 6 DE JUNHO.

NOVOS DESEMBARQUES NA FRANÇA — TROPAS DE ASSALTO AMERICANAS SALTAM DE UMA BARCAÇA DE INVASÃO AO LONGO DE UMA ESTREITA FAIXA DA COSTA FRANCESA, PROTEGIDAS DO FOGO INIMIGO PELOS PENHASCOS DA EXTREMA DIREITA. APO'S SE CONCENTRAREM, OS SOLDADOS AVANÇARAM RAPIDAMENTE PARA O INTERIOR DO CONTINENTE. AS BARCAÇAS VOLTAM A ATRAVESSAR A MANCHA, PARA APUANHAR NOVOS CONTINGENTES E OS REFORÇOS NÃO CESSAM. CENTENAS DE MILHARES DE HOMENS ASSIM DESEMBARCAM.





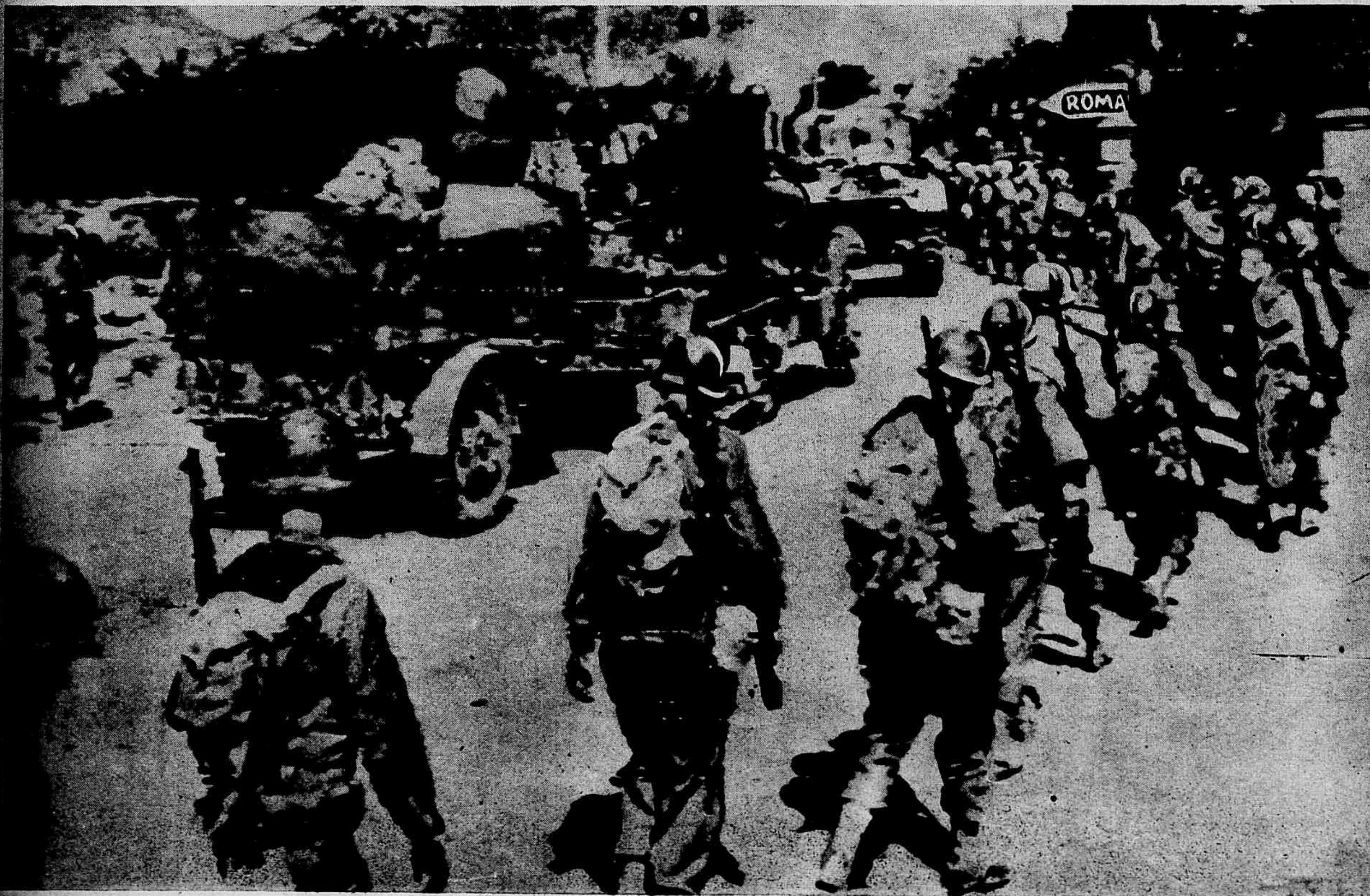
DESMBARQUES DOS PRIMEIROS
FERIDOS — OUTRORA, HOMENS CAIDOS
NO CAMPO DE BATALHA FICAVAM AO DESAM-
PARO, SEM CUIDADOS MÉDICOS, POR LONGO
TEMPO. HOJE, RAPIDAMENTE SÃO AFESTA-
DOS DO CAMPO DA LUTA ONDE, ALIÁS, RECE-
BEM, SEM DEMORA, APLICAÇÕES DE SULFA
E PENICILINA, PARA EVITAR INFECÇÕES PE-
RIGOSAS. POR ISSO, AS MORTES, NA INVASÃO,
ESTÃO SENDO EM NUMERO REDUZIDÍSSIMO.
AQUI VÊMOS OS PRIMEIROS FERIDOS AMERI-
CANOS CONDUZIDOS IMEDIATAMENTE PARA
BORDO DAS BARCAÇAS.

O GENERAL MARSHALL NA FRANÇA
— GEORGE C. MARSHALL, CHEFE DO ES-
TADO-MAIOR AMERICANO, A CAMINHO DA FRAN-
ÇA. AQUI O VEMOS VIAJANDO NUM TANQUE
ANFÍBIO, EM DIREÇÃO À COSTA FRANCESA.
NO CENTRO, VÊ-SE TAMBÉM O GENERAL EI-
SENHOWER. ELES MOSTRAM AS FISIONOMIAS
RADIANTES, PORQUE SEUS PREPARATIVOS
FORAM COROADOS DO MAIS COMPLETO ÊXITO
E NADA MAIS PODERÁ RETIRAR DA TERRA FRAN-
CESA OS HOMENS QUE ALI FIZERAM DESEM-
BARCAR NESTA MESMA E HEROICA MADRU-
GADA.



"SEJAM BEMVINDOS A' CIDADE ETERNA..." — FOI ASSIM QUE AS JOVENS ROMANAS RECEBERAM OS PRIMEIROS ALIADOS AO ENTRAREM EM ROMA NO DIA 4 DE JUNHO. AI VEMOS TRÊS CICLISTAS AMERICANOS CATIVOS DO BOM HUMOR E DOS SORRISOS DESSAS DUAS LINDAS ROMANAS. A ENTRADA DAS TROPAS ALIADAS EM ROMA CONSTITUIU UMA VERDADEIRA CONSAGRAÇÃO PARA A CAUSA DA LIBERDADE. NAQUELE DIA, ENCERRAVA-SE UM LONGO E TENEBROSO PERIODO DE TIRANIA NAZI-FASCISTA.

TROPAS AMERICANAS ENTRAM EM ROMA — UMA COLUMA DE SOLDADOS CRUZA OS HUMBRAIS DA LIBERTADA CIDADE DE ROMA, DEPOIS DE ANIQUILADAS AS ULTIMAS RESISTÊNCIAS DO INIMIGO NAS PROXIMIDADES DA CAPITAL ITALIANA, ONDE OS SOLDADOS DA LIBERDADE FORAM RECEBIDOS COM ENTUSIASTICAS MANIFESTAÇÕES DE ALEGRIA. OBSERVEM, À DIREITA, O DISTICO "ROMA", ASSINALANDO QUE DALI EM DIANTE UMA GRANDE ETAPA DA GUERRA FOI VENCIDA. E MUSSOLINI? ONDE ESTARIA ESCONDIDO NO DIA 4 DE JUNHO DE 1944?



ELE ENTROU PARA TOMAR CAFÉ E PASSOU O RESTO DO DIA...

A moça estava, evidentemente, preocupada. Relia, atentamente, a carta. Ele parou á porta e entrou.

— Café, por favor.

— Pois não. O senhor tem pressa?

— Absolutamente.

— Nesse caso vou fazer mais um pouco.

— Ótimo.

Enquanto ela preparava o café, ele olhou em torno. Ao canto da sala, um piano velho, mas de ótima qualidade. Mesas em estilo antigo, paredes decoradas com cenas de taberna de tempos idos.

— Aqui está o seu café.

— Obrigado.

Ele provou.

— Está delicioso.

A moça sorriu satisfeita.

— Acha?

— Delicioso!

Ela deixou-o e voltou para um canto do balcão. Tomou a carta. Uma carta grande. Carta de banqueiro, sem duvida. Resposta a um pedido de empréstimo. O estado de conservação da sala, muito limpa, mas muito pobre, eram prova suficiente de que o café não prosperava. Por que? Talvez por causa do competidor, que instalara defronte, bem na margem do rio, um bar ultra-moderno. A moça estava preocupada. Tão jovem e com toda a responsabilidade de um negócio daqueles! Ele queria ajudá-la, mas como?

De repente, um grupo de rapazes e moças entrou.

— Há café bom aí?

— Sim, senhor.

— Quer me ver umas xicaras e uns sanduiches?

— Pois não.

— Um momento. Não há musica aqui?

— Nós temos o radio.

— Não falo em rádio. Radio tambem tenho no carro.

— Ah, nesse caso, não temos, não senhor.

O rapaz voltou-se para os outros.

— Vamos embora, pessoal, não há musica. Vocês não queriam dançar?

— Alí defronte tem um café ótimo. Vamos lá, sugeriu uma moça do grupo.

— E'. Vamos embora.

O rapaz voltou-se para eles. Chegara a sua oportunidade de ajudar a moça do balcão.

— Um momento. Quem foi que disse que não há musica aqui?

— Mas a senhorita...

— Nada disso! Aqui estou eu.

— Bem nesse caso...

— E que querem ouvir?

— Mete lá um swing.

— Um swing? Pois não! Vamos ao swing.

O rapaz sentou-se ao piano e começou a tocar. O ritmo contagiante da melodia agradou aos moços. Começaram a dançar.

De repente, o pianista resolveu cantar. Tinha uma linda voz, suave, melodiosa, aveludada. Foi um sucesso. Quando acabou, o grupo bateu palmas e pediu bis.

— Bis, não, que é muito cacete. Vou cantar outra para vocês. Conhecem: O Luar Brinca Nos Seus Cabelos.

— Não.

— E' assim...

Tinham formado em volta dele um grupo. Com as xicaras na mão e os sanduiches no pires os rapazes e moças cantarolavam, acompanhando-o. No meio da canção, entrou novo freguez, atraído pela musica. No fim do terceiro numero, a casa já estava cheia. Havia palmas, gritos.

— Bis!

Dentro de uma hora, a moça do balcão tivera que mandar chamar um conhecido para ajudá-la a servir.

Duas horas depois, estava o café cheio, quando apareceu um senhor baixo e calvo. Era o dono do café defronte.

— Você aí! disse ele ao pianista.

— Está falando comigo?

— Sim. Venha cá.

— Venha cá você, se quiser, que eu não sou seu criado.

— Quanto ganha neste café?

— Que é que você tem com isso?

— Quero oferecer-lhe o dobro.

O rapaz olhou para ele, como que calculando.

— Não adianta.

— Não adianta por que?

— Porque você não tem dinheiro para pagar-me.

— Já lhe disse que dou o dobro do que você ganha aqui. Quanto lhe dão?

Mil cruzeiros?

— Dois mil.

— Pois bem. Dou-lhe quatro mil por mês.

— Perdão. Eu ganho dois mil por dia.

— Está louco?

— Não senhor. Estou passando muito bem, obrigado. Toda vez que canto, são dois mil cruzeiros. Meio caro, não é?

— Ora!...

O homem saiu furo. O rapaz deu uma gargalhada. A moça se aproximou naquele momento.

— Que queria ele?

— Oferecer-me o dobro do que você me paga para, ir cantar no café defronte.

Ela sorriu.

— Se ele soubesse...

— Soubesse o que?

— Que eu lhe devo tudo isso...

— Ué! Que bobagem. Esse sorriso aí vale o ordenado de um mês. Menina, você descobriu a pedra filosofal. E' só sorrir que eu estou contente...

— Deixemos de brincadeira... Eu... eu não sei como agradecer-lhe.

— Eu ensino. Mande aquele sem vergonha daquele negociante passear... Nós vamos batê-lo, em concorrência. Olá se vamos!

— Posso perguntar-lhe uma coisa?

— Pois não!

— Como é seu nome, mesmo?

— Susanna...

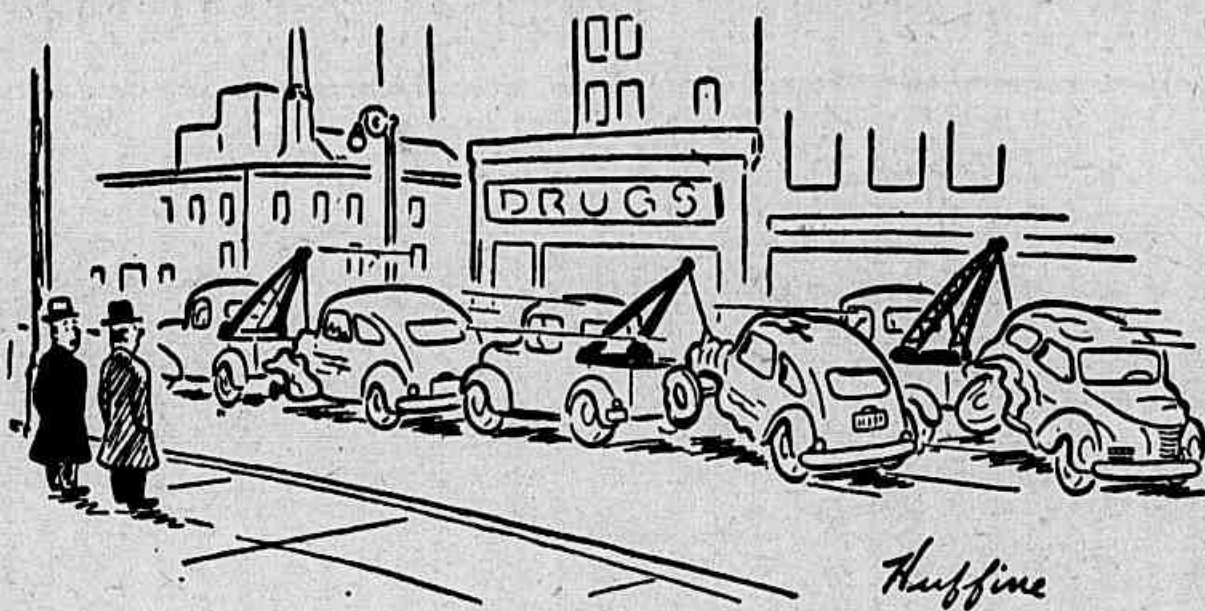
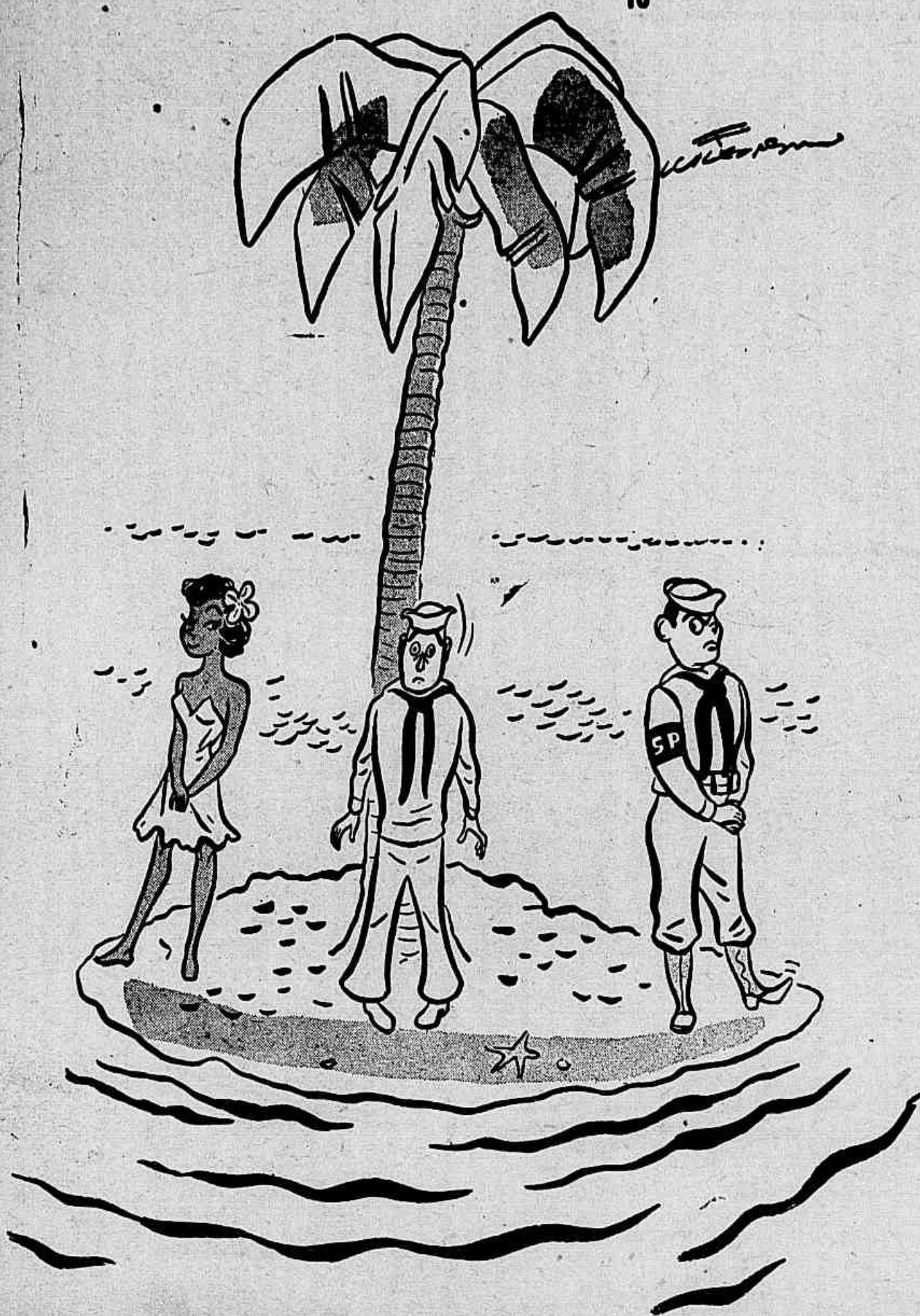
(Continua na pag. 45).

CAFÉ, AMÔR E MELODIAS...

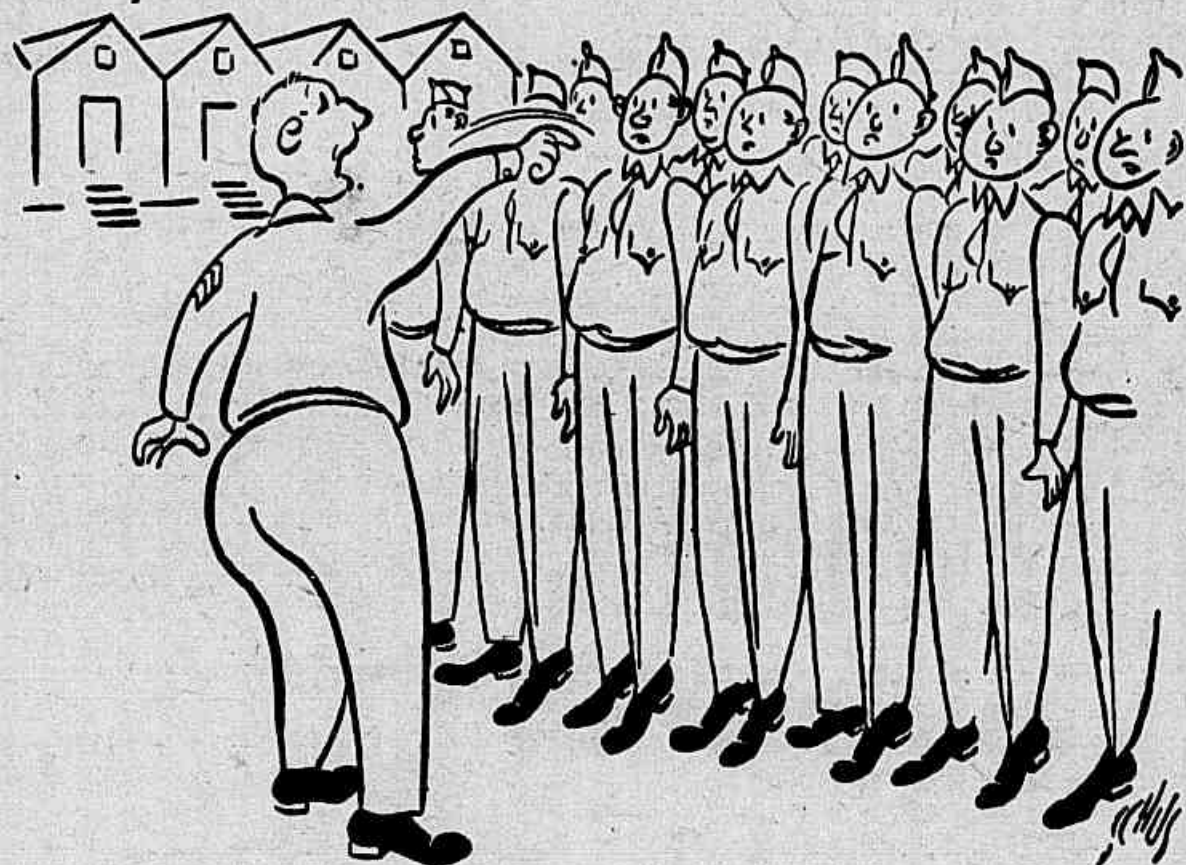
CONTO DE
TALBERT JOSSELYN

Traduzido especialmente para a
REVISTA DA SEMANA



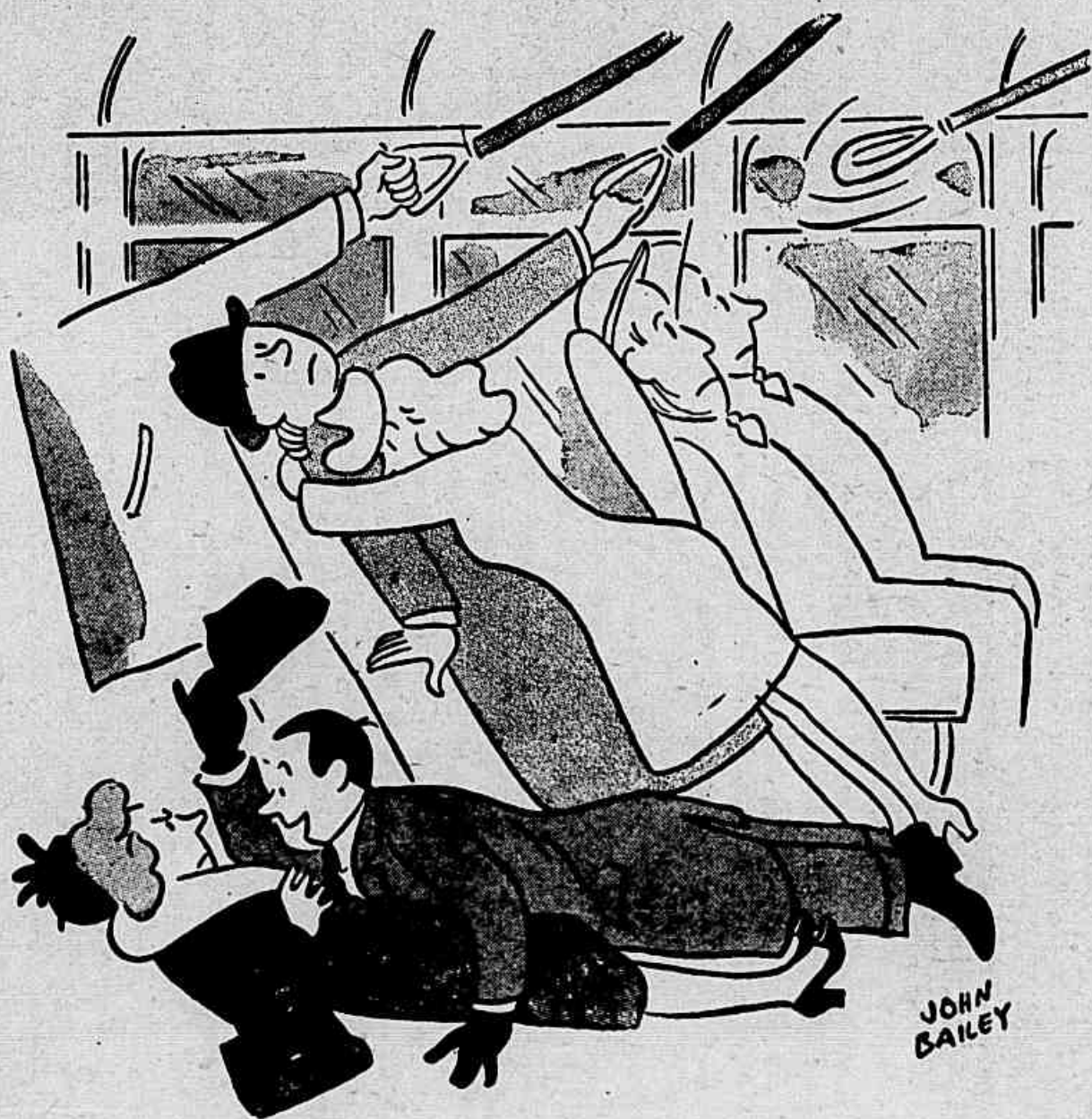


Espero que seja apenas coincidência, mas
minha mulher saiu hoje de carro.

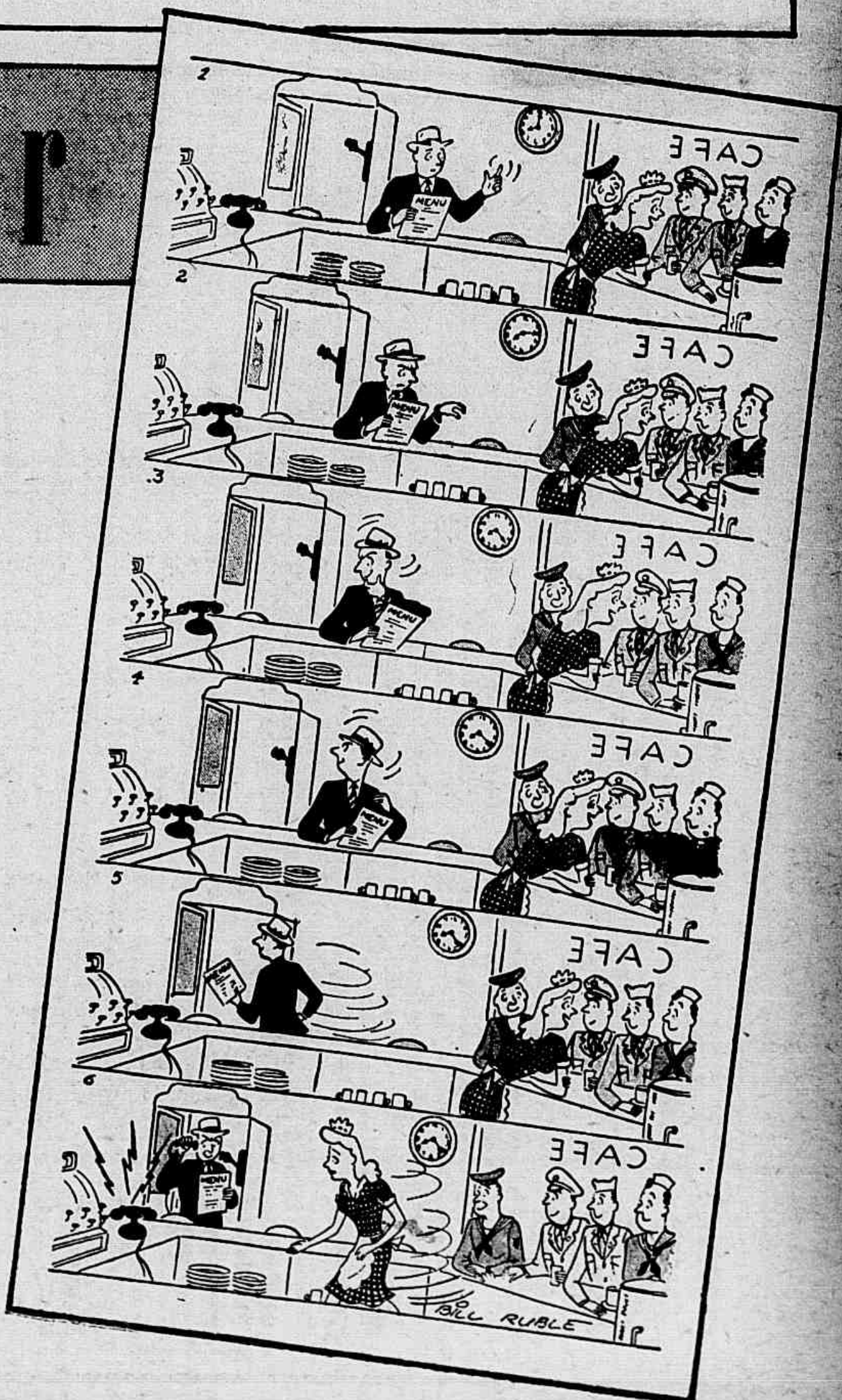


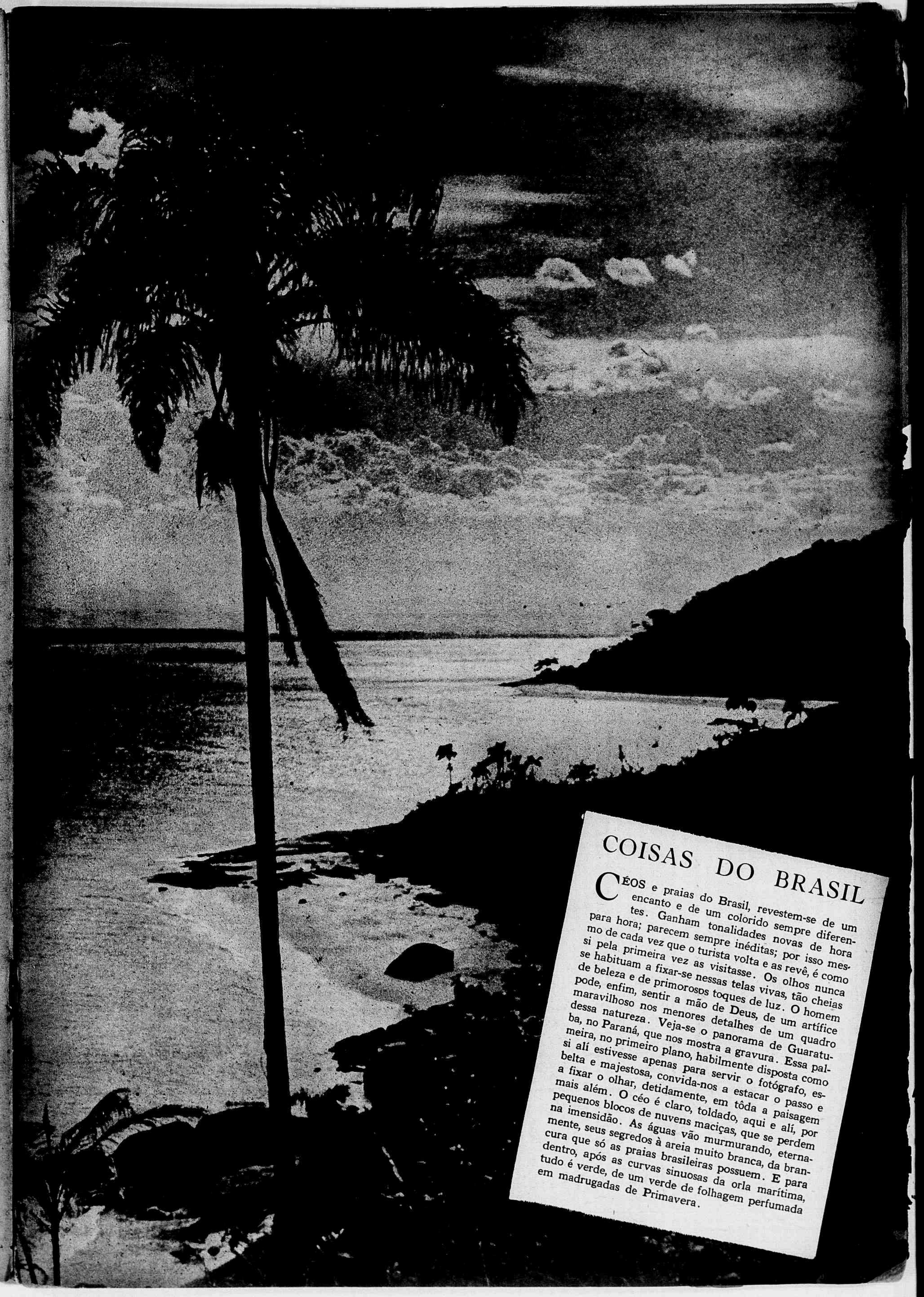
Preciso de três voluntários: você, você e você.

De bom humor



A parada é um pouco brusca, não acha ?





COISAS DO BRASIL

CÉOS e praias do Brasil, revestem-se de um encanto e de um colorido sempre diferentes. Ganham tonalidades novas de hora para hora; parecem sempre inéditas; por isso mesmo de cada vez que o turista volta e as revê, é como si pela primeira vez as visitasse. Os olhos nunca se habituam a fixar-se nessas telas vivas, tão cheias de beleza e de primorosos toques de luz. O homem pode, enfim, sentir a mão de Deus, de um artífice maravilhoso nos menores detalhes de um quadro dessa natureza. Veja-se o panorama de Guaratuba, no Paraná, que nos mostra a gravura. Essa paisagem, no primeiro plano, habilmente disposta como si ali estivesse apenas para servir o passo e a belta e majestosa, convida-nos a estacar o olhar, a fixar o olhar, detidamente, em toda a paisagem mais além. O céu é claro, toldado, aqui e ali, por pequenos blocos de nuvens maciças, que se perdem na imensidão. As águas vão murmurando, eternamente, seus segredos à areia muito branca, da brancura que só as praias brasileiras possuem. E para dentro, após as curvas sinuosas da orla marítima, tudo é verde, de um verde de folhagem perfumada em madrugadas de Primavera.

aqui no pátio, junto às janelas do andar térreo!

Agora, mãe, eles inventaram um novo suplício, o Dr. Almeida trouxe toda a malária da Barra da Tijuca e me injetou no corpo dolorido.

Sinto a cabeça em brasa, minha mãe querida, e o frio já começa a me invadir. Já não posso mais escrever, já não posso mais pensar. Já não posso mais viver. Já não posso mais. Já...

Mãe, que frio senti! Tentei tomar um banho quente, mas Waldemar havia se trancado no banheiro.

Ainda sinto frio agora, não é tanto, mas ainda é muito.

Porque é que inventaram a malária? Por que é que inventaram a Europa? Mãe eu quero voltar para a fazenda, eu quero montar de novo em Javali e cavalgar pelos campos atrás dos bois perdidos. Esta Ilha de Santa Helena é muito triste, e a libertação da Europa ainda não terminou. Ah! minha mãe, não aguento mais ouvir o pranto dos homens escravizados, não posso mais escrever, pois a Tia Valdemira está dentro do tinheiro, tentando quebrar o bico da pena.

Mamãe, tire pelo amor de Deus a Tia Valdemira daqui, desenterre Margarida do cemitério de Vila Iracema, mande encarcerar Hiller, liberte Paris, para ver se salva a alma do seu pobre Almerindo.

Ah, mãe! Porque me trancaram dentro deste carcere, diante do cipreste abandonado do jardim? — Que fiz eu para que me pusessem na cabeça todo o calor do Senegal e me lançassem nas veias todo o gelo das estepes?

Mãe, Mãe! Tenha compaixão de mim! Venha ver o seu filho vitorioso e vencido, triunfador da Europa e prisioneiro da malária! Venha ver o seu filho Duque, que não cabe dentro de uma camisa de força. Venha ver o seu filho... venha ver o seu filho...

Agora me lembrei, minha mãe, de que é que o Diabo tem medo. Não é de aspirina não — é de incenso. Se ainda houver um pouco dele aí por casa, peça mandar-me, para queimar aqui no quarto e espantar o sujo.

Mande-me o incenso por favor, mamãe, pois os alemães estão utilizando gases venenosos contra nós e a minha cabeça continua a arder.

Agora os ponteiros estão marcando cinco e vinte e cinco e o frio passou. Sei que é esta hora, pois os ponteiros estão juntos, e não sei que horas são quando eles se separam, pois se a hora é maior que o minuto, o ponteiro maior devia ser o das horas e o pequeno o dos minutos. Mas isto está errado, como tudo no mundo. Tudo agora se concertará porém, pois vou investir contra a Muralha do Atlântico e salvar a Europa, salvar a humanidade. Mãe, são cinco e vinte e cinco, a hora "h" da invasão.

Neste momento decisivo, envie a bênção ao filho saudoso que se assina

DUQUE EISENHOWER ILICHTH ULIANOV
(STALIN)

capeta roubou o jornal. — Ele é quinta coluna. Não queria que eu tomasse conhecimento da invasão da Europa. Eu já havia lido tudo, porém, e ele nada conseguiu.

Mas quando descemos para o pátio, encontrei o amigo dele, meu cruel adversário, Napoleão Bonaparte, que anda aqui incognito, disfarçado — Todos dizem que se chama Benevenuto Severo, mas se ele mesmo fala que é o Grande Corso quem é que pode me tapear?

Não desfaço os valores de meus inimigos, de modo que o respeito, apesar de saber que acabarei vencendo. E conto com as simpatias populares. Todos aqui têm mostrado a máxima atenção e solidariedade para comigo, aplaudindo sempre os meus discursos. A senhora ficaria orgulhosa, estou certo, se visse o seu filho terminar uma tremenda catilinária contra os carcereiros da Fortaleza Europeia. E, quando desço da tribuna, a multidão rompe em delirantes gritos de "Viva o Duque de Wellington! Viva o nosso Salvador! Abaixo Adolfo Napoleão! Abaixo a escravidão!"

E sempre no meio do câro sobressai a voz morta de Tia Valdemira: "Viva Wellington! Viva o Sinhô Brandão! Abaixo Hiller Levindo!"

Mas sempre nesta ocasião, entra o diabo com os seus sequazes e depois de me amarrarem numa túnica de ferro branco, me atiram para dentro de uma fogueira imensa, de gelo, que me corta as carnes e me aperta o coração.

A despeito disto, hei de continuar lutando para quebrar a resistência dos nazistas, pois não posso continuar a ouvir os gritos do rapaz que eles todas as noites martirizam no quarto em baixo. Se o destino me deu o nome de Wellington hei de honra-lo até o fim e conseguir a liberdade da Europa, embora o Dr. Almeida continue a insistir em me chamar de Almerindo Brandão.

Ah! minha mãe! Eu sei que é covardia abandonar a Europa nas garras de Napoleão, mas queria voltar a ser Almerindo, o menino moleque da D. Luzia, que quebrava os telhados e matava as pombas do Cel. Felício. Então, a senhora me afagaria novamente os cabelos e iria acender o fogo para fazer o café de seu filhinho. Ah! Mãe, eu queria rever o Mato Grosso, ir de roupa nova à missa das nove em Vila Iracema, comprar bolões e linha 50 para a senhora no Salomão, beijar Margarida atrás do muro do cemitério.

Mãe, porque é que não posso voltar? Mãe porque é que me fizeram Duque de Wellington?

Mãe, venha em socorro do teu filho prisioneiro em Santa Helena, que eu não posso mais ouvir os lamentos dos negros enterrados nos formigueiros, cujas cabeças saquiolentas os nazistas vêm atormentar com jatos de água gelada.

Mãe, querida mãe! Venha ver como sofre o teu filhinho, ao ouvir o grito do Conde Ciano, que acabaram de fuzilar

Procurei esquecer e, então, Margarida entrou no quarto e veio pé ante pé para junto de mim. Mas quando quis abraçá-la ela passou por entre

as grades da janela e se perdeu do outro lado do jardim, atrás do cipreste. Também não sei porque se lembraram de plantar ali aquela árvore, se não existe sepultura nenhuma em baixo.

Mas poderão aproveitar para enterrar lá o José Lino, que morreu ontem, depois da operação. Ele era um bom sujeito, até me havia dado de presente uma bala que lhe tiraram do braço. Ficou com outra na cabeça e de vez em quando aquilo lhe doía, e ele se tornava cego.

Melhor ser cego, Mamãe, para não ver o que se passa aqui. A tarde passada, por exemplo, Satanás entrou no quarto da moça que mora ao lado e que se chama Zila. Ela gritava, chorava, batia a cabeça nas paredes, mas o demônio não a deixou em paz, até que o Doutor lhe aplicou um pouco de morfina. — Não sei se foi morfina, cafeína ou fluoreceína, mas foi alguma coisa, assim, que o diabo não tolera. Só então o demo se foi, mas antes passou pelo meu quarto e furtou o jornal que o José Lino havia me dado.

É proibido ler jornal aqui, mas eu o havia escondido em baixo do colchão. Mesmo assim, Satanás o descobriu e foi-se embora com ele. Que medo eu tive, Mãe!

Todos os dias ele vem ao meu quarto para me perseguir. Esconde os chifres dentro de um gorro branco, cobre-se com um grande lençol da mesma cor mas eu sei que é o diabo. É uma espécie de integralista — Branco por fora e vermelho por dentro. Agora eu descobri porque o

Casa de Saúde, Rio de Janeiro, em um sábado de junho do ano de 1944 do nascimento de N. S. Jesus Cristo, 122 da Independência do Brasil e 1 da invasão da Europa.

Minha Querida Mãe.

Hoje tornei a ter novas saudades da fazenda, lembrando-me da Senhora, de Mariana e de todos os outros daí. Em verdade só não tive saudade de Tia Valdemira, pois ela ainda me amolou a noite inteira, contando aqueles eternos casos do nosso tio avô Dr. Levindo, que mandou enterrar vivo o irmão dela no formigueiro, por ter roubado na dispensa um pouco de carne moqueada. E até de madrugada, não consegui pensar direito nos grandes problemas que tenho a solucionar, porque o diabo da negra não parava de falar em Vorô Brandão que havia sido tão bom para os escravos, um "bolicionista", apesar da onça que o irmão era, mandando açoitar as mucamas e enterrar os negros no meio das sawas. Estou agora ainda tremendo de ouvir as histórias de Tia Valdemira, os escravos chorando nos formigueiros, as negrinhas com os seios cortados pelo chicote.

ESCREVEU
GOELIUS
AULICUS

A CARTA DE WELLINGTON

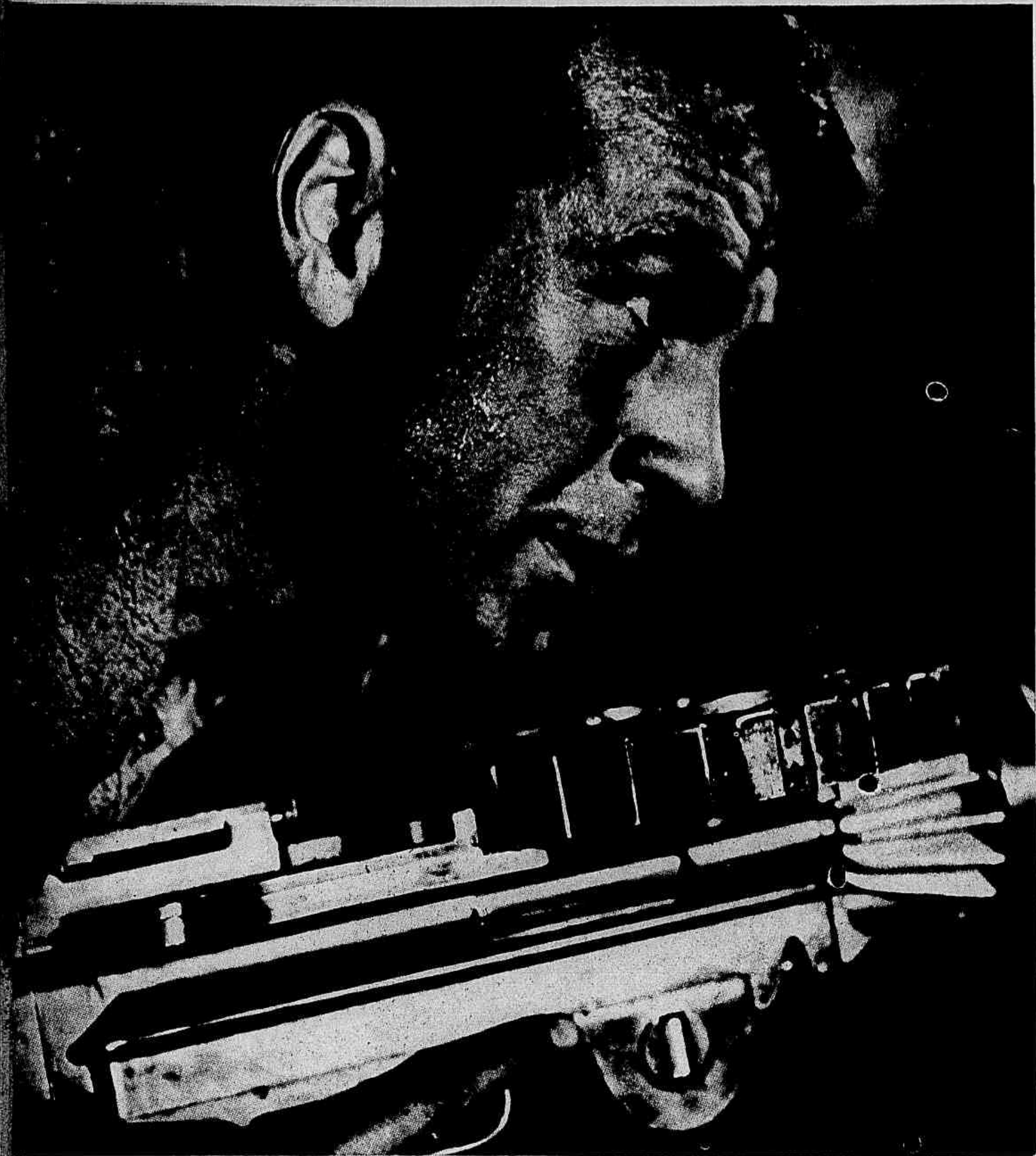
ILUSTROU

MIGUEL H.



S o c i e d a d e

Senhora Gustavo Capanema, esposa do ministro da Educação e Saúde .



OS AMANTES IDEAIS

VELHOS apaixonados da gente de cinema teem motivos bastantes para intristecer nestes ultimos tempos. Vai longe a hora dos romanticos permanentes da tela; hoje é tudo assim, transitorio e efemero. O cinema dos aureos dias do silencioso, aquêle que os fans saudosistas choram de lagrimas sentidas, permitia que um Ramon Novarro filmasse vêzes seguidas com a mesma heroína, e a dupla de enamorados formada por John Gilbert e Greta Garbo chegou a fazer que surgissem insinuações muito repletas de malicia sobre os amôres que amboz estariam vivendo fora da tela. Como si não bastasse o idílio por amboz vivido longe dos refletores!

Valentino e Vilma Banky — que amôr duradouro aquêle! foi talvez o mais demorado e, si a morte não quebrasse o poema cinematográfico, sabe Deus até quando se estenderia ainda!

Hoje, parece dominar o espírito de Hollywood a preocupação de separar os apaixonados. Vivêram um romance enternecedor neste filme? Pois então, por castigo, não podem voltar a enamorar-se naquêlo immediato... Cada





qual para seu lado, que isso de continuar "flirtando" juntos é coisa feia... Sim, podia ser feio. Mas o público gostava.

Agora, deram a Gary Cooper uma nova namorada. Chama-se Ingrid Bergman e parece — ao menos as fotos dão essa impressão — terem nascido para se amar. Certo, quando terminam a filmagem, ele vai para aqui, ela para acolá. Têm vidas distintas. Não repetem, à luz de um luar californiano, o diálogo e os murmúrios que disséram pouco antes à luz das câmeras.

Mas deixem lá que o parquinho amoroso está combinando! Gary Cooper, o displicente por excelência, o homem que não liga ao penteado, nem à barba, nem ao laço da gravata, é bem o indivíduo talhado para essa pequena toda simplicidade e ternura, branda como os passaros e mal disfarçando as tormentas que lhe podem assaltar o íntimo. Quando olha, não vê o que está perto — seus olhos perdem-se na distância. Ele também. Quando sorri, parece nutrir um grande pavôr desse sorriso. Ele foi sempre o maior abstinente nesse particular. Mas quando sente que outra mulher a pode suplantar! Desde "Intermezzo", passando por "Casablanca", até agora em "Por quem os sinos dobram..."

Ou muitos nos enganamos, ou desta vez Hollywood terá de quebrar os seus preconceitos e voltar a aproximá-los em outro romance. Um romance onde não haja tanta metralhadora, onde Ingrid Bergman não precise tosar os cabelos e onde o displicente Gary Cooper encontre uma folguinha para barbear-se...

(Fotos Paramount)



A high-contrast, black and white photograph of the Statue of Liberty. The statue is shown from the waist up, holding a torch in its right hand and a tablet in its left. The image is grainy and has a dramatic, almost graphic quality. In the foreground, the top of an American flag is visible, with its stars and stripes clearly defined. The background is a dark, textured sky.

**UMA VISITA À
ESTATUA DA LIBERDADE**

QUEM vai a Nova-York e não faz uma visita á estatua da Liberdade pode ficar certo de ter sido incompleta a sua excursão. Não ha turista que se préze capaz de incidir nessa falha, e os proprios americanos, quando ali chegam, de quer logarejo do interior, filiam-se aos estrangeiros, destinan-lo uma tarde ou uma noite para conhecer, de perto, a dama da flamula e da bandeira que drapeja tão orgulhosamente. Ela vale por um símbolo de liberdade, justiça e igualdade. Nós todos a conhecemos de longe, através dos milhares de fotografias que as revistas e jornais anualmente nos mostram, como também das documentações cinematográficas. A estatua da Liberdade tem sido até mesmo personagem obrigatoria em memoraveis filmes. Um dia, Charles Boyer marcou encontro com Irene Dunne, lá no alto. Ela faltou. Ele desiludiu-se para o resto da vida e só voltou a encontrá-la anos mais tarde, descobrindo então que o motivo da falta ao "rendez-vous" fôra originado por um acidente de automovel... Nesse filme, a estatua da Liberdade éra um personagem marcante. Toda a tragédia da novela girava em torno ao monumento simbolico. Mas a verdade é que em outros tempos, naquêlo mesmo local, existiu uma prisão. E o local da prisão converteu-se no monumento simbolico da Liberdade, embora muita gente continue presa por esse mundo de Deus... Quando os visitantes ali penetram, encontram ainda quem lhes mostre reminiscencias dos tempos em que se prendiam individuos naquêlo mesmo local. Mas depois tudo se esquece, galgando os cento e tantos degrãos e espalhando os olhos, extasiados, lá de cima... Que infelicidade para os cegos! Os privados da vista perdem essa fonte de emoções maravilhosas, e aquêles que nunca vêem realizado o seu supremo sonho, de visitar a America, vão se contentando com as imagens cinematográficas, é claro.

Aqui mostramos, nestas fotos, detalhes do monumento e da maneira por que se galga, pelo interior, essa obra gigantesca, ofertada pela França aos EE. UU. A França

UM EMPREGADO CONDUZ ALGUNS VISITANTES AO PORÃO ONDE EXISTEM AINDA CORRENTES E PORTAS DE FERRO, REMANESCENTES DA PRISÃO FEDERAL QUE EXISTIU ALI. E' IRONICO O FATO DESSA ANTIGA PRISÃO TER SE TORNADO A BASE DO SÍMBOLO DA LIBERDADE.

BEM PERTO DA PORTA PRINCIPAL DOS EE. UU., VÁRIAS TURISTAS SABOREIAM UMA DELICIOSA SODA, Á SOMBRA DE UM GUARDA-SOL ENQUANTO MISS LIBERDADE, DE PÉ, AO FUNDO, LEVANTA A SUA FLAMULA. AO LADO ESQUERDO DA ESTÁTUA HÁ UM LIVRO REPRESENTANDO A LEI PARA SIMBOLISAR A LIBERDADE BASEADA NO DIREITO. NA CAPA DO LIVRO, UMA DATA: 4 DE JULHO DE 1776.





UM SOLDADO DE LICENÇA E SUA NAMORADA APRECIAM A BAÍA DE NOVA IORQUE, DA TESTA DA ESTATUA. QUARENTA PESSOAS CABEM NA CABEÇA DO MONUMENTO. AS PONTAS DA COROA TEEM SETE PÉS E ONZE POLEGADAS. QUE MARAVILHOSO PANORAMA DEVE DESCORTINAR-SE LÁ DO ALTO!

foi sempre grande amiga de Tio Sam e por isso mesmo os soldados de Tio Sam lá se encontram, mais uma vez, pugnando pela libertação dos franceses...

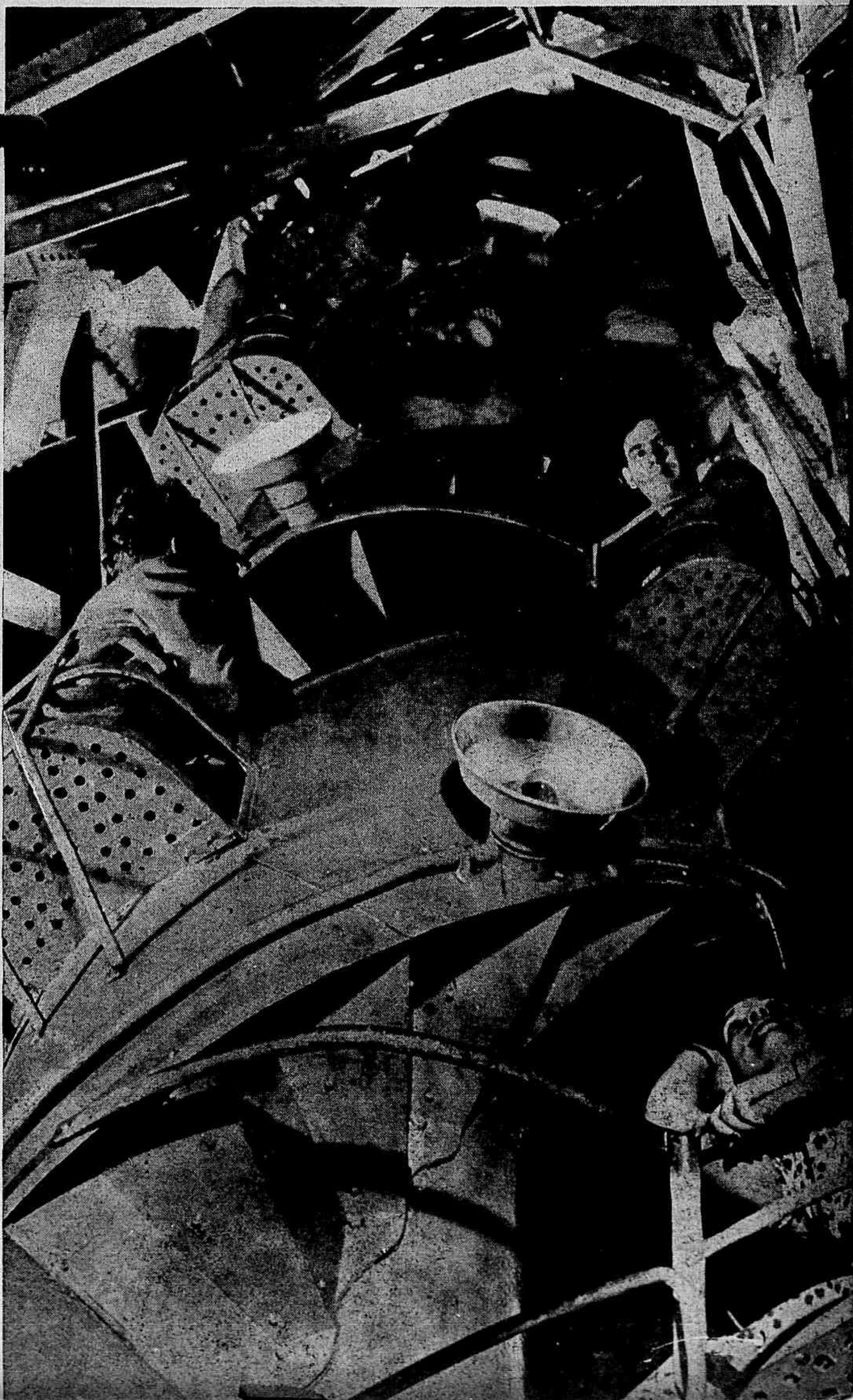
Jamais, como nestes dias historicos, a estatua da Liberdade foi tão simbólica. Jamais se compreendeu tão bem a razão porque os americanos e franceses confraternisam de tal maneira, como nesta fase heroica da Invasão.

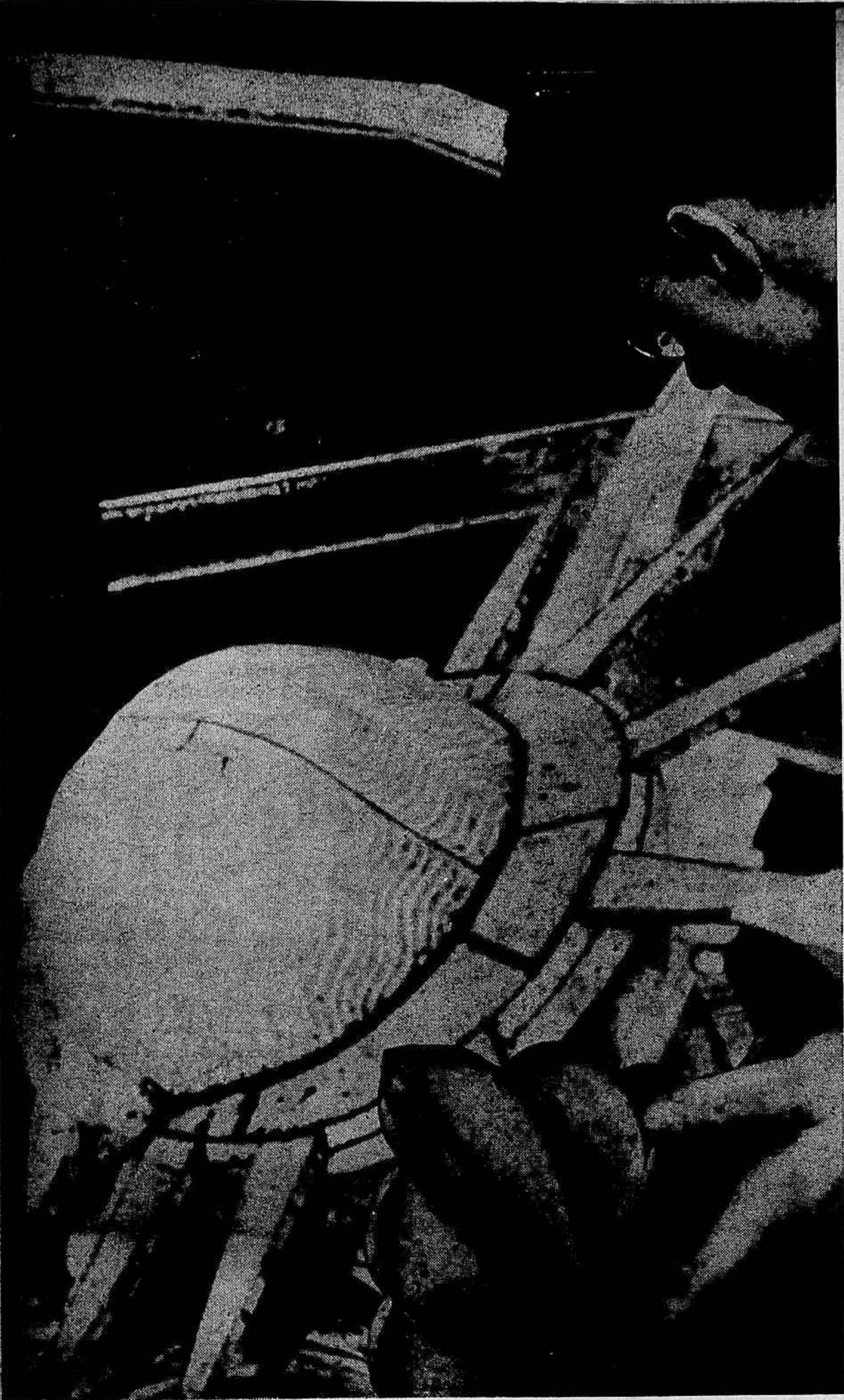
A guerra ha de passar. A paz voltará a reinar por sobre a França e o mundo inteiro. E a estatua da Liberdade — soberba, forte, dominadora — continuará de flamula em punho, indicando aos vindouros que não morrem os supremos ideais do Homem, embora o Homem tantas vezes perca a vida por esses ideais supremos.



ALGUNS, MAIS CORAJOSOS, SOBEM OS CENTO E SESENTA E OITO DEGRÁUS ATÉ À CABEÇA DA LIBERDADE, AVENTURANDO-SE DEPOIS A GALGAR MAIS QUARENTA E DOIS, DA ESCADA EM ESPIRAL, QUE VAJ ATÉ A FLAMULA SITUADA NA MÃO DIREITA. REPAREM NA ILUMINAÇÃO FORTE, OTIMAMENTE LOCALISADA, DENTRO DO BRAÇO DIREITO.

OS TURISTAS AGORA ESTÃO DENTRO DA CABEÇA DA ESTATUA E OLHAM PARA BAIXO, POR CIMA DO CORPO IMENSO. HÁ CENTO E SESENTA E OITO DEGRÁUS DENTRO DO MONUMENTO. SO' OS JOVENS OUSAM EMPREENDER A SUBIDA. MUITOS DEIXAM SEUS AUTOGRAFOS EM VÁRIOS PONTOS.





NO BRAÇO DIREITO, LEVANTADO, DA ESTÁTUA, O VISITANTE PODE OLHAR PARA BAIXO E VÊR A CORÔA DE PONTAS, A GRANDE DISTANCIA. NÃO SABEMOS SI ERA INTENÇÃO DO ESCULTOR FAZER ESSA DAMA COM OS CABELOS ONDULADOS OU SI ESSAS ONDAS SÃO, REALMENTE, UMA PARTE DO DESENHO DA CORÔA. DE QUALQUER MODO, TUDO MUITO TRABALHADO.

DE PÉ, NA FLAMULA, ON DE CABEM DOZE PESSOAS, TEM-SE ESSA VISTA EXTRAORDINARIA DA ESTÁTUA E DO CHÃO, EM BAIXO. OBSERVANDO-SE ATENTAMENTE, PODEM VÊR-SE AS MINUSCULAS CABEÇAS DOS TURISTAS APARECENDO DEBAIXO DO DIADEMA. É REALMENTE GRANDIOSO O MONUMENTO E UMA VISITA AO MESMO FAZ PARTE DO "CAR-NET" OBRIGATORIO DE CADA VISITANTE.



A ESTÁTUA AJUDA OS VENDEDORES DE CURIOSIDADES. RARAMENTE OS VISITANTES PARTEM SEM LEVAR UMA LEMBRANÇA DE SUA VISITA AO ALTAR DA LIBERDADE QUE ILUMINA O MUNDO. DOIS ALIADOS Nossos FAZEM NEGOCIO COM UM FOTOGRAFO NA BASE DO MONUMENTO. VENDEM-SE POSTAIS, TIRAM-SE POSES INSTANTANEAS, TAL COMO AQUI NO RIO NO PÃO DE AÇUCAR.



PRONTO, A VISITA FOI FEITA A NEW YORK E AO MONUMENTO MAIS FOTOGRAFADO DE TODO O MUNDO. AGORA O VISITANTE PODE TOMAR O SEU NAVIO E VOLTAR PARA CASA TRANQUILO. ELE ACENA PARA A DAMA DO CRUZEIRO, QUANDO PASSA EM FRENTE BOA VIAGEM, AMIGO, E ATÉ OUTRA VÊZ...



EVOCANDO E VENDENDO



Teto da Sala do Trono no palacio de São Cristovão. Grupo principal da ornamentação do teto. Pintura de Bragaldi. 1860.

N O atual Rio de Janeiro existem poucos edificios antigos grandes, breve contados pelos dedos. Entre restantes sobreleva-se, externamente, o palacio de São Cristovão, posto a museu de historia natural. Seu interior suportou radical transformação, mas quem sabe Brasil sabe quanto a casa tradicional inspira lembranças.

Principiou a casa simples Quinta da Boa Vista ao tempo do Principe Regente, ao qual o nome de quinta devia recordar Portugal rustico. Justificando nome, a propriedade consentiu vista ampla de um Rio de Janeiro em plena exuberancia da flóra tropical respeitada.

Aos poucos a Quinta passou a Palacio, dando tétos a um rei e a dous imperadores. D. João VI, de atribulada vida, ali dela apartou horas de paz na peça de reinar que o destino lhe pregára.

O mesmo succedeu ao filho de D. João VI, D. Pedro I, sem que o neto, D. Pedro II, pudesse realizar o que um verso de Sainte Beuve apontou como felicidade individual: nascer, viver e morrer na mesma casa.

A casa de São Cristovão, mesmo transformada, no seu arquitetónico se impõe magestosa na moldura verdejante de parque ao qual cuidados de Glaziou deram riqueza de arvores frondosas, sem diminuir perspectiva.

Não se negue alma ao corpo dos edificios historicos, nem á paisagem de sitios famosos. Aquela alma entenderam ou a entendem poetas ou escritores celebres. Que lindos versos os de Musset memorando tres degraus de marmore cor de rosa vistos em dia de solidão e melancolia nos jardins de Versalhes!

Do palacio de S. Cristovão desapareceu o antigo interior. Conservado, seria magna parte do patrimonio historico nacional. Nem todos os povos são capazes de guardá-lo.

O interior do palacio teve dantes apenas aspecto condigno. Devia-se-o a pessoas régias, embóra singelas, acessíveis a toda hora aos mais humildes. Haviam nascido entretanto os donos da casa de altas estirpes acostumadas a cerimoniais de corôa, ao pior da etiqueta, constrangedora, de liames necessarios á pompa.

A casa de S. Cristovão ia com os donos, a receberem nela muito Brasil illustre, já por seus grandes homens, já por seus sucessos assinalados. Uns e outros entraram no paço de S. Cristovão principalmente da Maioridade em diante até fim de meio seculo de liberdade assegurada e de progresso meditado a bem da verdadeira utilidade publica.

Em 1889 foram banidos D. Pedro II e os seus, que nossos eram. Banimento anti-juridico, sentenciaram dantes juriconsultos, que no Direito patrio buscaram em vão semelhante pena.

Em 1889 mesmo, o grupo dos banidos perdia um dos seus serenos componentes, a imperatriz D. Teresa Cristina, falecida no Porto, tendo por ultimo aposento um quarto de hotel.

Aos seus bens no Brasil abriram inventario. Esqueça-se como tais bens foram arrolados, a trouxe mouxe, e avaliados por baixo preço. De Agosto a Dezembro de 1890, os bens da imperatriz formaram enorme leilão, abrangendo importantes leilões parciais, no proprio palacio de S. Cristovão onde obras de corre corre adaptavam o edificio á Assembleia Constituinte de novo regimen.

Estudo e catalogo do leilão empreendidos á beneditina por Francisco Marques dos Santos, salvador de memorias, conservam, para alguns dos que ainda estão e para muitos que hão de vir, todo o valor historico das hastas publicas de 1890, o conhecimento dos preços dos objetos leiloados, o nome dos principais arrematantes, além de muita outra informação preciosa. Acha-se tudo na publicação do referido estudo e sem catalogo anexo, publicação feita pelo *Anuario do Museu Imperial* em Petropolis.

Saído da nostalgia do solitario parque de Versalhes, poetisou Musset tres degraus do roseo marmore. Quem compreender o espirito do estudo e do catalogo Marques dos Santos e com aquele espirito penetrar no transmutado palacio de S. Cristovão poderá ver pela imaginação, á qual se atribuem olhos.

O visitante preferirá talvez evocar salas principais do paço. Eis as do Trono, a dos Embaixadores, a da Imperatriz.

Por natureza e fins augusta, a Sala do Trono não podia ser áugusta.

Os recintos da especie exigem vastidão que impõe, ornato que completa, luz que ilumine docemente. A meia sombra estendida sobre tapetes aveludados convida a pisar macio. Assim, no paço de S. Cristovão e sua Sala do Trono, um Arbusson convidava ao respeito no preço das cousas raras.

No ambito da Sala o verde dominava, no trono onde ouro, márfitim, esmalte, azul, verdes no sólio o estrado e o docél. A cor era bem nacional.

Vasos de Sévres, pompeando em colunas de jacarandá, apresentavam o acabamento perfeito de tudo quanto sai da manufatura celebre de poucos rivais no mundo da porcelanaria quebradiça.

Salas do Trono não prescindem de lustres imponentes. Dous enfeitavam a Sala de S. Cristovão, de valia e originalidade por muitas figuras e muitas mangas de cristal, adornadas de corôas e ramos de fumo e café, em cunho brasilico.

A pintura realçava a dignidade da sala, simbolicamente pintada por Bragaldi em 1860 para que depois o trabalho do artista sofresse indigna mutilação. A barbárie tem as artes por alvo.

No Imperio, para a Côte, os dias de grande gala começavam por *Te Deum* na Capela Imperial, findos no cortejo no Paço da Cidade, tão proximo do templo. O ceremonial palaciano concorria com as manifestações de regosijo oficial ou particular, aquelas consistentes, ao nascer e pôr do sol, por salvas de fortalezas ou navios de guerra, bandeiras nos edificios publicos, a guarnição de serviço em primeiro uniforme, espetaculos de gala e iluminações alegrando a cidade.

Os dias de pequena gala eram de Sala do Trono, dias de natalícios e lutos da Familia Imperial, entre os do luto mais assinalado o de 24 de Setembro, data da morte de D. Pedro I, obrigando a salvas e a armas em funeral no serviço de quartéis ou estabelecimentos publicos do governo.

As pessoas que desejavam, nos dias de pequena gala, associar-se ao jubilo ou ao pezar da Familia Imperial eram por ela recebidos na Sala do Trono, para honrar presença e cortezia de visitantes no retribuir obsequios.

Contigua á Sala do Trono demora vaa dos Embaixadores, ou mais exatamente dos Diplomatas. No Brasil Imperio só havia legações estrangeiras e nem na Europa os embaixadores andavam a granel.

Na Sala dos Diplomatas forrava preciosamente soalho um vasto e vistoso Arbusson. Na sala havia muito que ver, bastante que admirar, assaz que considerar em patrimonio historico de sumo valor estimativo. Não se compra Historia.

Entre objetos dignos de especial atenção sobrelevava-se numa tela o retrato de corpo inteiro de D. Pedro II por Mouvoisin de Quinsac, o pintor reproduzindo o imperador e sua imagem em 1847, a de um moço de vinte e dois anos fortes e donairosos.

Na Sala dos Diplomatas eram recebidos os representantes de nações estrangeiras antes da passagem á Sala do Trono para apresentação de credenciais ou cartas revogatorias de missão.

Quantas figuras, quantos ecos de discursos vio e ouviu a Sala do Trono! Nela estiveram, para citar apenas gente illustre americana, um Mitre argentino, um Lamas uruguaio, um Blest Gana chileno, um Berges paraguaio, um Escandon mexicano, este só para anunciar a exaltação ao trono do arquiduque Maximiliano no antigo imperio astéca.

De presença na Sala do Trono foram também Christie, ministro inglês, Gobineau, ministro francês, para ficarem na lembrança de D. Pedro II de moda bem diferente. Por isto os relembremos.

Gobineau foi sempre amigo de Pedro II. Acompanhou-o em viagem pela Europa. Correspondeu-se assiduamente com o imperador junto ao qual representára França, representando igualmente junto a D. Pedro II cultura e arte como escritor e escultor. A correspondencia Pedro II-Gobineau forma hoje livro bem elucidativo para ajuizar os correspondentes e suas afinidades.

Ninguém versado em historia patria pode duvidar do desagrado das relações officiais de D. Pedro II e do ministro Christie, quando causador este de questão internacional que levou o Brasil e a Inglaterra a rutura diplomatica, não em defesa nossa no admiravel parlamento inglês. Afinal justiça surgiu completa, a nós dada em laudo de arbitro régio qual Leopoldo I da Belgica, Coburgo prezado pela rainha Vitoria.

Para o reatamento de relações, a Inglaterra deputou ministro em missão especial, ministro cujo discurso desagradador ouviu D. Pedro II não na Sala do Trono de S. Cristovão, sim em tenda sua de guerra, de Uruguaiana posta em sitio para desalojamento da cidade de paraguaios invasores.

A' Sala do Trono ou á dos Diplomatas, ambas cerimoniais, proferia D. Pedro II acolher visitantes no recesso de seu gabinete, na sua tão privada quão grata biblioteca ou na sala do Conselho de Estado, que bem pudera chamar-se das Sabatinas. A estas o imperador sujeitava os ministros de Estado a ouvirem o "verifique, verifique" do chefe da nação desejando o exame de muita nomeação proposta ou de pretensão apresentada que não lhe parecia satisfazer o bem ou o serviço publico. Os casos do efeito salutar do "verifique" seriam citaveis e até por depoimento de Ministro de Estado de 1879. No palacio de S. Cristovão recebia a imperatriz suas visitas da cerimonia ou de coração, em sala recomendada pelo mobiliario, solido no jacarandá, de bom gosto nos ornatos, sem que a sala deixasse de ter "cunho de dona de casa". Na vida diaria a imperatriz exemplificava a figura feminina tão nobre da sociedade brasileira antiga, figura achegada á mulher forte da Biblia...

Em D. Teresa Cristina teve a dona de casa brasileira bem alto modelo.

Na sala de visitas do imperador um relógio imponente, em forma de bronzeo vaso, marcava tempo ás visitas agradaveis dos fastidiosos e nestas o olhar azul de D. Pedro II talvez procurasse discretamente o mostrador.

Em geral as visitas do soberano pediam-lhe venia para cumprimentar D. Teresa Cristina, sobretudo se a pessoa viéra agradecer qualquer graça.

Um visitante da especie, agraciado com titulo nobiliarquico, impetrou a citada venia. Já se arrependera o solicitante de haver em tempo doestado a Familia Imperial nas suas pessoas e na de antepassados das mesmas.

Ao pedido para cumprimentar a imperatriz retorquiu o imperador sorrindo: Estou pelo seu desejo, achando preferível não realisar-o. Eu sou Bragança, a imperatriz Bourbon. O observado entendeu, e foi-se, sem a visita, mas com o conselho dado a tempo. Ofendidos, os Braganças esquecem mais, os Bourbons menos.

ESCRAGNOLLE DORIA

De repente, soou o grito: Socorro! Estão me matando! Havia mais de uma pessoa nas vizinhanças, mas somente Jack ouviu. Alucinação? A solução, meus amigos, não é tão simples...

o trem de oito e quarenta e seis para Londres, ele jogava um pouco de golfe, seu esporte favorito. Mas, como era mau jogador, o treino pouco lhe servia. Não tinha jeito nem para colocar a bola. O *handicap*, que ele vinha tentando com tanto esforço reduzir, era muito grande.

Jack tomou o bastão, repetiu, mentalmente, as instruções que lera no "Manual do Perfeito Jogador de Golf", e preparou-se para...

— Socorro! Estão me matando!

O rapaz levantou mais uma vez a vista. Ninguém. Mais ou menos além da direção de onde partira o grito havia um *bungalow*. Era uma casinha branca, cujas paredes desapareciam sob o manto encantador de várias trepadeiras floridas. Um pequeno jardim, onde vicejavam rosas maravilhosas, rodeava aquele recanto poético.

Jack correu em direção da casa, procurando avistar de onde estava a moça que vira ao passar. De fato, todas as manhãs quando ele passava em direção ao prado, via uma linda jovem tratando do jardim ou colhendo flores.

Jack pensara logo ter sido ela a dona da voz aterrorizada, mas verificou que era impossível!

A moça estava de pé, regando as roseiras. Havia uma cesta cheia de flores pousada ao seu lado. Ao aproximar-se, assustado e esbaforido, Jack parou, de repente, interdito. Ela levantara os olhos lindíssimos e contemplava-o, surpresa e, talvez, um pouco apreensiva.

— Perdão, senhorita, eu...

— Cavalheiro?

— Senhorita, eu não a conheço e sei que é uma ousadia da minha parte dirigir-lhe a palavra, mas espero que as circunstâncias extraordinárias me dispensarão as formalidades...

— Francamente, cavalheiro, eu não compreendo...

— Desejava perguntar-lhe uma coisa...

— Perguntar-me uma coisa?

— Sim.

— Pois bem, pergunte.

— Senhorita, por acaso gritou, faz poucos instantes?

— Si eu gritei?

— Sim.

— Não, senhor, não gritei.

— Não ouviu nenhum grito?

— Não, senhor. Francamente, cavalheiro, o senhor me assusta...

A surpresa dela era tão sincera que ele corou.

— Mas a senhorita deve ao menos ter ouvido...

— Ouvido o que, cavalheiro?

— O grito horrível.

— Mas si já lhe assegurei que nada ouvi.

— Não é possível!

— Como, não é possível! Duvida de minha palavra?

— Oh, meu Deus! A senhorita não pode deixar de ter ouvido. Era um grito tremendo e veio desta direção.

Jack observava-a, desorientado. Não era possível que ela não tivesse ouvido. Mas, por outro lado, também não podia acreditar que mentisse. Sua fisionomia não demonstrava o menor embaraço. Parecia tão somente surpreendida e assustada, o que, afinal de contas, era muito natural, em vista do que ele lhe acabava de perguntar.

Jack repetiu:

— Veio desta direção.

— Mas que espécie de grito?

— Um grito de angústia, um grito de quem vai ser assassinado. "Socorro! Estão me matando!", foi o que ouvi.

— "Socorro! Estão me matando", repetiu ela pausadamente. Alguém estava brincando com o senhor, cavalheiro. Quem poderia estar sendo assassinado aqui perto? Não há esconderijo nenhum nesse descampado.

Jack olhou em torno, confuso. Não sabia mais o que pensar. Depois do que acontecera estava disposto a tudo. Nada mais o surpreenderia. Apesar de tudo o que ocorrera, entretanto, ainda estava seguro da existência de alguém, morrendo, pelas cercanias. Ou, pelo menos, de alguém que, por motivo qualquer, tivesse gritado. Não fora imaginação. Disso estava certo. Não podia ter sido. Os gritos

(CONTINUA NA PÁG 52)

NOVELA
DE
AGATHA
CHRISTIE

JACK olhou para a bola e, com um golpe de vista, calculou a distância dela ao buraco mais próximo. Ia dar uma bastonada certa, mas hesitou. Decididamente, nunca seria um campeão de golfe.

— Diabo!

Olhou em torno para ver si alguém ouvira a exclamação irritada, porém o prado estava deserto.

Eram exatamente sete horas e vinte e cinco minutos. Jack, depois de consultar o relógio, resolveu dar mais uma jogada antes de voltar. Todas as manhãs, antes de tomar

O misterio do JARRO AZUL

Olavo Dantas, o romancista do mar — Um grande jardim sempre florido — Satisfeito com a carreira literária — Onde os bem-aventurados pobres de espírito podem incursionar — Estreando como poeta — Um romance inédito, o livro preferido.

De Armando Miguéis



NUM mundo vazio de sonho e fantasia, onde milhares de bocas clamam por um pedaço de pão; num mundo trágico e dantesco onde milhões de homens se empenham numa luta de vida ou de morte, combatendo aqueles que renegaram Deus, apunhalaram a Pátria e abandonaram a Família; num mundo desesperado e aflito onde milhares de canhões vomitam a cada instante a morte, a destruição e a miséria, o homem vai encontrar no aconchego dos livros alguns instantes de reflexão para o seu espírito atormentado com a miséria do século.

E' ali, preso entre as paredes de seu quarto de estudos, que ele busca, através da palavra escrita, o bálsamo para suavizar a ferida daqueles que não tiveram a felicidade de aprender a lêr.

E' também nas páginas de uma obra literária que o soldado, após o ardor da refrega, vai descobrir alguns momentos de descanso espiritual, até que a luta o chame novamente á frente de batalha, afim de combater o inimigo comum que não trepidou em queimar em praça publica os livros dos grandes mestres.

Foi nesse afan de procurar num livro alguns minutos de concentração mental que nos veio á ideia ouvir o autor de uma obra literária que ficou guardada para sempre em nossa memória, tal a sua força descritiva.

Referimo-nos a Olavo Dantas, nome que se impôs rapidamente á admiração de todo o país como um dos mais perfeitos escritores de temas marítimos que conhecemos. Seus livros "Sob o céu dos trópicos", "Gaivota dos sete mares" e "O romanceiro do mar" constituem revelações literárias, onde o mar, com a sua poesia e mistério, aparece glorificado como um velho deus mitológico.

Localizar e ouvir Olavo Dantas não foi tarefa das mais difíceis. Ele, embora de viagem marcada para a terra de Tio Sam no dia seguinte, não se furtou a manter conosco uma agradável palestra através da qual ficámos sabendo que em Belo Horizonte fez a sua iniciação literária. Sua família tomara residência temporária no solar dos Dolabela Portela, na Avenida do Contorno. A casa era cercada de um grande jardim sempre florido. E no meio da magia policrômica das mais lindas rosas o autor de "O romanceiro do mar" começou, como o jardineiro de Tagore, a sua corrida atrás do cervo de ouro. Depois daquela época, como no simbolismo do poeta indiano, percorreu países longínquos á procura da "sua fugitiva visão".

Quando lhe perguntámos se estava arrependido de ter iniciado a carreira literária, sua resposta foi clara:

— O escritor encontra sempre na criação literária a maior e mais consoladora recompensa do seu esforço. No Brasil, os literatos somos todos amadores. Ao que me consta, não ha nenhum profissional das letras entre nós, porque cada qual tem a sua

técnica que lhe faculta os meios de vida. A literatura é para passar o tempo ou para dar expansão á nossa vontade creadora. O homem é um deus decaído que se lembra dos ceus, disse Lamartine. A literatura e a arte são os caminhos da ascensão espiritual com que tentamos recuperar o nosso lugar entre os deuses.

Nota-se nos trabalhos em prosa de Olavo Dantas um "que" de poesia impressionante, causando até espécie o seu descaso pela arte de Bilac.

Comentando a respeito desse fato, solicitámos a sua opinião sobre a poesia moderna. Ele não se recusou a dá-la:

— Acho que a filiação dos poetas ao rigorismo das escolas literárias é quase um artifício da critica. Ha os que são poetas e os que não tem o privilégio divino da revelação estética. Mas a literatura e a arte, com as franquias facultadas pelo modernismo, tornaram-se um campo neutro, onde os incultos e os "bem-aventurados" dos pobres de espírito, podem fazer suas incursões, com evidentes prejuizos para o desenvolvimento cultural do país. Porque esses indivíduos, que seriam talvez excelentes fabricantes de linguças, vieram ocupar os lugares dos representantes legítimos da nossa inteligência e bom gosto. A critica mistificadora dos compadres deixa na penumbra as expressões reais do mérito literário para exaltar os simuladores de génio. Vivemos numa época de confusão tendenciosa em que os espíritos pedestres procuram impedir o vôo da juvela a quem Deus emprestou as asas da inteligência. Para isso chegaram á conclusão de que escrever bem é um defeito e de que escrever com acerto é um pecado passadista. Desse modo os fabricantes de linguça podem ser escritores e os verdadeiros escritores não tem outro remédio senão tratar de fabricar linguças. A poesia, entretanto, ha de pairar acima desse vozeio absurdo porque, desde o tempo de Platão, o "Bom é o Belo". A poesia deve dar eternidade a tudo o que é melhor e mais belo no universo como pensava Shelley; o homem só pode pretender imortalisar o que é feio ou disforme quando ele se torna louco ou delirante.

Após esse comentario sobre a poesia moderna, o Pierre Loti brasileiro, conforme o chamou o escritor Raul Machado, disse-nos que não havia razões para falarmos em descaso pela musa, explicando que o seu primeiro trabalho foi um livro de poesias: "Folhas de Acanto", publicado em 1931.

— Minha entrada para a Marinha, no ano seguinte, revelou-me a verdadeira estrada do meu destino literário. O mar, esse mundo misterioso e animado, foi para mim uma revelação de beleza e de poesia. A voz cariciosa das sereias que seduziram os marinheiros de Ulisses ainda me parecia vagar sobre as inquietas solidões oceanicas. Sob a transparência azul de suas ondas eu via um abismo de sombras e mistérios. E sob a inspiração do "belo mar selvagem", escrevia a minha trilogia: "Sob o céu dos trópicos", "Gaivota dos sete mares", e o "Romanceiro do mar".

— Tem mais algum livro pronto?

— Tenho quatro para entregar ao prelo. Não os publiquei ainda porque devo fazer por esses dias uma longa viagem, indo provavelmente aos Estados Unidos. Antes, tomarei parte em patrulhas oceanicas, pois, sendo marinheiro, desejo participar dos serviços de guerra que a nossa Armada está empenhadamente efetuando.

— Quais os nomes desses novos livros?

— Tenho prontos "Rosa do mar salgado", romance de ambiente escandinavo; "Lanternas do meu caminho", poesias; "Arte e Literatura", ensaios e criticas; o "Livro do marinheiro", para a educação militar naval dos nossos marujos.

A palestra agradável do escritor faz esquecer por instantes o mundo que nos rodeia. Acompanhámos as suas narrativas sobre as viagens que tem empreendido a serviço da Marinha de Guerra do Brasil e manifestámos curiosidade em saber os seus autores preferidos, nesses longos cruzeiros a outras plagas.

— Pierre Loti, Schuré, Jurien de la Gravière, Paul de St. Victor, Albert Samain, Venceslau de Moraes e, sobretudo, Camões, o maior poeta marítimo do mundo. Está claro que só me estou referindo aos estrangeiros.

— Como prefere escrever?

— O mais longe possível das irradiações de "foot-ball" e das novelas.

— Dos seus livros, qual prefere?

— O meu romance inédito "Rosa do mar salgado", que se passa em grande parte na Escandinávia. Dos países que percorri, o que mais me agradou foi a Suécia. Aliás toda a Escandinávia constitue um mundo á parte, que será o mundo do futuro. Quando a Humanidade tiver juizo, ha-de procurar naqueles países nórdicos os modelos para resolver os seus magnos problemas políticos, sociais e económicos. Infelizmente o vendaval de fogo os alcançou, porque o mundo ainda não está á altura de compreender aquela maravilhosa civilização boreal e aproveitar-lhe os ensinamentos. Sobre a vida, costumes e lendas da Suecia, escrevi o meu romance. Serei muito feliz se as cenas e cenários que ali descrevo, de tanta beleza espiritual (porque o sueco é talvez o povo mais educado e amavel do mundo), puderem contribuir de alguma forma para o aperfeiçoamento do nosso povo, que é matéria prima ideal para os modeladores de civilização."

A noite estendeu o seu manto estrelado. A cidade foi invadida por um turbilhão de luz. E o reporter, satisfeito na sua curiosidade, despediu-se de Olavo Dantas que, ao amanhecer, partiria em visita a novas terras.

ENTRE ÂNCORAS E LETRAS

Vai falar o espirito de HUMBERTO DE CAMPOS

"NÃO PROCESSAREMOS A FEDERAÇÃO ESPÍRITA", DECLARA-NOS O DR. MILTON BARBOSA — "É UM CASO SEM PRECEDENTES" — NÃO TENHO OPINIÃO FORMADA SÔBRE O ESPIRITISMO" — PARA O ESPIRITISMO, A QUESTÃO É UM "VERDADEIRO AUTO DE FÉ" — "O JUIZ DEVERÁ AGIR COMO LEGISLADOR" — A OPINIÃO DE ABRAHÃO RIBEIRO E PEDRO CALMON — HUMBERTO DE CAMPOS FILHO DÁ O SINAL DE ALARME — "OS DIREITOS AUTORAIS SÃO NOSSOS", DIZ HUMBERTO DE CAMPOS FILHO. "MEU PAI NÃO VIVIA E NÃO MORREU SÓ!" — "TERÁ HUMBERTO AUTORIZADO EM VIDA A PUBLICAÇÃO DE SUAS OBRAS PÓSTUMAS?"

Na entrevista que nos concedeu o Dr. Milton Barbosa, advogado da família de Humberto de Campos, foram rebatidas todas as objeções formuladas pelas diferentes autoridades e publicadas pela REVISTA DA SEMANA nas suas reportagens anteriores.

O Dr. Milton Barbosa é um velho amigo da família de Humberto de Campos, tendo sido advogado do escritor.

Ao perguntarmos em que base seria feita a acusa-

ção, respondeu-nos o jurista que, preliminarmente, não seria proposta ação penal e sim uma ação declaratória, visando esclarecer a autenticidade ou falsidade das obras em questão. E passa a explicar-nos as razões, discorrendo sobre o já agora rumoroso caso:

"Foram publicados pela Federação Espirita cinco volumes contendo na capa, acima do título e logo abaixo do timbre da edição 'Biblioteca de Filosofia Espiritualis-

ta Moderna e Ciências Psíquicas), o nome do 'medium', psicografo, e após o título da obra, e entre parentesis, a expressão:

"Do espírito de Humberto de Campos".

No verso dessa página encontra-se uma relação de obras psicografadas pelo medium Francisco Candido Xavier, todas compreendidas na seguinte

... "MAS EU, HUMBERTO DE CAMPOS FILHO, ACHEI QUE O NEGOCIO NÃO ESTAVA DIREITO" — DIZ-NOS O FILHO DO SAUDOSO ESCRITOR, ACRESCENTANDO: "MOSTREI A MINHA MÃE O VULTO QUE ESSE EMPREENDIMENTO HAVIA TOMADO. DEU O SINAL DE ALARME NA FAMÍLIA. REUNIMO-NOS EM CONSELHO DE GUERRA E RESOLVEMOS ACABAR COM ISSO TUDO".





FLAGRANTE ORTIDO QUANDO O DR. MILTON BARBOSA, VELHO AMIGO DE HUMBERTO DE CAMPOS, TRAÇAVA COM SEU FILHO HUMBERTO AS PRELIMINARES PARA O MOMENTO CASO E NOS DIZIA: "ESTAMOS DISPOSTOS A CONCEDER QUALQUER PRAZO PARA QUE O ESPIRITISMO FAÇA UMA DEMONSTRAÇÃO DO QUE VEM AFIRMANDO. IREMOS A MINAS, SI PRECISO FÔR, PARA FALAR COM CHICO XAVIER."

designação: "Produções mediúnicas de Francisco Candido Xavier", mas com o aditamento entre parentesis: "Ditado pelo Espírito de Humberto de Campos ou de outro desencarnado". Na pagina seguinte repete-se o nome da obra, seguido da expressão: "Ditada pelo Espírito de Humberto de Campos", notando-se que todas as vezes que o nome desse grande escritor aparece é sempre em destaque.

—Essas obras, como sabe, vêm sendo vendidas livremente, sem controle de quem quer que seja e inteiramente á revelia da familia de Humberto de Campos, condôminos dos direitos autorais da sua obra literaria, que desfrutava de um grande exito de livraria, dado ao fato de ser atribuida a quem, como Humberto de Campos, sempre gozou, como escritor, de grande popularidade entre o publico de todos os niveis intelectuais.

Até agora, diante da celeuma provocada pelo aprecimento dessa vasta e ininterrupta produção literária, a familia tem mantido discreta atitude — de pura expectativa — aguardando que criticos literários ou cientistas profiram a ultima palavra a respeito do fenomeno. A polemica que se vem travando em tôrno do assunto promete, entretanto, não ter fim. E vem se avolumando — a corrente dos que supõem que a viúva de Humberto de Campos não só vem auferindo vantagens financeiras com a publicação dessas obras, como — por interesse de publicidade em torno do glorioso escritor falecido — procura alimentar e provocar as discussões que se vem travando pela imprensa, o que lhe cria verdadeiro constrangimento diante dos editores da obra produzida durante a vida do seu marido — W. M. Jackson Inc. Editores — com os quais firmou, ha anos, contrato de publicação das obras em apreço. Os editores se julgam prejudicados com a publicação das obras ditas "psicografadas".

Esses métodos chamados de "psicografia" devem ser submetidos a todas as provas científicas possíveis,

para que em sentença seja reconhecido se essa obra literaria é ou não do espírito de Humberto de Campos.

— No caso contrário, isto é, no caso de ficar provado que a obra atribuida a Humberto de Campos não é da autoria do conhecido escritor, além da apreensão dos exemplares em circulação, que poderá acontecer aos responsáveis pela sua publicação?

— Neste caso, responde-nos o Dr. Milton Barbosa, poderão ser proibidos de usar o nome de Humberto de Campos, em qualquer publicação literaria; poderão ser passíveis da sanção penal e sujeitos ao pagamento de perdas e danos.

— E no caso de ficar provado que a obra é realmente do escritor? — perguntamos.

Então, os direitos autorais pertencerão exclusivamente á Familia de Humberto de Campos ou ao Mundo Espírita, representado entre nós pela Federação Espirita Brasileira.

No primeiro caso devem ficar definidos não só o carater da intervenção do medium como os limites, sob o ponto de vista literario e economico da sua participação.

No caso de serem reconhecidos os direitos da Familia de Humberto de Campos, poderão os titulares desses direitos dispôr livremente dessa bagagem literária, sem quaisquer restrições, como dispõe da obra produzida ao tempo do desaparecimento do escritor.

No que se refere á Federação Espírita Brasileira e á Livraria Editora da mesma Federação, devem ser passíveis de punição pela publicação das obras referidas".

Como vemos por essas declarações, a questão vai se tornando sensacional. Perguntamos ao Dr. Milton Barbosa se alguma vez, em nossos tribunais, houve uma questão desse gênero.

— Como essa, não me consta que tenha havido outra questão, aqui ou no estrangeiro. Nunca ouvi falar de nada parecido. E' realmente um caso singular. Tanto

assim que as maiores dificuldades do processo advirão do fato de ser a lei omissa neste caso.

Como poderia o nosso ou qualquer outro código civil preocupar-se dos lucros auferidos indêbitamente explorando o nome de um defunto? Realmente, a legislação não cogita e nunca cogitou do espiritismo.

Em se tratando de um caso sem precedentes, sendo o Código de Processo Civil omissa, caberá ao juiz estabelecer normas de carater excepcional, como se fosse legislador. Antes de mais nada, deve-se considerar os direitos da familia do escritor, tendo em vista essas estranhas comunicações mediúnicas. A verdade é que a Ciencia Oficial tem demonstrado por esses fenomenos uma total indiferença.

— E no caso de serem esses fenomenos provados pelos espiritas?

— Nesse caso, pouco importará o silencio da Lei, si tais fenomenos puderem ser positivamente verificados.

— E acredita que essa questão poderá introduzir modificações no Código do Processo Civil?

— O magistrado deve tomar conhecimento desses fenomenos e dar-lhes a solução que concilie os interesses de varia ordem que se defrontam, harmonizando os principios de direito natural com a nova doutrina, de carater sobrenatural, por enquanto pelo menos.

Aliás, a propósito da sua pergunta, seria interessante lembrar o caso do Código do Ar. Não havia uma legislação especial sobre a navegação aérea. Desde que, porém, começaram a surgir questões, como era inevitável com o extraordinario desenvolvimento, foi essa legislação criada.

Imagine que essas comunicações se tornem frequentes e espíritos de grandes inventores transmitam fórmulas com significação economica. E' preciso esclarecer a quem caberão os direitos autorais. Serão eles do dominio público? Do medium? O Código deverá então se pronunciar.

O qu
tamente
direito c
Não
do Juiz p

Ocorr
receu mal
— Pe
ritismo?

Advo
bem se es
— M
assunto.
calma.

Entre
isso seria
modo ner

Não
os clemen
dentemen
Para eles

— E
— Is

trina espi
para pro

Quar
chamado
dium, rev
é de Hun
sugestão.
prova.

— M
Digamos
impossibi
espírito.

Aliás
diz no p
Tumulo"
espíritos
portugues

"Jul
quem qu
sempre e
nheiros d
ticular o
preces. P

se produ
ram mais
Grande p
tenho tic
número

Com
ser lemb
provas.

— Se
não pode
ha todo o
dispostos
Estamos
e falar c
o que fôr

O ca
conhecido
mais des

Ha p
rito brilh
que a un
seria neg
espiritism

Abra
de Camp
dessas o
de que c

Na
ao juiz s
o Poder
pelo Cód
mas o ju

Resu
da famili
sendo exp
aufira lu
atribuido

Ha
1)

O que se dá no caso de que estamos tratando é justamente isso: ha lucros. E' preciso saber a quem de direito cabem esses lucros.

Não tenho pois dúvidas em afirmar que a decisão do Juiz poderá criar um novo caso no Direito Civil".

Ocorreu-nos uma pergunta que possivelmente pareceu malévola ao nosso entrevistado:

— Pessoalmente, qual é a sua opinião sobre o espiritismo?

Advogado habil, o Dr. Milton Barbosa soube muito bem se esquivar:

— Meu amigo, não tenho opinião formada sobre o assunto. Não pude ainda estudá-lo com a necessária calma.

Entretanto, mesmo que tivesse não iria dizer, pois isso seria mostrar que tenho um "parti-pris", o que de modo nenhum acontece.

Não estou movendo uma ação penal. Deixo todos os elementos para que o espiritismo se defenda. Evidentemente os espiritas terão nisso o maior interesse. Para eles o caso se torna um verdadeiro "auto de fé".

— E como irão eles produzir esta prova?

— Isto não sei, pois como dizia não conheço a doutrina espírita e não posso adiantar de que meios disporão para produzir a prova.

Quando muito poderia sugerir, por exemplo, que chamado um amigo de Humberto de Campos e o medium, revelasse este algo apenas conhecido dos dois, isto é de Humberto e do amigo. Mas isto é apenas uma sugestão. O certo é que eles devem produzir alguma prova.

— Mas a lei pôde impôr a apresentação dessa prova? Digamos que eles se negam alegando, por exemplo, a impossibilidade de receber comunicações de qualquer espírito.

Aliás, o próprio Francisco Xavier, o "psicógrafo", diz no prefácio de um livro seu, "Parnaso de Além Tumulo", onde em verso e em prosa manifestam-se os espíritos de alguns escritores conhecidos, brasileiros e portugueses.

"Julgo do meu dever declarar que nunca evoquei quem quer que fôsse; essas produções chegaram-me sempre espontaneamente, sem que eu ou meus companheiros de trabalho as provocássemos e jamais em particular o nome de qualquer dos comunicantes, em nossa, preces. Passaram-se às vezes mais de dez dias, sem que se produzisse escrito algum, e dia houve que se receberam mais de três produções literárias de uma só vez. Grande parte delas foram escritas fora das reuniões, e tenho tido ocasião de observar que, quanto menor o número de assistentes, melhor o resultado obtido".

Como vê, essas declarações podem perfeitamente ser lembradas quando se impuser a apresentação das provas.

— Sem dúvida. Aliás, de um modo absoluto, a lei não pode impor a apresentação de provas. Entretanto, ha todo o interesse em que esta prova se realize. Estamos dispostos a conceder o prazo que eles julgarem necessário. Estamos dispostos até a fazer uma viagem a Minas Gerais e falar com Francisco Campos. Proporcionaremos tudo o que fôr exigido para que se produzam as provas.

O caso tem despertado o interesse de diversos nomes conhecidos em nosso meio juridico e as opiniões são as mais desencontradas.

Ha poucos dias, o meu amigo Pedro Calmon, espírito brilhante, dando a sua opinião sobre o caso, opinou que a unica ação possível seria a penal. Isso entretanto seria negar de modo categórico o fundo científico do espiritismo, e de modo nenhum quero fazê-lo.

Abraão Ribeiro nega que a família de Humberto de Campos possa reclamar direitos autorais decorrentes dessas obras psicografadas, partindo da circunstancia de que o Código Civil não cogitou dessa hipótese.

Na minha opinião, entretanto, como já disse, cabe ao juiz suprir a lacuna do Código. Deve se manifestar o Poder Judicial. Evidentemente não está prevista pelo Código a publicação de um livro nessas condições, mas o juiz deve pronunciar-se.

Resumindo a questão, poderia dizer que o interesse da família de Humberto de Campos é que não continue sendo explorado o nome do escritor para que o espiritismo aufera lucros comerciais com a venda dos livros a ele atribuídos.

Ha três casos a considerar:

1) Os direitos autorais são da família de Humberto

de Campos. Nesse caso, qual seria a parte de lucro do tradutor das mensagens?

2) Os direitos autorais não são da família. De quem são? Da Federação Espírita Brasileira? Porque? Quem lhe outorgou esse direito? não seria então mais lógico considera-los do dominio público?

3) São propriedade do medium, que deles poderá dispor como quizer.

Essas são as três hipóteses que se podem apresentar.

Em todo caso, exigiremos a realização de demonstrações mediúnicas a serem produzidas — para que se prove a sobrevivencia e operosidade do espírito de Humberto de Campos, por exames graficos, estilísticos e de escrita, bem como por precatórias e pelo depoimento pessoal deles e de testemunhas".

Tinhamos conseguido ouvir a palavra do advogado da família de Humberto de Campos. Muita coisa foi revelada. O espírito de Humberto de Campos falará? E' o que veremos.

FALANDO A HUMBERTO DE CAMPOS

Era preciso ouvir alguém da família. Fomos procurar o filho do escritor, que tem o mesmo nome.

— Não vou, em absoluto, contestar a existencia do espiritismo nem procurar explicações para a série imensa de pequenos fenomenos que todos nós conhecemos e guardamos na memoria, para deles lançarmos mão, toda vez que a conversa, em uma roda de amigos, gira em torno desse assunto! Se fôsse apegar-me a uma teoria ou a uma posição de ataque, em breve estaria emaranhado num cipoal de reptos, insultos, convites... enfim, um verdadeiro caos que existe desde que o mundo é mundo! Cada um tem o direito de acreditar naquilo que lhe apraz, uma vez que não venha impingir aos neutros a sua crença à força de "blitzkriegs". Aliás, é esse o motivo pelo qual tanta gente está caindo sobre o solo do velho mundo. Se o pele vermelha acredita que seus "totens" fincados á margem dos lagos protegem a aldeia mais proxima ou se o hindú está certo que a vaca é um animal sagrado, ao ponto desse bichinho destruir toda a sua plantação sem ouvir um "chô" sequer, respeitemos esses cultos quando em viagem pelo norte do Canadá ou pelas regiões do Indostão! Agora, duma coisa estou certo; jamais permitiremos que implantem "tótens" em volta da Lagoa Rodrigo de Freitas ou que a Praça Paris se converta num estabulo! Bem. Mas isso não é precisamente o que lhes interessa. Vamos portanto ao assunto!

O ASSUNTO

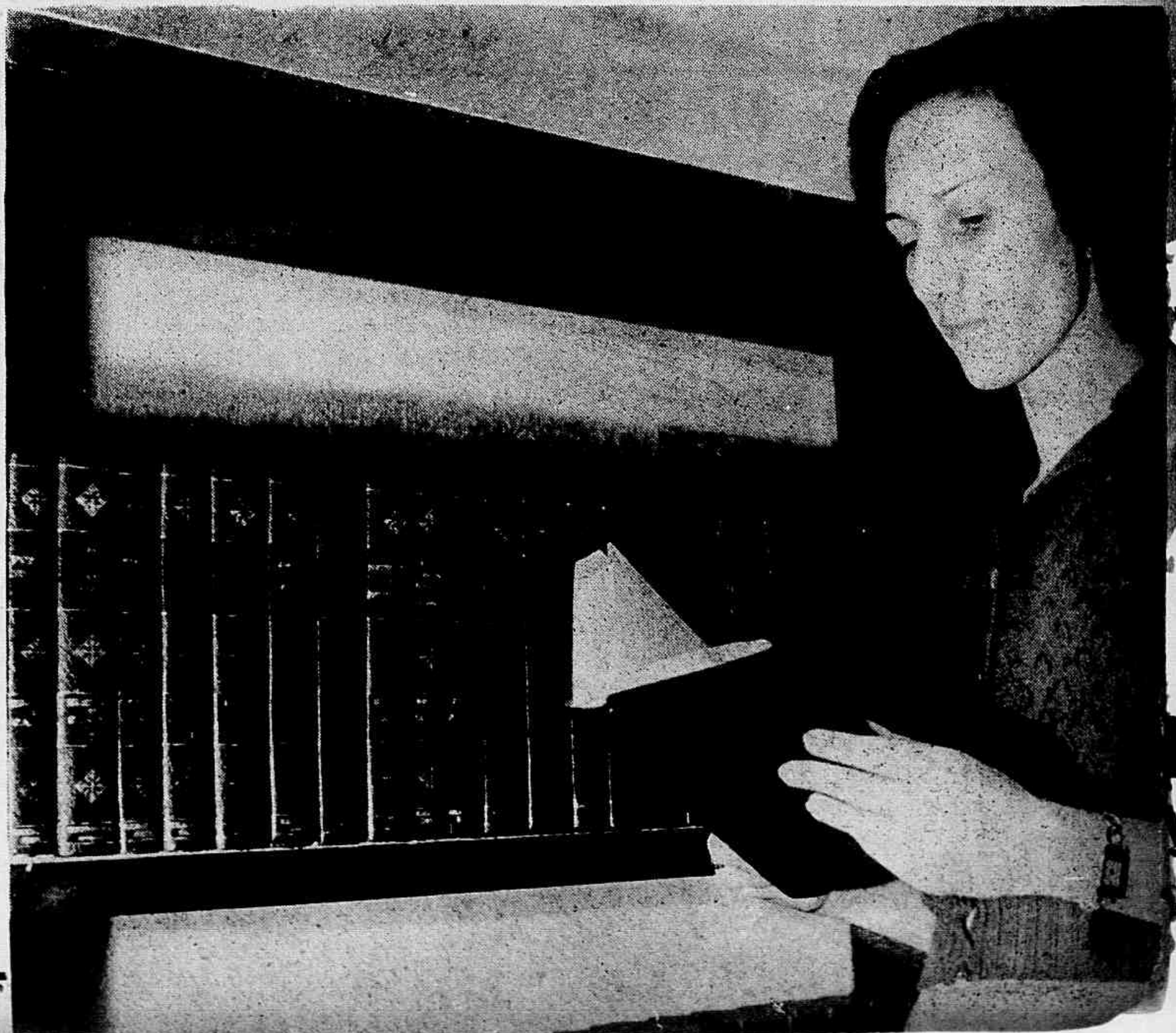
Humberto de Campos morreu aos cinco de Dezembro de 1934. "Disso todo mundo sabe, assim como sabe que a sua vida foi penosa e ardua! Jamais foi religioso e jamais abraçou um crêdo! Se o cepticismo fôsse uma religião, sem duvida que meu pai teria ostentado a tiara dessa igreja! Sua incredulidade acêrca de um poder superior era constantemente divulgada quando falando sobre o sofrimento dos pobres indagava finalmente: — Se existe realmente um Deus, onde está então que não vê o sofrimento de seus irmãos?"

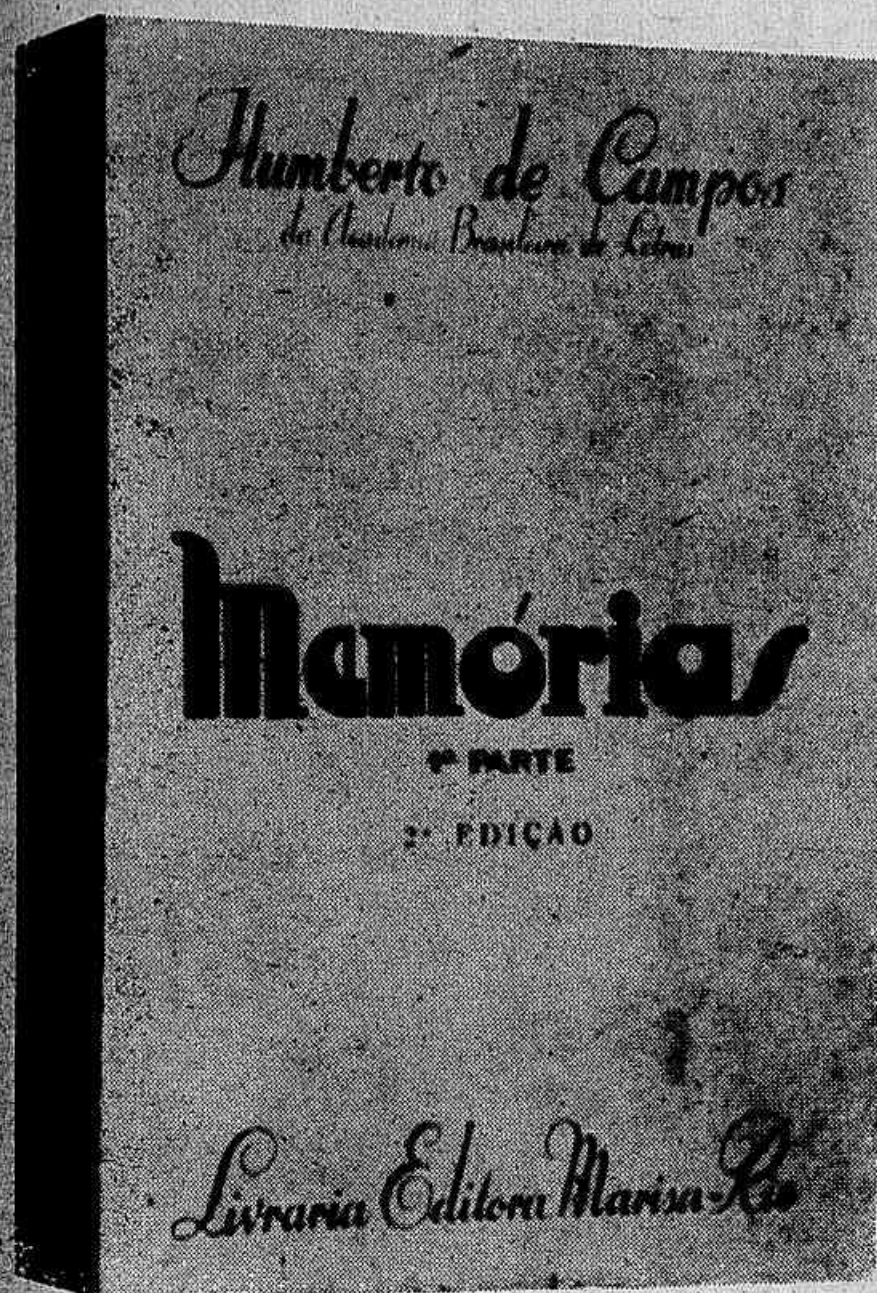
Humberto de Campos admirava a vida dos monges, encarando-a sublime sob o ponto de vista da cultura, da moral e do desprendimento! Mas de antemão aviso que estas minhas palavras não dão margem a que suponham que ele algum dia teve intenção de abraçar a vida clerical! Aliás, os que conhecem bastante a sua vida e sua obra poderão corroborar o que digo! Foi desc. tipografo e capataz de seringal a deputado e academico. A' custa de seu proprio esforço subiu e subiu muito! E um homem que lutou e sofreu como ele acredita somente na sua propria vontade e sorri benevolmente quando lhe dizem que espere pelos favores do céu! Depois... Depois veio a fase de sua doença. Humberto de Campos, diariamente, colocava nas entrelinhas de seus artigos todo seu sofrimento e toda sua dor. Como aquelas grutas lugubres e escuras, ele distilava a mais pura e cristalina agua que caía em fórmula de palavras sobre o papel. Para os que o compreendiam, Humberto era um amigo que aconselhava a resignação e o estoicismo. Porém, para os que sómente o liam, Humberto era um apostolo que pregava a fé e a promessa do céu. Eis aí, um ponto que vocês compreenderão.

OUTRO MOTIVO

—Agora outro aspecto da vida de meu pai que reunido ao que acabei de expôr nos levará a conclusões interessantes sobre o assunto que deu motivo a esta entrevista. Não sei porque, baseada em que razões, a voz geral é que Humberto de Campos vivia só e assim morreu! Todos acreditavam, (e quisera eu saber quem foi esse portavoz) que meu pai vivia em companhia de seus livros e de um empregado que lhe fazia todos os serviços. Os ultimos dias de Humberto de Campos foram pintados em cores escuras e funebres. Seus habitos e sua casa formavam um "back-ground" perfeito para uma novela à Poe. No entretanto, nada disso acon-

AS OBRAS DO AUTOR DE "POEIRA" CONTINUAM ANSIOSAMENTE PROCURADAS PELOS QUE NÃO PUDEAM CONHECÊ-LAS QUANDO O AUTOR ERA VIVO. AQUI ESTÁ UMA CHAPA BATIDA NUMA LIVRARIA DA CIDADE. A MOÇA FOLHEIA UM LIVRO DE HUMBERTO E MOSTRA-SE INDECISA. DESEJARIA COMPRAR TODOS OS VOLUMES DE UMA VEZ... UM DETALHE. ESSA É A OBRA PRODUZIDA QUANDO O ESCRITOR ANDAVA POR ESTE MUNDO DE TANTOS SOFRIMENTOS...





A PRIMEIRA PARTE DAS "MEMÓRIAS", SEM OS CAPÍTULOS QUE HUMBERTO DE CAMPOS FÊZ GUARDAR NOS COFRES DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS E CUJA DIVULGAÇÃO SÓ MAIS TARDE PODERÁ FAZER-SE, EM EDIÇÃO DEFINITIVA DO LIVRO HOJE ESGOTADO.

tecida. Morávamos num apartamento moderno e espaçoso e... todos juntos! Minha irmã lia as últimas dos jornais diários afim de que ele economizasse a luz de seus olhos para os artigos que teria de escrever para os mesmos. Meu irmão exercia mais ou menos as funções de bibliotecário. Minha mãe, sempre amiga, não era unicamente sua esposa; era também sua dedicada enfermeira. Este ambiente cem por cento doméstico, não esquecendo mesmo as surras que o caçula ganhava diariamente, existia em nossa casa. A mesa, pois sempre obedecemos ao rígido horário imposto pelo patriarca, discutíamos os assuntos do dia, como acontece em qualquer lar da Noruega ou do Sião. A casa de Humberto de Campos era uma casa bem brasileira, cheia de alegria, de ruídos e de vozes. Acontece que essa verdade era unicamente comprovada pelos amigos que nos visi-

HENRIQUE DE CAMPOS, O OUTRO FILHO DE HUMBERTO, ACOMPANHA O MOVIMENTO CRIADO EM TORNO ÀS OBRAS LITERÁRIAS DE SEU PAI, MAS DELEGOU PODERES A HUMBERTO DE CAMPOS FILHO PARA FOCALIZAR O ASSUNTO.

tavam. Aqui fóra, o povo, que o conhecia unicamente através de suas comoventes crônicas, continuava certo de que Humberto de Campos era aquele ermitão tristonho e complacente.

REPORTAGENS

— Logo após a sua morte, um vespertino carioca resolveu patrocinar as primeiras comunicações jornalísticas entre o mundo dos mortos e o mundo dos vivos. Deste modo, meu pai ocupou durante quase dois meses a primeira página desse jornal. Eu acredito, na minha opinião, que assim que papai se viu entre as nuvens, livre de seu fardo terreno, a primeira coisa que fez foi se afastar o mais rapidamente de tudo o que cheirasse a linotipo, rotativa e redação! Mas enfim... quem sabe o que vai lá por cima?

Seria bem possível que existisse, como nos mais adiantados centros terrenos, uma agência noticiosa! Resultado: papai teve mesmo que se conformar e continuar a exercer a pobre e mal remunerada profissão de jornalista. (Dizem que agora vai mudar, não é verdade?) Consultando os arquivos celestes e entrevistando o personagem nalgum "Centro de Injustiçados", de lá nos comunicou que Hauptmann, o raptor do baby Lindberg, estava inocente! E, mantendo esse nível de "furos" sensacionais, continuou durante algum tempo fazendo grandes reportagens! (É pena que o Jean Mazon não estivesse lá com a sua famosa camera.) Depois... passou-se o tempo e parece que a tal agência de reportagens inter-planetárias abriu falência. O fato é que nunca mais vimos o nome de Humberto de Campos ocupando o cabeçalho dos jornais.

OS LIVROS

— Certo dia, casualmente veio parar em minhas mãos um volume muito pitoresco. Tratava-se nada mais nada menos do que um livro ditado de além túmulo por meu pai e captado por um certo medium de Minas Gerais. Mostrei-o à minha mãe e aos meus irmãos. Excusado dizer que a surpresa foi tão grande quanto a indignação. Mas enfim... a vida continuou e desviando as nossas atenções sobre esse fato, era o mesmo em pouco tempo por nós esquecido. Passaram-se mais alguns anos e certas perguntas começaram a chover: "Você acredita que seu pai tenha escrito esses livros?" — "Seu pai era espirita, não era?" — "Essas obras rendem mais que os livros que ele escreveu em vida?" — Como era importuno esse inquisitório... E que interrogações absurdas... Movido pela curiosidade tratei de adquirir os tais livros. Quatro que encontrei e um que já estava esgotado, porém com sua reedição já providenciada. Daqueles, um na segunda e outro na quarta edição. Como vêem, e como eu vi, já não se tratava da simples propaganda de uma religião. (E note-se: esses livros são impressos com tinta apropriada para tipografia sobre papel comum e são comprados ao mesmo preço que um romance de Delly ou o Como Fazer Amigos, a dinheiro, em moeda corrente expedida pelo Tesouro Nacional. Quer dizer são livros, comércio... dinheiro).

Agora toca a mim fazer umas poucas e simples perguntas que formulo ao reporter e não a algum cavalheiro que pense encontrar na minha pessoa um instrumento para dar vasa às suas aspirações de duelista de jornalístico do interior.

Por que motivo foi Humberto de Campos o escolhido?

Porque Humberto de Campos era o escritor do povo e para o povo. Sabia agradar tanto o operário quanto o burguês ou o intelectual. Seu público era imenso e variado. Uma prova disso encontrava-se nas suas "Memórias" que foi o livro mais vendido do Brasil. Nada mais seguro que a vitória de um empreendimento que

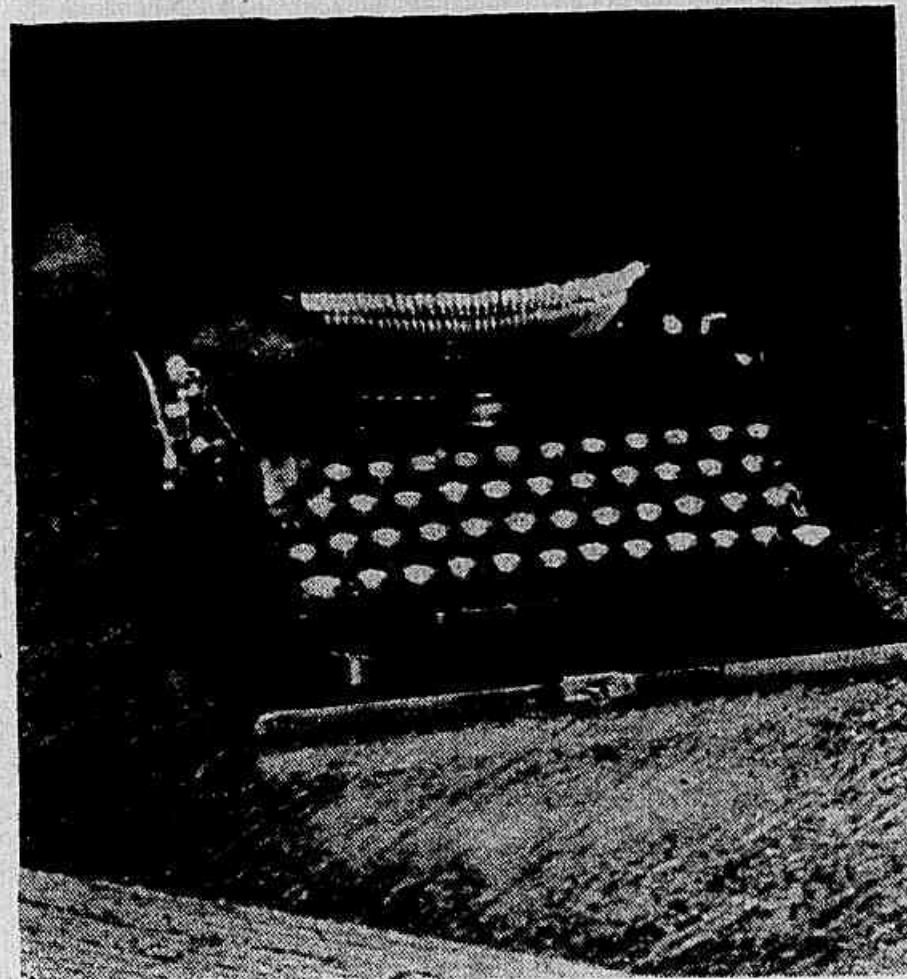
evasse no rótulo o seu nome. Dariam crédito a essa empresa?

Claro que sim! Quasi todos acreditam que ele tenha sido um espirita e um pregador. Mas nós já fizemos isso com outros escritores, e o resultado não foi satisfatório!! Bem! É porque escolhemos nomes que foram muito grandes e de valor inegável mas que não estavam tão enquadrados na época atual e tão do sabor popular como este!

Será que encontraremos alguma oposição?

Não! Humberto de Campos morreu só, completamente abandonado. Seus direitos autorais ha muito que foram vendidos a alguma colega editora. Se tem alguém que a ele esteja ligado pelo nome, naturalmente que não se incomodará. Esta gente de hoje é muito vasia desses sentimentos, dessas coisas! O negócio é ótimo!

E os livros foram saindo, saindo e sendo vendidos. Ninguém da família do homem que escrevia aquelas obras primas todas recebia um prospecto sequer sobre essas publicações. Já não digo um exemplar, mas pelo menos um prospecto. Ora, o negócio ia às mil maravilhas.



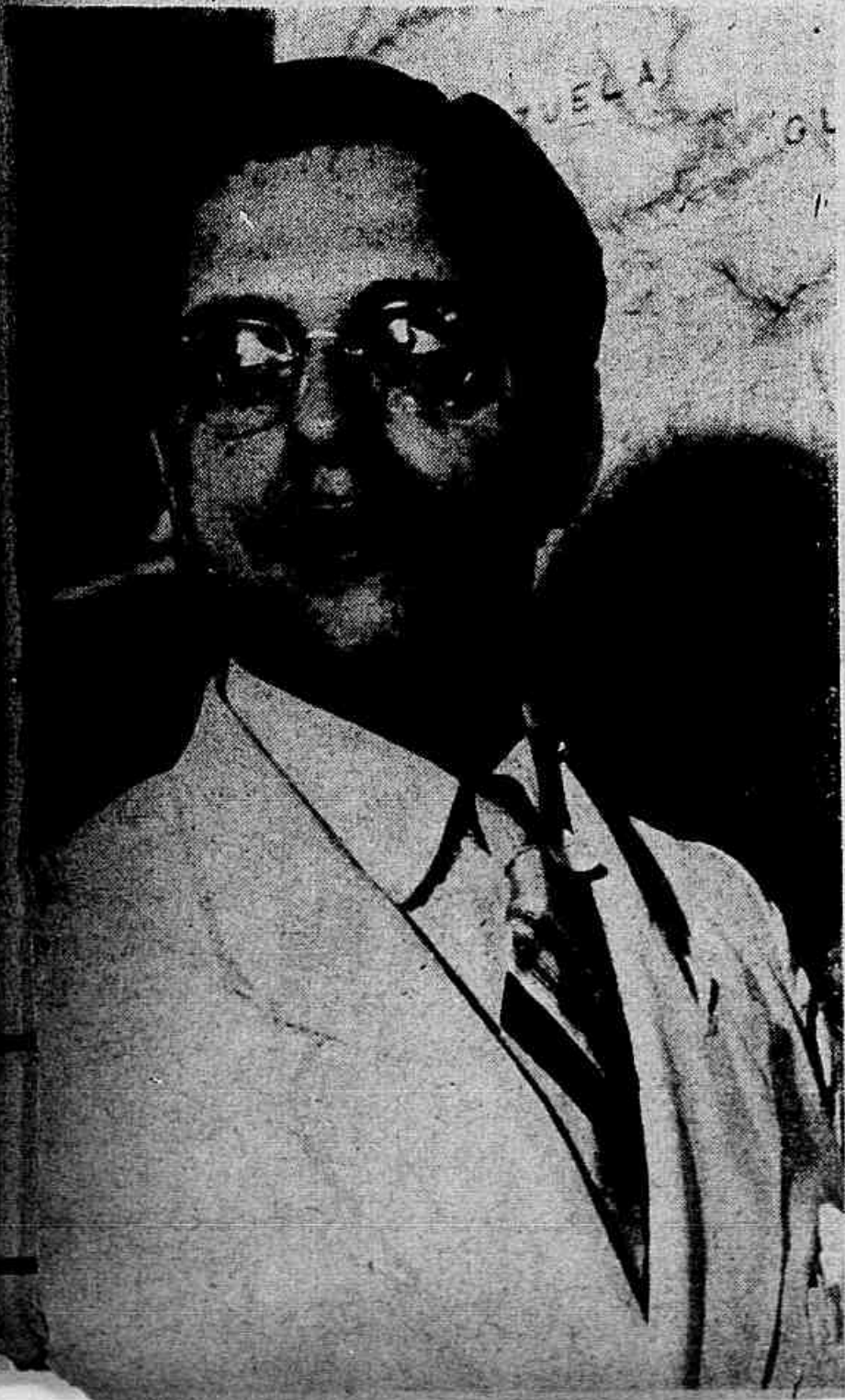
FOI NESTA MÁQUINA DE ESCRIVER PORTÁTIL QUE O ESCRITOR MARINHENSE PRODUZIU A MAIORIA DE SUAS OBRAS. HOJE ESTÁ EM REPOUSO. QUANDO SE FUNDAR A CASA DE HUMBERTO DE CAMPOS, SERÁ PARTE INTEGRANTE DO SEU PATRIMÔNIO.

MAS EU...

— Mas eu, Humberto de Campos Filho, eu achei que o negócio não estava direito! Mostrei à minha mãe o vulto que esse empreendimento havia tomado. Dei o sinal de alarme na família. Reunimo-nos num conselho de guerra e resolvemos acabar com isso tudo. Se quiserem fazer propaganda do espiritismo... sirvam-se à vontade! Mas escolham com cuidado o seu quadro permanente de escritores. Ha tanta gente esquecida por aí. Contratem alguns clássicos para verem qual será a saída dos livros. Encomendem um volume para Voltaire e outro para Camões. Caso prefiram autores nacionais também está às ordens uma relação interminável deles. Mas aconselho que antes consultem a lista telefônica pois é bem possível que existam herdeiros. (Por falar em herdeiros que gente intrometida essa, não acham?)

OPINIÃO

— Não sou crítico e ainda não possuo uma cultura suficiente para que isso pretenda ser. No entanto, na minha opinião e na de minha família, que é igual



á de muita gente boa que conheço, esses livros não passam de um "pastiche". Algum cavalheiro que, desiludido de receber negativas dos editores que procurou, resolveu colocar a vaidade de lado e antes dela colocar o estomago. Mas diga-se de passagem... o rapazinho tem valor. Fôra de brincadeira é muito bem feito! Porém dá-se aí, um caso muito comum em tudo que se relaciona a copia. Querem fazer a imitação mais perfeita que o original. Mais realista que o rei e... a coisa flutua! Nesses livros vê-se a preocupação terrível de dar sempre uma nota característica do pretense escritor. Não ha cronica que não seja encerrada com uma passagem da mitologia nem artigo que não termine com uma frase-filigrana. Bem... Já saí do terreno da opinião para entrar no da critica. Mas tão uniforme assim? Exatamente! E não se admitem pois já ouvi falar de um certo padre que vive no sul, que nas horas vagas dedica-se por esporte e abertamente a continuar a obra de nossas grandes inteligencias, criando novos temas dentro de seus velhos estilos. E assim temos um Ray Barbosa discutindo a situação da alta dos preços ou Manoel Macedo relatando os amores de uma moreninha do posto 6. Se um pode fazer, por que não outro ou varios outros?

O CASO EM SI

Como disse anteriormente desejo evitar de todas as maneiras qualquer controvérsia sobre a existencia da doutrina, ou melhor das bases dessa doutrina. E' um assunto que tentaremos passar de largo para não envolver ou melindrar uma legião de adeptos. Na verdade é difícil divorciar uma coisa da outra, porém se assim fôr possível... melhor. Lembro aqui que o unico ponto que nos interessa, por sermos nós os unicos interessados, é que essa irregularidade quanto a esses livros seja sanada. Nós os herdeiros, recebemos quasi que anualmente uma modesta quantia proporcionada pelos direitos autorais das obras verdadeiras de Humberto de Campos. Ora, se outras aparecem e o publico movido pela curiosidade as adquire, é quasi certo que não irá comprar as primeiras. Desejo esclarecer que acho que não adquirem as que nos são úteis por motivos financeiros e não que as achem mais interessantes do que as autenticas. Seria ridiculo...! Se a Federação distribuisse gratuitamente esses volumes, já seria um ponto que nós tínhamos a considerar, embora isto não desse oportunidade para que nossos direitos legais cessassem. Se essa Federação vende esses livros e auferir lucros por que cargas d'agua vamos permitir que os mesmos sejam dela e não nossos que somos os herdeiros? Aliás, essa questão financeira é a que menos nos preocupa, porém o que mais nos causa apreensão é o fato do nome de Humberto de Campos andar por aí servindo de chamariz sabe Deus para o que! Outra coisa: eu e toda a minha familia poderíamos ser espiritas cem por cento, devotos e fanaticos, sem que isso viesse nos embarçar quanto a essa questão puramente juridica. Sob o ponto de vista legal, como já disse o dr. Milton Barbosa, a questão é facilima e primaria. Se meu pai realmente escreveu essas obras lá de seu gabinete etéreo, aqui na terra os herdeiros somos nós. Unicamente a nós compete escolher, vetar, ou publicar o que quer que seja tenha ele escrito. Os direitos autorais são nossos. Se amanhã resolvemos retirar de circulação todas as suas obras ou publicar seu diario intimo, só a nós compete isso! Portanto... Hoje em dia, felizmente, a legislação sobre direitos autorais já possui suas bases sólidas e caminha para a perfeição. Se um moço que estaciona na esquina do Café Nice descobre que um companheiro roubou ou plagiou o seu mais recente samba, feito sobre uma mesa de café, pode tomar providencias pois a lei o protege. E por que motivo não deve acontecer a mesma coisa com as obras de um dos maiores nomes da literatura brasileira? Enfim é este todo o caso!

Não tinha intenções que o mesmo tomasse o vulto jornalístico que tomou. A culpa não é minha e sim de

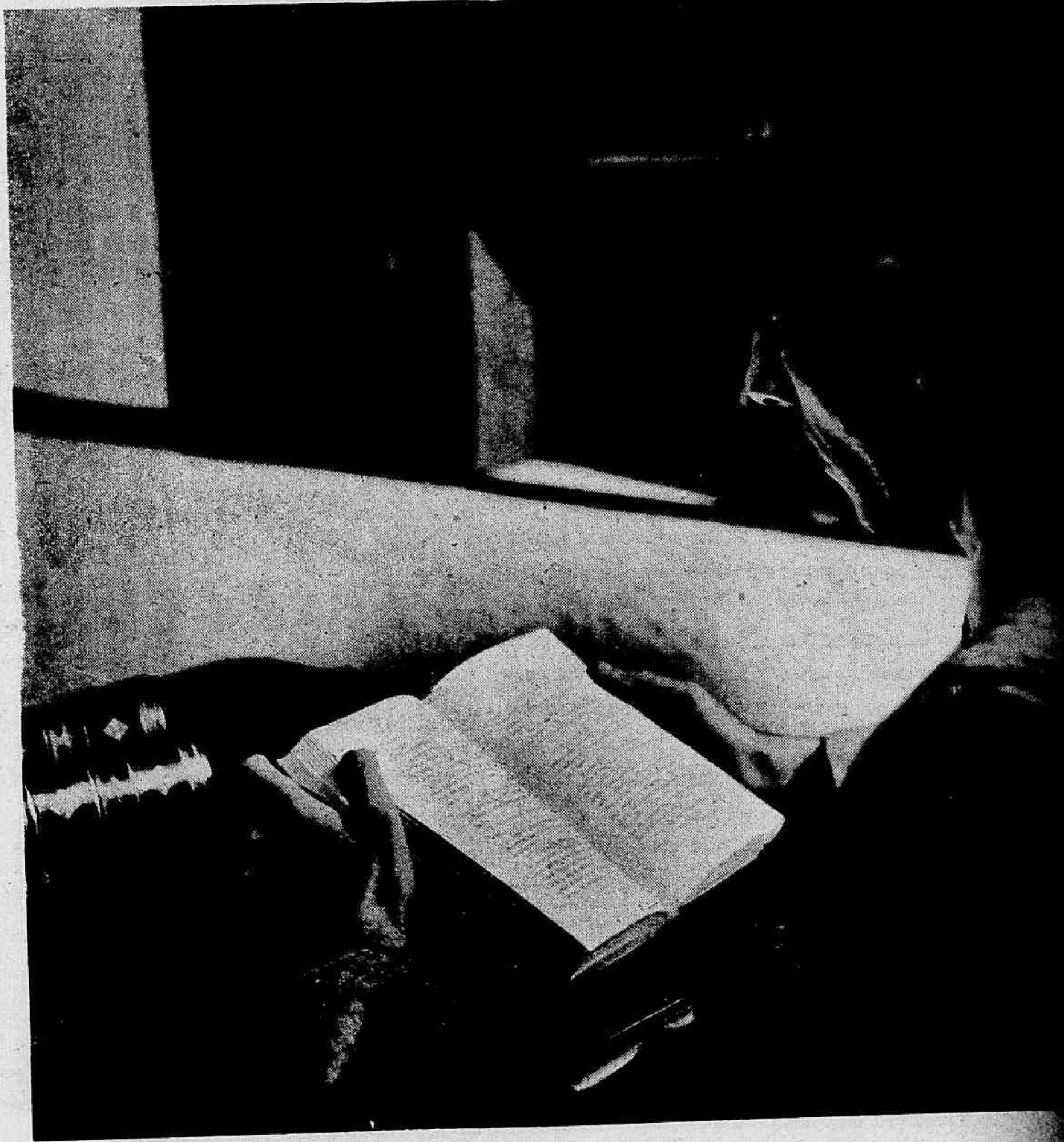
um certo jornal que ouviu cantar o galo e começou a fazer entrevistas a tórto e a direito, afirmando que o caso já estava mesmo em tribunal!

Agora é que comecei praticamente a tomar providencias sobre o mesmo. Isto tudo para as pessoas de bom senso chega a revoltar, mas a época é dos oportunistas embuçados sob a capa desta ou daquela virtude. Só tenho receio de uma coisa: é que meu pai tenha passado uma declaração em cartório, estampilhada e com testemunhas legando e autorizando a publicação de suas obras mediúnicas pela Federação Espirita. O mais difícil vai ser a apresentação desse papel que sem

duvida, como tudo que é do outro mundo, é invisível. Nada foi dito de melhor, para exprimir toda esta celeuma que aquela frase de Guilherme de Figueiredo quando entrevistado sobre este assunto — "Espírito que escreve depois de morto... é espírito de porco".

E com esta citação, Humberto de Campos Filho despediu-se risonho.

Despedimo-nos também dos leitores aguardando os próximos acontecimentos.



NAS BIBLIOTECAS, NOS GABINETES DE LEITURA PUBLICOS OU PARTICULARES, HUMBERTO DE CAMPOS CONTINUA EM ORDEM DO DIA. TALVÊZ O INTERESSE DOS LEITORES PELA SUA OBRA TENHA AUMENTADO EM FACE DAS ULTIMAS OCORRENCIAS; MAS, SEM DUVIDA, ELE NÃO CARECEU DESTA PUBLICIDADE PÓSTUMA PARA INTERESSAR AO GRANDE PUBLICO LEITOR.

Um prefácio póstumo de HUMBERTO DE CAMPOS

No livro de Francisco Candido Xavier, "Parnaso de Além Túmulo", aparece também um prefácio considerado de autoria de Humberto de Campos e redigido, em 1935, do Além. Vamos reproduzi-lo:

"DE PÉ, OS MORTOS

Pede-me você uma palavra para o introito do "Parnaso de Além Túmulo", que aparecerá brevemente em nova edição.

A tarefa é difícil. Nas minhas atuais condições de vida, tenho de destoar da opinião que já expendi nas contingências da carne.

Os vivos do Além e os vivos da Terra, não podem enxergar as coisas, através de prismas idênticos. Imagine si o aparelho visual do homem fôsse acomodado, segundo a potencialidade dos raios X: as cidades estariam povoadas de esqueletos, os campos se apresentariam como desertos, o mundo constituiria um conjunto de aspectos, os mais inverosímeis e inesperados.



AQUI ESTÁ FRANCISCO CANDIDO XAVIER, O HOMEM QUE, PRATICAMENTE, ORIGINOU TODA ESTA PALPITANTE QUESTÃO. O "MEDIUM" DE PEDRO LEOPOLDO, MINAS, É QUEM SUBSCREVE, NESSA QUALIDADE, OS LIVROS DITADOS, DO ALEM, PELO ESPÍRITO DE HUMBERTO DE CAMPOS. O ADVOGADO DA FAMÍLIA DO ESCRITOR DECLARA-NOS ESTAR DISPOSTO A IR OUVI-LO EM MINAS, SI NECESSÁRIO FÔR.

Cada esfera da vida está subordinada a um certo determinismo, no domínio do conhecimento e da sensação.

De certo, os que receberem novamente o "Parnaso de Além Túmulo" dirão mais ou menos o que eu disse. Não de estranhar que os mortos prossigam com as mesmas tendências, tangendo os mesmos assuntos que aí constituíam a série de suas preocupações. Existem até os que reclamam contra a nossa liberdade. Desejariam que estivessemos algemados nos tormentos do inferno, em recompensa dos nossos desequilíbrios no mundo como se os nossos amargores daí não bastassem para nos inclinar à verdade compassiva.

Individualmente é indubitável que possuímos no Além o reflexo das nossas virtudes ou das nossas misérias.

Mas é razoável que apareçamos no mundo, gritando como alucinados? Os habitantes dos reinos da Morte ainda apreciam o decôro e a decência e o nosso presente é sempre a experiência do passado e a esperança no futuro.

"Parnaso de Além Túmulo" sairá de novo, como a mensagem harmoniosa dos poetas que amaram e sofreram. Carmen Cinira aí está com os seus sonhos desfeitos de mulher e de menina, Casimiro com a sua sensibilidade infantil, Junqueiro com a sua ironia, Antero com a sua rima austera e dolorosa.

Todos aí estão, dentro das suas características.

Os mortos falam e a humanidade está ansiosa, aguardando a sua palavra.

Conta-se que na guerra russo-japonesa, terminada a batalha de Tsushima, o grande Togo reuniu os seus soldados no cemitério de Oogama e na tristeza majestosa do ambiente, em nome da nacionalidade, dirigiu-se aos mortos em termos comovedores; concitou-os a auxiliar as manobras militares, a visitar os cruzadores de guerra, levantando o ânimo dos companheiros que haviam ficado nas pelejas. Uma claridade nova cantou as energias espirituais do valente ad-

sário da pátria de Stoessel e os filhos de Yoritomo venceram.

Na atualidade, afigura-se-nos que os brados de todos os sofredores e infelizes da Terra se concentram numa súplica grandiosa que invade as vastidões como o grito do valoroso almirante.

— De pé, os mortos!... — exclama-se — porque os vivos da Terra se perdem nos abismos tenebrosos.

Os institutos da civilização teem sido impotentes para resolver o problema do nosso ser e dos nossos destinos.

As filosofias e as religiões estenderam sobre nós o manto carinhoso das suas concepções, mas esses mantos estão rôtos!... Temos frio, temos fome, temos sede!

E os considerados mortos falam ao mundo na sua linguagem de estranha purificação. A ciência, zelosa de suas conquistas, ainda não ouviu a sua vibração misteriosa mas os filhos do infortúnio sentem-se envolvidos na onda divina de um novo "Gloria in excelsis" e a humanidade sofredora sente-se no caminho consolador da sublime esperança.

Humberto de Campos.

TAMBÉM OLAVO BILAC

No mesmo livro de Francisco Candido Xavier encontramos vários sonetos de Olavo Bilac, além de outras produções em verso dos mais renomados poetas mortos. Aqui vão três das composições atribuídas ao Príncipe dos Poetas Brasileiros:

"JESUS OU BARRABÁS

Sobre a fronte da turba há um sussurro abafado.
A multidão inteira, ansiosa se congrega,
Surda à lição do amor, implacável e cega,
Para a consumação dos festins do pecado.

"Crucificai-o!" — exclama. Um lamento lhe
[chega

Da terra que soluça e do céu desprezado.
"Jesus ou Barrabás?" — pergunta, inquire o
[brado

Da justiça sem Deus, que trêmula se entrega.
"Jesus! Jesus!... Jesus!... — e a resposta per-
[passa

Como um sôpro cruel do Aquilão da desgraça,
Sem que o anjo da paz amaldiçoe ou gema...

E debaixo do apodo e ensanguentada a face,
Toma da cruz da dôr para que a dôr ficasse
Como a glória da vida e a vitória suprema.

SONETO

Por tanto tempo andei faminto e errante
Que os prazeres da vida, converti-os
Em poemas das formas, em sombrios
Pesadelos da carne palpitante.

No derradeiro sono, instante a instante,
Vi fanarem-se anseios como fios
De ilusão transformada em sôpros frios,
Sobre o meu peito em febre, vacilante.

Morte, no teu portal a alma tateia,
Espia, inquire, sonda e chora, cheia
De incerteza na esfinge que tu plasmas!...

Impassível, descerras aos aflitos
Uma visão de mundos infinitos
E uma ronda infinita de fantasmas.

A CRUCIFICAÇÃO

Fita o Mestre da cruz a multidão fremente,
A negra multidão de seres que ainda ama.
Sobre tudo se estende o raio dessa chama,
Que lhe emana da luz do olhar clarividente.

Gritos e altercações! Jesus, amargamente,
Contempla a vastidão celeste que o reclama,
Sob os gládios da dôr aspérrima derrama
As lágrimas de fel do pranto mais ardente.

Soluça no silêncio. Alma doce e submissa,
E em vez de suplicar a Deus para injustiça,
O fogo destruidor em tormentas que arrazem;

Lança os marcos da luz na noite primitiva
E alça aos céus a voz tristonha e compassiva:
"— Perdoai-lhes, meu Pai, não sabem o que fa-
[zem!..."

Olavo Bilac.



FRONTISPÍCIO DO LIVRO "PARNASO DE ALÉM TUMULO", COM "POESIAS MEDIÚNICAS PSICOGRAFADAS POR FRANCISCO CANDIDO XAVIER". NESSE VOLUME APARECEM TRABALHOS DITOS DA AUTORIA DOS ESPÍRITOS DE DOM PEDRO II, OLAVO BILAC, ARTUR AZEVEDO, ANTERO DO QUENTAL, AUGUSTO DOS ANJOS E GUERRA JUNQUEIRO, ALÉM DE VÁRIOS OUTROS.

EDIFÍCIO INUBIA

AVENIDA PRESIDENTE WILSON

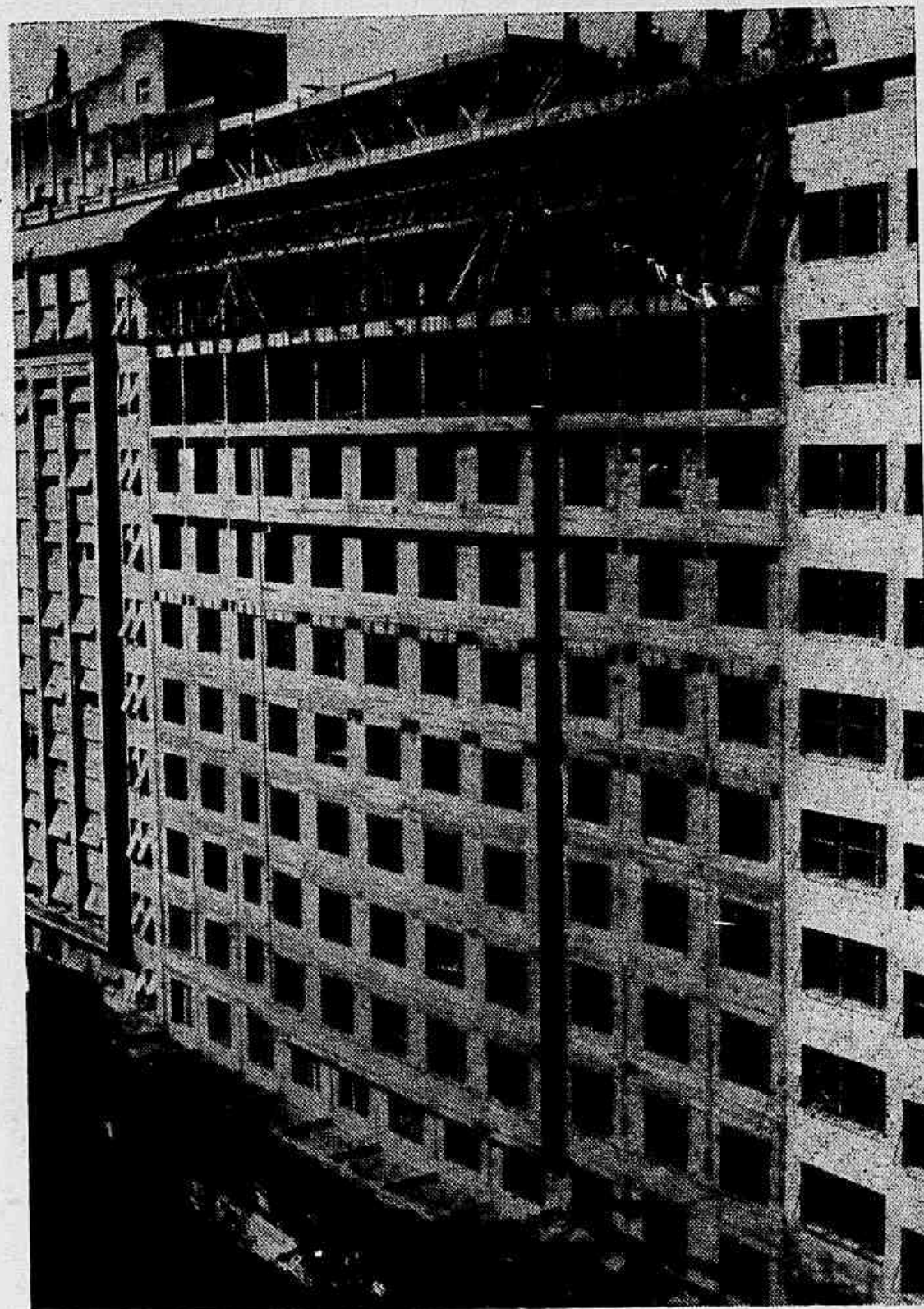
5.º EDIFÍCIO DEPOIS DO DA STANDARD OIL
PROXIMO DOS MINISTERIOS DO TRABALHO,
DA FAZENDA E DA EDUCAÇÃO
3 LOJAS E RESPECTIVOS PORÕES
13 PAVIMENTOS SUPERIORES



AVENIDA PRESIDENTE WILSON, VENDO-SE ASSINALADO O EDIFÍCIO "INUBIA"
(ESTADO DA CONSTRUÇÃO EM MAIO PROXIMO PASSADO).

- Destino: só escritorios e consultorios
- Fachada de 40 metros
- 3 Elevadores "Atlas"
- Hall de entrada amplo e luxuoso com pisos e paredes de marmore
- Halls de todos os pavimentos com iluminação e ventilação diretas
- Instalações sanitarias abundantes e confortaveis
- 670m² de área construida em cada pavimento
- 21 salas em cada pavimento
- Iluminação direta em todas as salas
- Divisibilidade dos pavimentos em 4 grupos de 4 e 5 salas, cada um,

- Instalações sanitarias independentes em cada grupo
- Construção da firma Ortenblad, Locke & Comp. Ltda.
- Financiamento do I. A. P. C. a 15 anos de prazo (Tab. Price). 1



ESTADO ATUAL DA CONSTRUÇÃO DO EDIFÍCIO INUBIA.

INCORPORAÇÃO de
MILTON FERREIRA DE CARVALHO
RUA MIGUEL COUTO, 51 - 1.º ANDAR

EDIFÍCIOS INCORPORADOS POR MILTON FERREIRA DE CARVALHO:

N.º	NOME	LOCAL	PAVS.	N.º	NOME	LOCAL	PAVS.
1.º	MÉXICO	RUA MÉXICO, 168	13	6.º	PARNAÍBA	AV. ATLANTICA	12
2.º	PIAUI	AV. ALMIRANTE BARROSO	13	7.º	URUSSUI	RUA DOMINGOS FERREIRA	12
3.º	HOLERITH	AV. GRAÇA ARANHA, 14	13	8.º	MARTINELLI	CIDADE DE S. PAULO	30
4.º	TABAPUAN	PRAIA DE BOTAFOGO, 74	13	9.º	A MANHÃ	RUA EVARISTO DA VEIGA, 16	18
5.º	BARBACENA	AV. ERASMO BRAGA,	14	10.º	INUBIA	AV. PRESIDENTE WILSON	14

O ROUBO DO ANEL DE ESMERALDAS

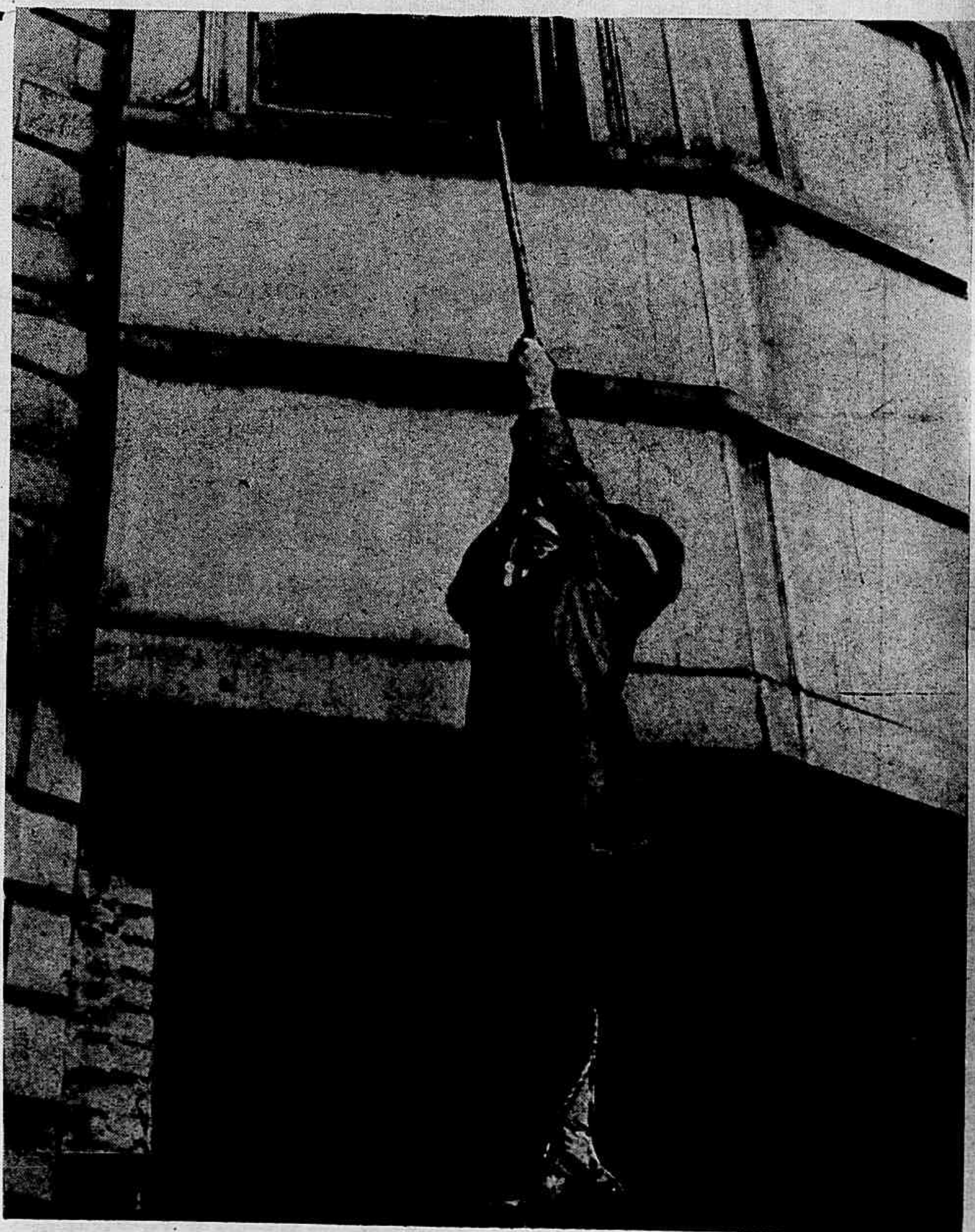
(Por MILESON HORTON)

1 O casal Clayton possuía um valioso anel de esmeraldas, famoso pela sua beleza. Suas pedras preciosas estavam avaliadas em 20.000 libras esterlinas e não se encontravam no seguro. Certa manhã, enquanto a família se encontrava ausente, tendo ido à igreja, as esmeraldas foram roubadas do dormitório da sra. Clayton. O inspetor Frost, após os primeiros interrogatórios e de uma inspeção ocular, chegou à conclusão de que o gatuno havia escalado um cano externo do prédio, até chegar ao telhado da casa e ali, então, descendo para o interior, pela claraboia.

VOCÊ TEM VOCAÇÃO

3 Acrescia uma circunstância: a versão dos fatos, tal como estavam narrados pela camareira, eram confirmados pelas declarações prestadas por Aiken, o chauffeur da família. Ele contou que, ao dirigir-se para a garagem, havia visto um indivíduo deslizando por uma corda presa à janela do pequeno quarto para hóspedes onde Ana, por sua vez, informava ter sido ameaçada pelo gatuno. O chauffeur tentou perseguir o criminoso, mas não conseguiu alcançá-lo. Em poucos segundos desaparecia em uma motocicleta que havia deixado oculta numa curva do jardim a pequena distância.

Observando minuciosamente as quatro ilustrações desta página acompanhando a leitura dos respectivos textos, poderá o leitor encontrar com facilidade o esclarecimento do mistério e apurar si o chauffeur e a camareira são realmente os autores do roubo. O indício transparece de uma dessas



Faça um "test" da sua argúcia policial procurando o fio da meada deste mistério

2 Ana, a camareira da sra. Clayton, fez ao inspetor uma declaração importante. Afirmou que, ao entrar para mudar a roupa da cama em uma pequena peça que dava para o exterior, defrontou-se com um homem de máscara que a ameaçou com um revólver. O medo fez que Ana perdesse a noção das coisas e quando recuperou os sentidos, o mascarado havia desaparecido. O inspetor Frost descobriu vestígios e pegadas de barro junto à janela. As declarações feitas por Ana deixavam de confirmar-se ponto por ponto. Desde logo o detective pôs-se em campo para colher novo material.



PARA DETECTIVE?



4 Andou o inspetor Frost o resto da tarde fazendo pesquisas pelos arredores e examinando as pegadas que se encontravam no jardim. Sob o maior sigilo, apresentou-se na morada do chauffeur e o surpreendeu em colóquio amoroso com a camareira Ana. De maneira brusca, disse-lhes então: "É conveniente irem pensando no que vão dizer aos juizes..."

E acrescentou:

— "Vocês foram muito espertos para cometerem um erro que lhes vai custar caro". Que indício teria levado o policial a descobrir que Ana e o chauffeur eram os gatunos do anel de esmeraldas? Mas — não estaria enganado?

fotos. Mas... não apurando o misterio, queira procurar a solução no proximo número.

Na pg. 52: Solução do caso do numero anterior:
"O CHOCOLATE ENVENENADO"

De radio

DJALMA MACIEL

A VERDADE POR TABELA

QUEM DIZ A VERDADE NÃO MERECE CASTIGO! — assim afirma o ditado popular; entretanto, estou certo de que a maior parte dos punidos deste mundo o foram unicamente porque não quiseram ou não puderam mentir. No dia em que os homens se resolvessem a falar apenas a verdade, haveria *chômage* na profissão de carcereiro. Mas a vida nem por isso ficaria côr de rosa. Desconfio, mesmo, que esse odio do genero humano pela verdade vem desde o inicio de sua existencia sobre a Terra. Admitamos, para não discutir, aquela historia de Adão e Eva e da maçã; mas desconfiemos dos motivos da briga entre Al e Caim, que, segundo parece, foi a primeira desinteligencia havida em nossa especie. Caim teria inveja de Abel, porem este, com certeza, disse-lhe alguma verdade dura de roer!

No jornalismo a pratica da verdade é um esporte que, quando não resulta em cacetadas, custa de mil a cinco mil cruzeiros de multa e mais 1 ou 3 anos de cadeia, nas reincidencias. Por isso diz o Zé Povinho que jornalista é sinônimo de mentiroso. E é por isso ainda que, nas colunas de acontecimentos sociais, todos os comerciantes são "acreditados"; todas as matronas, "virtuosas"; todos os industriais, "progressistas"; todos os administradores, "impolutos". O plumitivo que se abanca em frente aos linguados de papel com a intenção irredutível de escrever sómente o que lhe dita a consciencia, coloca-se na mesma situação de um erupoeu que, pela primeira vez, se exercita no jogo do boomerang: o curioso instrumento volta direitinho em cima do imprevidente que não soube atira-lo. Daí resulta esse habito que vai se generalizando da transcrição, isto é de falar pela boca dos outros.

Realmente, assim é mais comodo e mais seguro. Em referencia ao radio, sobretudo, recomenda-se a precaução, não tanto pelos perigos que decorrem de dizer verdades aos pacíficos figurões de microfone mas porque é esta a unica forma de dar alerta de incendio sem ficar responsável pela chamada do Corpo de Bombeiros. Lembro-me que eu proprio, em outros tempos, utilizei o sistema com excelentes resultados. Tirava um dia da semana para fazer com que os colegas dissessem a determinados cavalheiros o que não me convinha dizer de forma nenhuma. E depois deixava-os, calmamente, resolvendo quem estava com a razão.

Fosse hoje, por exemplo, e quizesse eu, por acaso, alfinetar a mediocridade realizadora da Radio Jornal do Brasil, sem incorrer na colera daquela santa gente, teria apenas o trabalho de aspear o seguinte trechinho da cronica publicada pelo Sodré Viana, em O GLOBO, do dia 23 do mês passado:

"Continua-se a aguardar a estréia do Sr. Raul Roulien na Radio Jornal do Brasil, o que evidentemente ainda não se deu, pois a emissora permanece existindo em odor de santidade. Parece que nem irradia mais aquele anuncio em que o locutor, com uma voz de pai carrasco, perguntava, num rugido: — A senhora fuma? ... para logo depois, no mesmo tom, sugerir determinada marca de cigarros. Chegaram certamente — conclusão de que não há tom de reprovação que justifique palavras aconselhando um vicio..."

E est'outro lance de observação de Augusto Lopes Gonçalves, no CORREIO DA MANHÃ, escrito como de proposito para evitar r'alg'uerenças entre eu e o sr. Julio Barata:

"Promete o Rádio Clube para as comemorações do seu 20º aniversario uma serie de programas em que estarão Santa Joana de Shaw e As Mascaras de Menotti del Picchia. A essas realizações de um dia especial se dá o sentido de extraordinárias, que não está de todo errado para um meio como o nosso.

No entanto — sem em nada querer desfazer no brilhante esforço da veterana e estimada emissora — vê-se por aí como ainda é modesta a marcha da nossa radiofonia que proclama como excepcional o que já devera ter como comum"

Positivamente, a transcrição é um habito muito salutar. Tolo tenho sido em me indispor com todo o mundo por causa da verdade radiofonica. Se os confrades aí estão para falar por mim... Covardia? Apenas displicencia e cansaço de um escriba que já está desiludido em ser palmatoria do eter e ao mesmo tempo convencido de que os outros acabam sempre por dizer as coisas muito melhor do que ele proprio as diz. Senão, vejamos mais um exemplo. Quatro anos gastei tinta e papel procurando convencer o publico da verdade sobre Ari Barroso. Em Minas, respondiam-me que isso era inveja de carioca pela "gloria" de um mineiro; no Rio, acusavam-me de intromissão louva-minheira nas coisas daquele Estado, com as quais afinal de contas não tenho mesmo nada que ver. Se tivesse esperado, agora, simplesmente, me daria ao trabalho de transcrever os seguintes periodos de uma cronica esportiva estampada na FOLHA DE MINAS, de Belo Horizonte, em 21 de Junho findo. Cronica de um mineiro, publicada sobre outro mineiro, na terra de ambos:

"O sr. Ari Barroso é um dos mineiros mais estranhos ao futebol de Minas. Não só ao futebol: a tudo em Minas. Lembro-me do espanto que tive, há uns tempos, quando soube que o sr. Ari Evangelista Barroso era mineiro de Ubá. Caí das nuvens... "Sim senhor! Eu, que sempre fiz o possível para manter com oleo e fervor uma admiraçãozinha meio distrital pelo sr. Ari Evangelista Barroso — o *felism* nte nunca pude compreende-lo como mineiro, principalmente em seus sambas — que esperava melhorar essa admiraçãozinha mineira depois dessa sempre esperada mas que nunca vem *Sinfonia das Montanhas*; estou agora com saudade de Noel Rosa..."

Enfim — quer saber? É melhor que o sr. Ari Evangelista Barroso vá mexer no taboleiro da baiana..."

TEM SIDO MUITO MAIS DE TEATRO QUE, PROPRIAMENTE, DE RÁDIO. CHAMA-SE AIMÉE. FEZ O TEATRO DE JORACI CAMARGO COM O PROPRIO AUTOR. VIVEU A PROTAGONISTA DE UMA NOVELA DO CONHECIDO ESCRITOR, NA MAYRINK. E SÓ APARECE, DE LONGE EM LONGE, PARA MATAR SAUDADES. SAUDADES RECIPROCAS.



MARY CANLY, UM DOS VALORES NOVOS RECENTEMENTE ENCONTRADOS PELOS "TALENT SCOUTS" DA METRO. DIZEM QUE É UMA DANÇARINA DE CLASSE. VAI APARECER EM UM TECNOCOLOR MUSICAL ESTRELADO PELO COMICO RED SKELTON.

NOS BASTIDORES FEMININOS

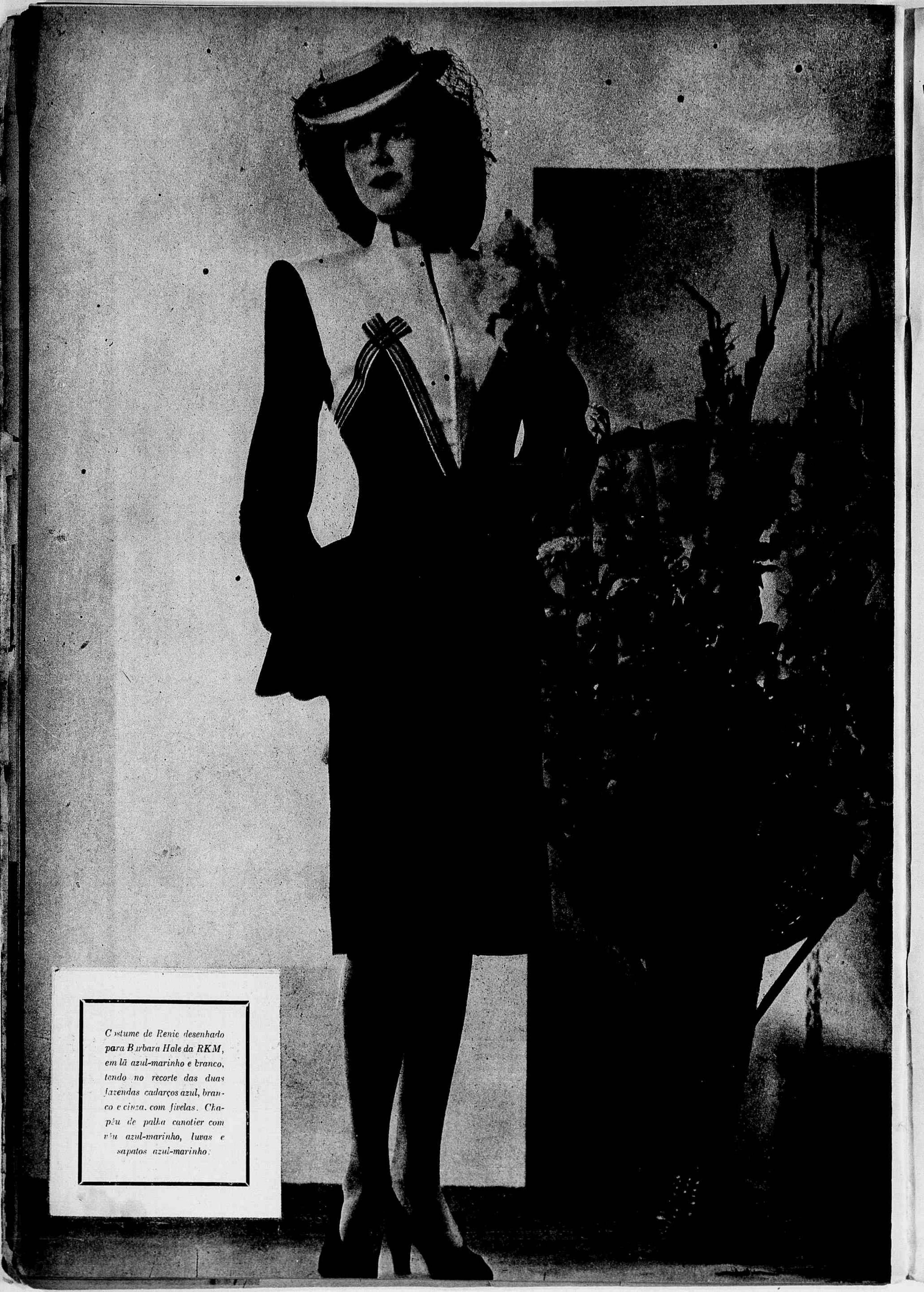
HA dias dizia-me um notavel homem de ciência estrangeiro: — "A mulher brasileira tem mais qualidades viris que o homem"; e eu disse cá comigo mesmo: — "Oxalá não venha ela a adquirir os vícios masculinos e com eles despensando-se! A mulher brasileira, cujo cérebro andou por muitos séculos fossilizado pelos velhos preceitos medievais, terá de treinar afanosamente até atingir a média de desenvolvimento mental, que se pôde prevê pela força de sua inteligência e maleabilidade de seu cérebro. A fase de transição social se operou para a mulher brasileira quasi bruscamente: ela passou do lar ao domínio publico pelas profissões que exerce, sem nenhuma prévia preparação. Isso veio perturbar um pouco o seu equilíbrio moral, fazendo-a aceitar estouvadamente costumes que não se ajustam aos nossos sentimentos e sobretudo á nossa educação domestica bastante incompleta. A mocidade ardente e impetuosa, como um poldro libertado de repente do freio, sacode o corpo elastico e toma em cega disparada pela campanha. Muitos fatores e, sobretudo, o comercialismo do cinema teem dado á nossa mocidade incipiente e ardorosa uma noção errada da vida, de sua finalidade, e da moral domestica; contudo, esse mal atingiu mais

acentuadamente, mais marcantemente a parte masculina da nossa gente; o que prova ter a mulher brasileira uma personalidade mais forte — mais viril, como disse o meu ilustre amigo estrangeiro.

A delicada sensibilidade da nossa raça pôde ser perigosa quando mal orientada; contudo é também um escudo a vícios e maldades.

A brasileirinha graciosa e linda, que gosta de se parecer com uma girl de cinema, tendo ilusões em redor dessa irreal figura da tela, será uma boa, simples e inteligente mulhersinha, si lhe fizermos compreender a inconsistencia desses mitos do celuloide e a encaminharmos para as cousas sérias da vida, do lar e da familia, como a melhor cooperação ao nosso muito amado e generoso Brasil.

A mulher brasileira é como a terra formosa e pletorica em que nasceu: está em pleno desabrochar, em plena florescencia, em marcha batida para a sua completa formação nacional, a aquisição de sua personalidade fixa e característica.



*Costume de Renie desenhado
para Barbara Hale da RKM,
em lã azul-marinho e branco,
tendo no recorte das duas
faixas cadarços azul, bran-
co e cinza, com fivelas. Cha-
pêu de palha canotier com
rêu azul-marinho, luvas e
sapatos azul-marinho.*

NOVIDADES

DA

moda



Chapéu "cloche" de renda engomada, enfeitado com dois ramalhetes de violetas brancas e véu preto usado por Mari-Lund da RKO, criação dos irmãos Weisman. É usado bem para trás, deixando à frente o penteado bem visível. dos lados, uma curva como a toque holandesa.

Finalmente a moda feminina começa a apresentar maiores e mais acentuadas novidades. Por vészes daqui temos observado a influencia nefasta que até nesse campo de atividade a guerra tem feito sentir. Talvez porque os costureiros e figurinistas andem preocupados com a guerra, eles descuidam dos modelos, femininos, como si as mulheres não merecessem mais esses desvêlos... Mulheres vestem uniformes de guerra, são elementos da "defesa passiva", são enfermeiras, são auxiliares que vestem táticas e roupas militarizadas, mas nem por isso descuidam do seu *maquillage* e dos pequeninos "nadas" que são tudo na vida de Eva. Vêja-se o que pudemos resumir nestas duas páginas. Tres modêlos apenas, mas cada qual mais revestido de originalidade e encanto.

Chapéu em estilo marinheiro com laços de tafetá vermelho e branco, desenhados por Renier para Andreu Long da RKO. É usado de preferência com um vestido de lã, em linhas singelas, um colarinho redondo engomado e laço do mesmo tafetá.





mos diversos modelos de vestidos pintados a mão. Essa nova moda vem naturalmente valorizar o trabalho dos profissionais da pintura, pois é certo que tudo quando passa a ser moda feminina, tem um valor e atinge preços que ninguém poderá calcular. A pintura a mão, nos séculos aristocráticos, esteve muito em moda para adornos femininos, sobretudo os lóques, que eram verdadeiras joias de miniaturas preciosas.

A bonita DONNA REED, da Metro, exibe um elegante vestido de seda grossa com uma túnica drapeada na frente, cruzando sobre o lado, mangas curtas e uma bonita ornamentação decorativa do lado. A pintura a mão, aqui, ficaria muito bem.

OUTRA NOVIDADE. Signe Hasso, a linda atriz sueca da Metro, usa sobre um vestido de malha liso um "iris" de cerâmica fina como porcelana, do célebre ceramista Hobe, a mesma flor (iris) usada como brinco; mas, reparem, não é posto no lóbulo da orelha e sim no alto, e aí está a novidade.

DUAS NOVIDADES

Vestidos pintados a mão e
brincos no alto da orelha.

A última nota de originalidade de Hollywood (para haver qualquer coisa de novo) são as blusas pintadas a mão. Ultimamente vimos em um filme-jornal alguns modelos bem interessantes, com detalhes sobre o modo de executar a pintura, declarando que a casa vendia cerca de quatrocentas dessas blusas por dia. Há alguns meses atrás, folheando uma revista estrangeira, vi-



"MANHANITA" modelo de capa

TALHE 46

Pontos empregados: — Ponto de arroz para beiras e final das folhas: 1 direito, 1 avesso contrariado em todas as carreiras.

Material — 7 novelos de lã e seda, grossura regular, Agulhas 3 e 4 — 1½ metro de fita.

Ponto elástico — 1 direito, 1 avesso, sem contraria-las.

Fantasia para a capa — X 1 carr: 1 direita X 1 laçada, 2 direitos, 1 diminuição simples, 2 juntos, 2 direitos, 1 laçada, 1 direito X.

2.^a e 4.^a carreiras: Ponto avesso.

3.^a carr: X, 1 laçada, 2 direito, 1 diminuição simples, 2 juntos, 2 direito, 1 laçada, 1 direito X, 1 direito. Começa de novo. A parte de cima está explicada na marcha do trabalho.

Coloca-se 111 p. sobre as agulhas n. 3, que se tece em arroz os primeiros e ultimos, 10 p. e em elástico os 91 p. do meio, durante 10 carreiras.

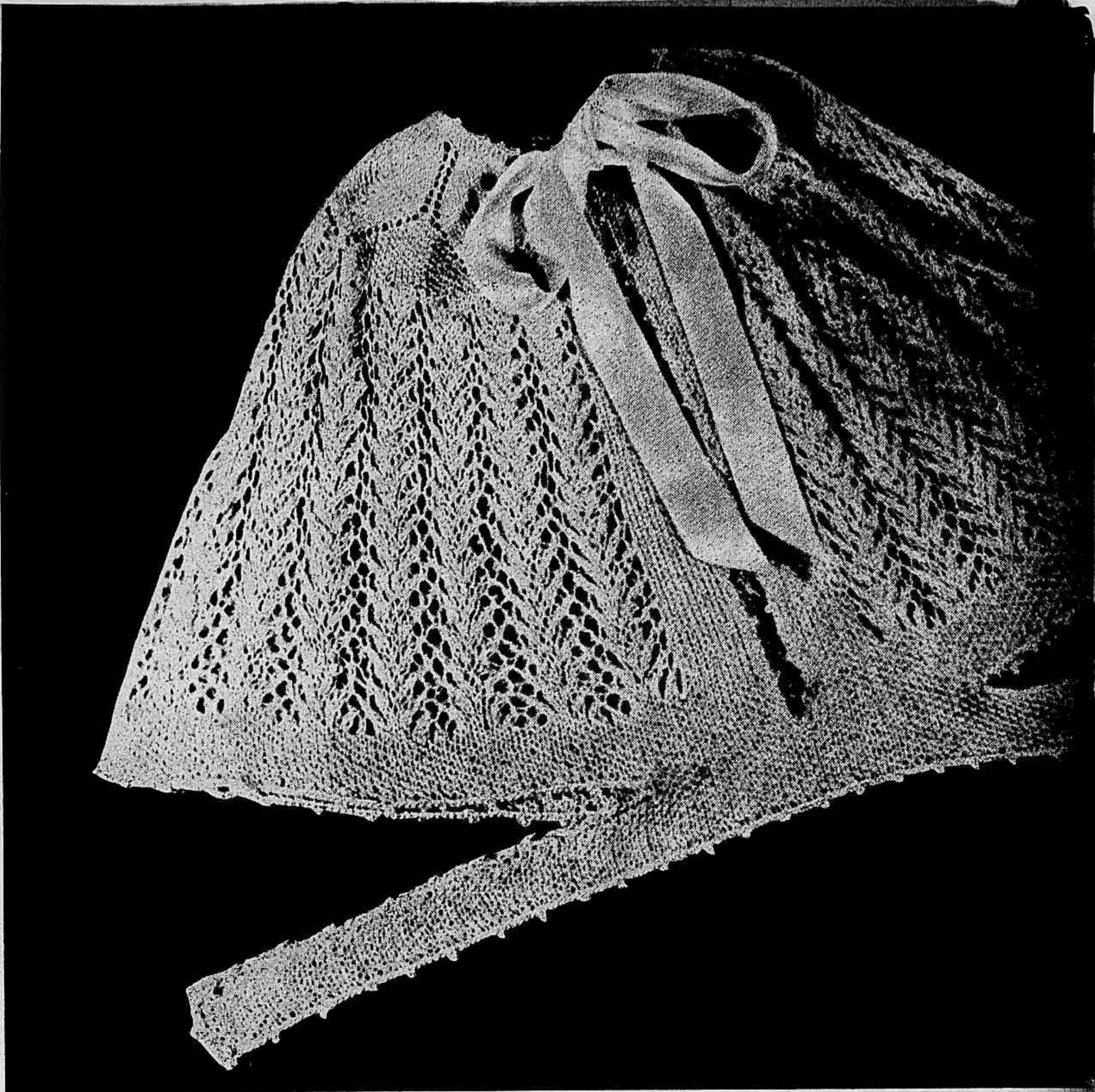
Logo se continua em arroz as guardas e p. de arroz nas carr. pares.

1.^a — 10 arroz — 1 direito, X 1 laçada, 11 direito. 1 laç: 1 dir: 10 arroz.

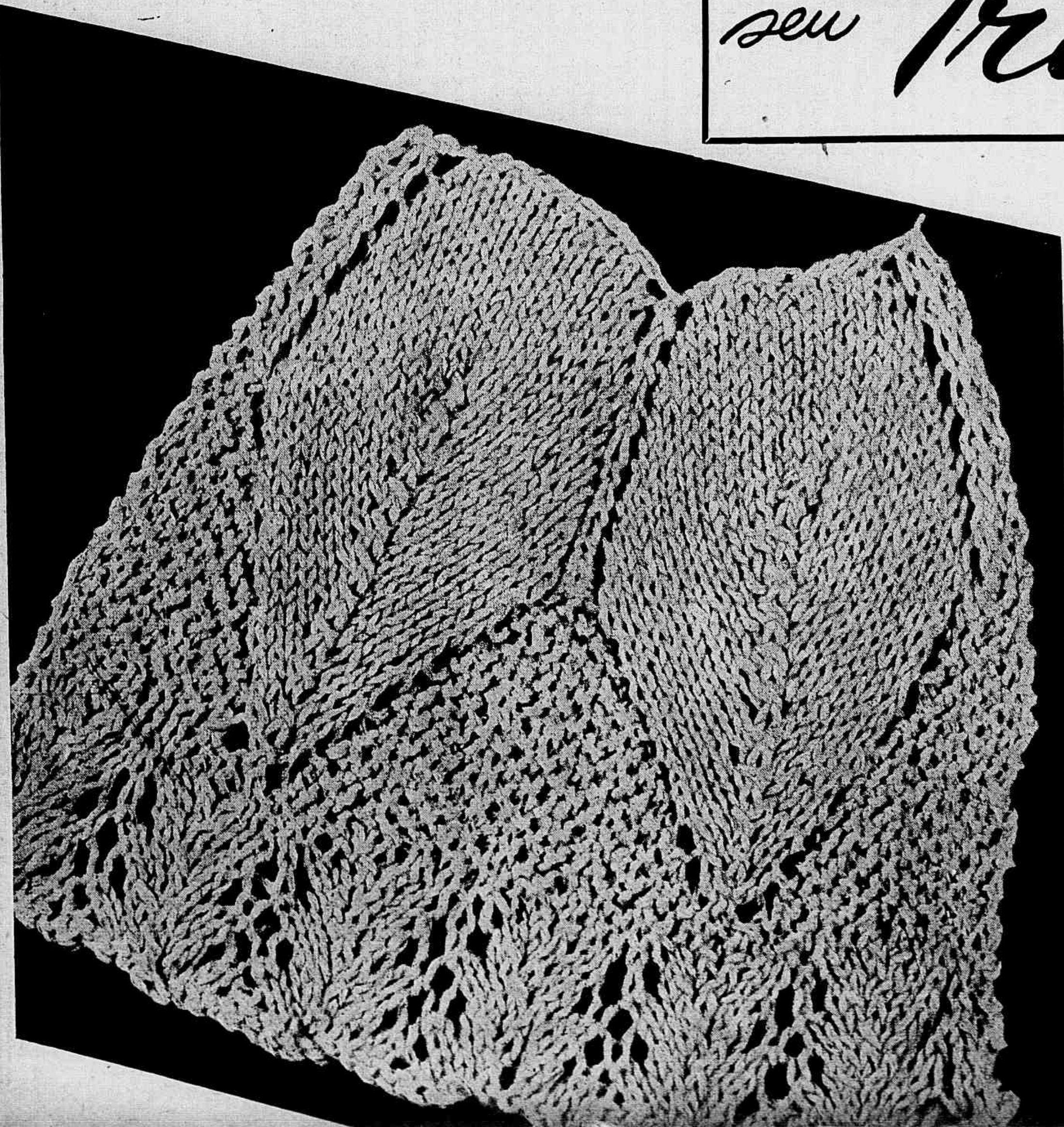
3.^a — 10 arroz — 1 dir, X 1 laç., 1 dir: 1 laç: 1 direito.

5.^a — 10 arroz, 1 direito X 1 laçada 13 direito, 1 laçada, 10 arroz.

7.^a — 10 arroz — 1 dir: X 1 laçada 15 dir: 1 laç. 1 dir: 10. 9.^a carr: a 11. e a 13.^a são feitas do mesmo modo, aumentando depois da laçada 2 p. em cada carreira.



seu *Tricot*



17.^a — 10 arroz, barra, 1 avesso arroz, 1 laçada, 10 dir. 1 diminuindo duplo, 10 dir. 1 laçada dupla, 1 avesso, 10 arroz beira. Nas carreiras pares tece-se em arroz também os pontos que se vão formando entre as laçadas, devendo considerar-se as laçadas da carr: precedente como de ponto de arroz.

19.^a — 10 arroz 1 avesso X 1, direito, 1 laçada, 9 dir: 1 laçada, 1 direito, 1 avesso, 10 arroz.

21.^a — 10 arroz — 1 avesso X 2 arroz — 1 laç: 8 dir., 1 diminuindo duplo, 8 dir: 1 laç: dupla, 3 arroz — 10 arroz.

23.^a — 10 arroz — 1 avesso, X 3 arroz. 1 laç, 7 dir. 1 diminuindo duplo. 6 dir: 1 laç: 4 arroz — X 10 arroz.

25.^a — 10 arroz — 1 avesso: X 4 arroz, 1 laçada, 6 dir: 1 dim: duplo, 6 dir: 1 laç: dupla, 5 arroz X 10 arroz.

27.^a — 10 arroz, 1 avesso, X 5 arroz 1 laçada, 5 direito, 1 dim: duplo, 5 dir: 1 laç: 6 arroz — X 10 arroz.

29.^a — 10 arroz — 1 avesso X 6 arroz, 1 laçada 4 dir: 1 dim: duplo, 4 dir: 1 laç: dupla, 7 arroz X 10 arroz.

31.^a — 10 arroz — 1 avesso X 7 arroz, 1 laçada: 3 dir: 1 dim: dupla, 3 dir: 1 laçada, 8 arroz X 10 arroz.

33.^a — 10 arroz — 1 avesso X 8 arroz, 1 laç, 2 dir. 1 dim: duplo, 2 dir: 1 laç: dupla 9 arroz X 10 arroz.

35.^a — 10 arr: 1 avesso: X 9 arroz, 1 laç: 1 direito, 1 diminuindo duplo, 1 direito: 1 laçada, 10 arroz, 10 arroz!

37.^a — 10 arr: 1 avesso. X 10 arroz, 1 laç: 1 dim: duplo, 1 laç da dupla, 11 arroz, 10 arroz.

DE MUSICA

A Temporada Lírica -- O segundo concerto do maestro Erich Kleiber

TEREMOS este ano, novamente, o "Falstaff" de Verdi. A direção do Teatro Municipal, com louvável persistência, procura, à custa de repetições, fazer com que o nosso público venha a gostar da obra prima de Verdi. Wallace Brockway, em seu livro, "The Opera", diz que Falstaff não é apreciado pelo grande público, porque a música vai depressa demais para que ouvidos não educados apreciem devidamente a sua beleza. E o ilustre crítico prossegue sugerindo que o melhor meio para curar essa indiferença é a repetição da ópera, sustentada no cartaz, pelos nomes dos



ERICH KLEIBER

seus intérpretes, até que o público se habitue ao idioma maravilhoso que Verdi emprega e que, ainda de acordo com Brockway, chega à perfeição de, descrevendo personagens ingleses, tornar-se inglês.

O conselho de Brockway foi seguido, fielmente, pelo Metropolitan, de Nova Iorque, e parece que tem dado excelentes resultados. Tendo primeiro Scotti e, mais tarde, Tibbet, no papel principal, a ópera vem se firmando na admiração do público, que não deixa mais o teatro às moscas na noite em que a apresentam.

Aquí, segundo parece, teremos o admirável Leonard Warren no papel de Falstaff, e não será por falta de um ótimo protagonista que não se obterá sucesso. Mas creio que o prestígio do barítono americano bastará para que, ao menos, os seus admiradores compareçam ao teatro. E isso sómente, afinal de contas, é o que pede Brockway.

A propósito de Falstaff há muitos casos a contar. Foi com Falstaff, por exemplo, que Lawrence Tibbet obteve seu primeiro triunfo. Isso, em circunstâncias excepcionais.

Scotti, o grande barítono italiano, que desempenhava o papel de Falstaff, resolveu prejudicar seu colega americano. Lawrence Tibbet obtivera de Gatti Cazazza, empresário do Metropolitan, por intervenção de Frances Alda, também cantora e mulher deste, que lhe fosse dado o pequeno papel de Ford. Aconteceu, porém, que, apesar de todas as oportunidades que tem o protagonista para brilhar, Verdi compôs uma linda ária para ser cantada por Ford, personagem secundário. E esse trecho Tibbet interpretou da melhor maneira possível, o que não foi pouco. Ora, Scotti, muito vaidoso, não permitiu que o colega fosse receber os aplausos merecidos, pois findo o ato — e a ária de Ford era justamente no final de um ato — ele foi receber as palmas sozinho. O sucesso do jovem barítono americano, que teria passado despercebido não fora isso, foi muito maior, porque o público, revoltado com a atitude do italiano, procurou, às pressas, no programa, o nome do cantor preterido e começou a chamá-lo. Voltando este ao palco, finalmente, foi recebido com uma ovação ensurdecadora. O público americano não é brincadeira...

Nessa noite cantavam também, além de Scotti e Tibbet, vários intérpretes famosos. Entre outros, a própria Frances Alda e o fascista Beniamino Gigli.

Hoje, é Tibbet quem faz o papel de Falstaff no Metropolitan. Aquí, ouviremos Leonard Warren e — sem estabelecer comparações. — isso nos basta.

Enquanto no Municipal se ultimam os preparativos para a estreia da companhia lírica, a primeiro de Agosto, esperamos a chegada dos cantores e fazemos votos para que a ópera obtenha aquí o mesmo sucesso e se torne tão popular quanto em Londres e Nova Iorque.

SEGUNDO CONCERTO DE KLEIBER

Um grande crítico musical queixava-se, há algum tempo, do pouco caso que os executantes faziam das obras de compositores brasileiros, incluídas nos programas por exigência do governo. Argumentava, com toda razão, que não há nada mais benéfico para o compositor do que ouvir suas produções bem interpretadas, nada melhor para fazê-lo compreender as suas deficiências e auxiliá-lo a remediá-las, e, sobretudo, nenhum estímulo mais poderoso.

E' verdade que, dessa época para cá, já temos assistido a tentativas honestas e bem sucedidas nesse sentido, porém partiam de artistas brasileiros ou de estrangeiros radicados aquí.

Nenhum maestro visitante, entretanto, demonstrou maior compreensão e maior ca-

rinho ao executar a nossa música do que o maestro Kleiber. Devido à maneira pela qual foi exteriorizada, a obra de Mignone adquiriu maior efeito.

Momus foi regida como o próprio Mignone a regeria. A peça, que já nos dá a medida do talento do compositor, na maneira hábil de lidar com os temas, nos efeitos empregados, é exuberante, viva, com todos os característicos de uma obra de mocidade. Foi escrita aos vinte e três anos, diz o programa, e diante disso, só nos resta admirar no domínio que o maestro Mignone já tinha dos recursos sinfônicos, com essa idade. Momus, apesar disso, não deixa de ser mais pitoresca do que propriamente bela. Representa, ademais, uma fase já encerrada da obra magnífica do compositor.

Não foi, porém, unicamente, a execução primorosa de Momus que tornou interessante o concerto do maestro Kleiber. Talvez, mesmo, que mais importante ainda fosse o contraste estabelecido entre as sinfonias de Bach e Dvorak.

Os filhos dos grandes homens, em geral, não têm o valôr do pai.

Há exceções, é lógico, mas, na maior parte dos casos, a regra é infelizmente verdadeira.

Não foi assim com João Cristiano Bach que, se não possuía o gênio paterno — inigualável e inexcédível — demonstrou verdadeiro talento e, para prová-lo, bastaria essa encantadora sinfonia que ouvimos na interpretação de Kleiber e nos lembra a deliciosa música de Mozart que aliás foi quem elevou à perfeição a sinfonia clássica da qual João Cristiano foi um dos precursores.

Dvorak, compositor moderno, da escola tcheca, dispunha dos recursos técnicos acumulados pelo trabalho dos músicos de um século para compôr a sua sinfonia. E assim, unidos num só programa, cada qual num extremo, temos dois momentos da evolução da sinfonia.

Prelúdio do Lohengrin é, para muitos, o pequeno trecho de maior efeito e menor valôr, que antecede o terceiro ato, porém para Erich Kleiber — felizmente! — é o lindíssimo prelúdio do primeiro ato.

Os elogios que poderíamos fazer ao Maestro são desnecessários. Todos já tiveram ocasião de aplaudir as suas interpretações. Cabe-nos registrar, unicamente, a completa transformação que se operou na orquestra do Municipal. Os elementos são os mesmos os instrumentos, também; porém, assim que Kleiber toma a batuta, não é mais aquele razoável e maltratadíssimo conjunto que conhecemos: é outro mais harmonioso, mais afinado. Restam-nos ainda, fazer votos para que os espetáculos que o Sr. Piergilli nos apresenta após os concertos do maestro Kleiber se mantenham no mesmo nível.

ROBERTO LYRA FILHO.

Puberdade?

IDADE PERIGOSA

em que muitos jovens se vêem atacados de anemia, e de clorose. É preciso fortalecer o organismo, enriquecer o sangue. A EMULSÃO DE SCOTT — a maravilhosa combinação do óleo de fígado de bacalhau com cálcio e sódio — revitaliza e robustece. Em qualquer época, não há substitutos para a

EMULSÃO DE SCOTT

Técnico das Gerações

É UM FATO A SUPERIORIDADE DOS PRODUTOS

JARRO ELÉTRICO

FERVE AGUA PURA E LIMPA
1 LITRO
POR 2 CENTAVOS
EM 5 MINUTOS
E, SEM AGUA, DESLIGA AUTOMATICAMENTE • GARANTIA 2 ANOS
Preço Cr. 150 -

CHUVEIRO ELÉTRICO

dos quais foram instalados no Brasil 120.000 em 14 anos
A qualquer hora um banho morno ou quente por 10 cts. • Garantia, 5 anos

Em cada um Rei

Pois: água quente - ao repente - necessita toda gente.

"INDUSTRIAS REI"

RIO R. DAS MARREAS, 5 • S. PAULO R. 7 DE ABRIL 172
A venda em todas as boas casas do ramo.

Café, Amor e Melodias...

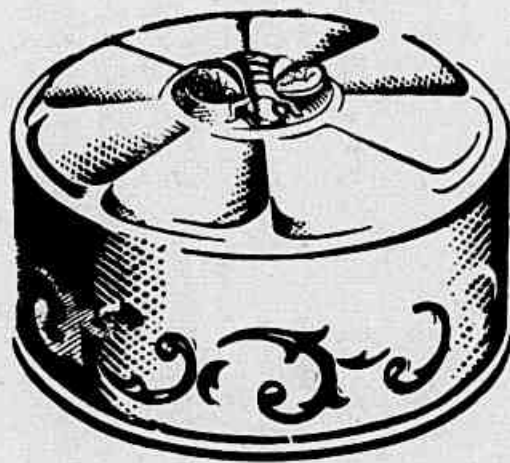
(Continuação da pag. 15)

— Pois não, Susana. Pergunte.
 — Por que fez isso por mim?
 — Solidariedade humana! Lembranças de um tempo em que eu passava fome nas ruas de Londres...
 — Você hoje tem dinheiro, não é verdade?
 — Bem, eu já não passo mais fome...
 — Então, eu queria pedir-lhe um grande favor...
 — Pois não. Não faça cerimonia.
 — Quer fazer uma grande coisa? Fique aqui uma semana. Eu não tenho dinheiro para pagar-lhe agora. Mas, assim que esta casa começar a prosperar, estou certa de que me farão uma oferta e então eu poderei pagar-lhe. Com você aqui, eu poderia fazer mais coisas; poderia...
 — Eu estou às ordens. Mas não vai ser precisa uma semana. Basta um dia. Você vai ver...
 — Se fôr assim, melhor para você.
 — Não é verdade.
 — Por que?
 — Talvez um dia eu lhe diga porque.
 — Esperarei pacientemente.
 — Escute aqui.
 — Que há?
 — Posso fazer-lhe uma pergunta?
 — Pois não. Você respondeu á minha.
 — Aquela carta que você estava lendo, vem de um banco não é?
 Ela riu: — Está muito enganado.
 — Pensei que fosse algum pedido de empréstimo recusado...
 — Chi! Você tem uma imaginação...
 — Então o que era?
 — Você promete que não ri, se eu disser?
 — Prometo.
 — Bem, como você foi bomzinho, eu vou dizer... E'... é uma carta de um cantor de rádio...
 — Que cantor?
 — Peter Garth. Você conhece?
 — Já o ouvi cantar.
 — Não tem uma voz linda?
 — Minha filha, você ainda não reparou que eu também sou cantor? Então você espera que oficial do mesmo ofício vá achar o trabalho de seu rival superior ao seu?
 — Ah, é mesmo. Eu não ouvi direito o que você cantou. Tinha tanta gente. Tanto barulho! Eu estava ocupada fazendo o café...
 — Mais tarde eu canto só para você.
 — Está bem.
 — E agora é melhor você ir servir o café que os fregueses já estão impacientes...
 — Ih! E' mesmo. Eu me esqueci deles...
 Ela afastou-se, depressa. Ele sorriu.
 Sua previsão foi confirmada. Por volta das 7 horas, o dono do café vizinho apareceu novamente. Dessa vez trazia uma proposta para comprar o café. Fecharam negócio. Susana recebeu uma soma elevadíssima e prometeu entregar a casa no dia seguinte...
 Foi uma noite de triunfos. Era quasi meia noite quando ela fechou a casa.
 — Eu vou para casa. Se você quiser dormir aqui...
 — Não, obrigado...
 — Você vem aqui amanhã?
 — Não. Não quero ver essa linda casa passar para as mãos daquele imbecil...
 — Você pensa que eu quero? Mas que remédio?
 — Você está mesmo em dificuldades, não é?
 — Estou...
 — Mas falemos de coisa mais alegre... Então você é fan de Peter Garth...
 — Sim, ele escreveu uma carta linda...
 — Querida fan:

(Continua na pag. 47)

Como está mais bonita!...

Descubra uma nova beleza com o pó de arroz Bond Street, de Yardley, tão macio, tão fiel à tonalidade da sua cutis, tão maravilhosamente fino. Goze a lisonja motivada pela beleza natural, a espontaneidade sutil que é arte especial do fabricante — o presente de Yardley ao encanto e a você!



Yardley
de Londres

Lembre-se: ainda chegam às lojas pequenos fornecimentos de Cremes de Beleza Yardley e Talco Lavender. Assim, veja se obtém o seu quinhão!

88 OLD BOND STREET - LONDON - ENGLAND

BIGODE
DE SENHORAS E VERRUGAS
ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CICAÇÕES
ESPEC. GUILHERME KLOTZ
SÃO PAULO - 1471 Av. Brig. Luis Antonio
TRATAMENTOS CIENTÍFICOS DA CUTIS
Para enviar-me prospectos:
NOME _____
ENDREÇO _____

DOR de ESTOMAGO?
AZIA - MÁ DIGESTÃO
DISPEPSIA - ÚLCERAS
Papéis
BANKETS

SABONETE

VALE QUANTO PESA

E' O IDEAL PARA O BANHO!

GRANDE · BOM BARATO

A' VENDA EM TODO O BRASIL



PAVILHÃO OSVALDO COSTA — FLAGRANTES APANHADOS NO DIA 25 DE JUNHO P. FINDO QUANDO FOI INAUGURADO, NESTA CAPITAL, PELO ASILO N. S. DE POMPÉA O "PAVILHÃO OSVALDO COSTA". A SOLENIDADE, PRESIDIDA PELO DESEMBAGADOR VICENTE PIRAGIBE, CONTOU COM A PRESENÇA DE FAMILIAS E PESSOAS GRADAS DEIXANDO A MELHOR IMPRESSÃO.

FIGURAS E FATOS



DR. EPITACIO PESSOA (CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE — ASPECTO TOMADO NA MATRIZ DE SÃO JOSÉ DURANTE A MISSA QUE AMIGOS E ADMIRADORES DE S. S. MANDARAM REZAR EM AÇÃO DE GRAÇAS PELA PASSAGEM DE SEU ANIVERSÁRIO NATALICIO.

NO ALTAR-MOR DA IGREJA DE SÃO JOSÉ FOI MANDADA CELEBRAR MISSA EM AÇÃO DE GRAÇAS, NO DIA 7 DE JUNHO, POR MOTIVO DA COMEMORAÇÃO DAS BODAS DE OURO DO CASAL SR. LUIZ MANOEL PARDELLAS — SRA. D. MARIA E. GARCIA PARDELLAS. ANTES DA MISSA, MONSENHOR DR. BENEDICTO MARINHO PROFERIU EXPRESSIVA ALOCUÇÃO ALUSIVA AO ATO E PROCEDEU À BENÇÃO DAS ALIANÇAS. TERMINADO O OFICIO, O DISTINTO CASAL DIRIGIU-SE PARA A SACRISTIA, ONDE RECEBEU OS CUMPRIMENTOS DAS PESSOAS PRESENTES.

STA. MARIA DE LOURDES LOPES E TENENTE URANO PRADO GUTIERREZ, NO DIA DO SEU ENLACE NUPCIAL, REALISADO NA MATRIZ DE S. JOÃO BATISTA DA LAGOA. FORAM PADRINHOS O NOSSO COMPANHEIRO ALEERTO LIMA E SENHORA.

DR. ALCIDES CARNEIRO — REALISOU-SE NO DIA 17 DE JUNHO PASSADO EXPRESSIVA HOMENAGEM AO DR. ALCIDES CARNEIRO, ADVOGADO E MEMBRO DO MINISTERIO PUBLICO FEDERAL, CONSTANTE DE UM ALMOÇO QUE ATRAIU NUMEROSOS AMIGOS E ADMIRADORES DO HOMENAGEADO, CUJO ANIVERSARIO TRANSCORRERA DIAS ANTES.

INTERPRETANDO O SENTIR DOS PRESENTES, FALOU O DR. GILDO AMADO, QUE PROFERIU MAGNIFICA ORAÇÃO, MERECEDORA DE COMOVIDO AGRADECIMENTO EM DISCURSO DO HOMENAGEADO, IGUALMENTE BRILHANTE.

A FOTO ABAIXO É UM FLAGRANTE DO ALMOÇO EM QUE SE VÊ O DR. ALCIDES CARNEIRO ENTRE O CEL. NELSON DE MELO, ENTÃO AINDA CHEFE DE POLÍCIA, E JOÃO MAURICIO DE MEDEIROS, MINISTRO INTERINO DA AGRICULTURA.



Enlace

DIAS DA ROCHA — BRITO CUNHA

NO DIA 22 DE JUNHO ULTIMO REALISOU-SE O ENLACE MATRIMONIAL DA SENHORINHA RUTH DIAS DA ROCHA COM O DR. JOÃO LUIZ DE BRITO CUNHA. A NOIVA É FILHA DO CASAL DR. ALVARO DIAS DA ROCHA. E O NOIVO DO CASAL DR. HENRIQUE WALDEMAR DE BRITO CUNHA.



A CERIMONIA RELIGIOSA, QUE TEVE LOGAR NA IGREJA DA SANTISSIMA TRINDADE, FOI CELEBRADA PELO BISPO DOM MIAMEDE, SERVINDO DE PADRINHOS, POR PARTE DA NOIVA, A SRA. OSWALDO DOS SANTOS JACINTHO E O SR. ALVARO LAGE, SEU TIO, E POR PARTE DO NOIVO A SRA. E SR. DR. JORGE DORIA.

O ATO CIVIL, REALISADO NA RESIDENCIA DOS PAIS DA NOIVA, Á RUA JARDIM BOTANICO, 49, FOI TESTEMUNHADO, POR PARTE DA NOIVA, PELA SRA. E SR. DR. CICERO MONTEIRO E SRA. ALVARO LAGE, E POR PARTE DO NOIVO PELA SRA. SILVIA BRITO CUNHA E SR. DR. RANULPHO BOCAIYUVA CUNHA, SEUS TIOS, E O SR. DR. JOAQUIM LOBO ANTUNES.

DURANTE AMBAS AS SOLENIDADES OS NOIVOS E SEUS PROGENITORES TIVERAM OCASIÃO DE RECEBER DA SOCIEDADE CARIOCA AS MAIS EXPRESSIVAS DEMONSTRAÇÕES DE APREÇO E AFETO. A OBJETIVA DA REVISTA DA SEMANA COLHEU OS DOIS ASPECTOS QUE ILUSTRAM ESTE REGISTRO, MOSTRANDO, O DO ALTO, UM FLAGRANTE DA BENÇÃO NUPCIAL EM QUE APARECE PARTE DA SELETA ASSISTENCIA E O DO LADO, OS NOIVOS ENTRE OS SEUS PAIS.

Café, Amor e Melodias ... (Conclusão da pag. 45)

E' sempre com prazer imenso que recebo uma carta de uma admiradora. Você não pode calcular que incentivo, que consolo umas poucas palavras podem dar..." etc., etc."

— Mas você sabe a carta de cor?
— Claro. Todos os atores tem uma chapa que não muda nunca para escrever para as fans.

O rosto dela espelhou a decepção que sentiu.

— E eu que pensei...
— Mas não se aflija. Se Peter Garth a conhecesse, não lhe mandaria a carta convencional. Escreveria com menos facilidade, porem seria mais sincero...

— Que diria ele?
— Diria: você, tão linda assim, gastar sua admiração comigo? Eu, sim, que deveria admirá-la. Seus lindos cabelos louros, seu rostinho encantador e provocante, sua boquinha vermelha...

— Isso ele não escreveria.

— Como não?

— Peter Garth apaixonado por mim? Tem graça!

— Você já viu algum retrato dele?

— Ele nunca tira retratos. Nunca manda retratos para as fans.

— Quem sabe se não é porque é muito feio?

— Nem diga isso! Com aquela voz!

— Qual é a canção dele que você mais gosta?

— Eu te amo!

— Hein?!

— A canção...

— Ah!...

Ele foi ao piano e tocou a canção. Tocou e cantou. E, enquanto cantava, a fisionomia da moça exprimiu, primeiro espanto, depois comoção...

Quando ele acabou, ela disse:

— Peter Garth...

— Eu mesmo.

— Peter Garth aqui...

— Peter Garth, loucamente apaixonado por uma lourinha que acha que isso é impossível.

— Mas a voz! Ainda agora, quando você cantou, a voz era diferente!

— Disfarcei a voz...

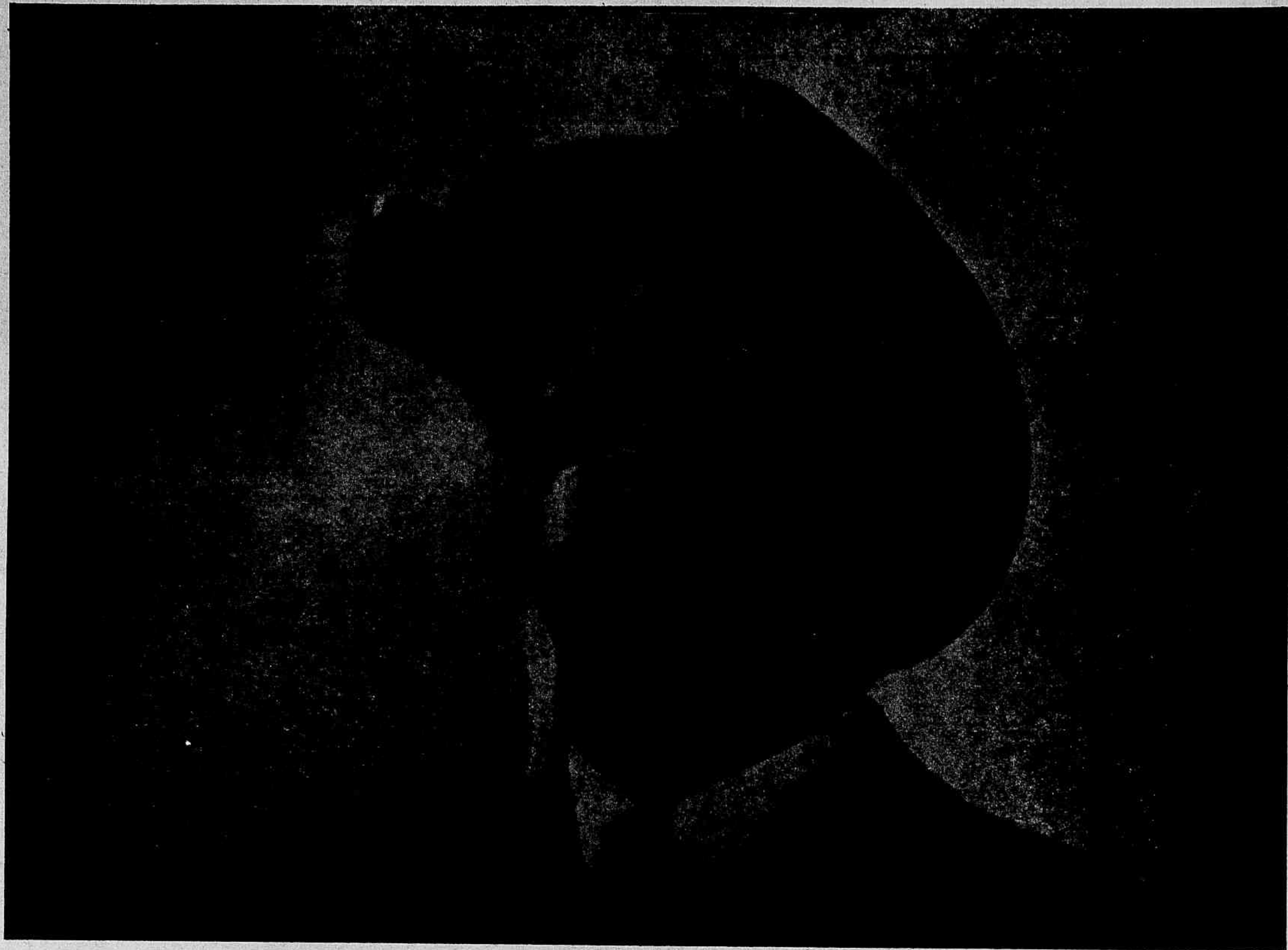
— Mas então...

— Então, há aqui um rapaz apaixonado, nada mais. Quer ir comigo, Susana? Você vai vender essa casa onde foi infeliz. Quer ir comigo, amanhã, para a América, e ser feliz?

— Oh, Peter!



OS SOCIOS DO CENTRO DE EXCURSIONISTAS BRASILEIROS, COMEMORANDO A NOITE DE SÃO JOÃO, REUNIRAM SE NO HOTEL SANTA RITA EM MENDES, REALIZANDO ALÍ UM PITORESCO BAILE À CAPIRA, FESTA QUE ALCANÇOU EXCEPCIONAL BRILHANTISMO. FOI UMA NOITE DE INTENSA ALEGRIA O SARÁU LEVADO A EFEITO NO GRANDE HOTEL DE TURISMO QUE, DURANTE O BAILE, OFERECU O ASPECTO CARACTERISTICO DOS NOSSOS AMBIENTES RURAIS. AS FOTOS QUE REPRODUZIMOS FIXAM DOIS GRUPOS DE SOCIOS DO C. DE E. BRASILEIROS, QUANDO DE SUA ESTADIA NO HOTEL SANTA RITA, VENDO-SE NUM DELES OS PARTICIPANTES DO BAILE DE SÃO JOÃO, COM SUAS VESTIMENTAS TÍPICAS.



ENCARE SEUS CINQUENTA COM CONFIANÇA

QUE satisfação experimenta um homem que aos cinquenta se sente tão animado... entusiasta... são... como qualquer dos seus amigos menos idosos! "Se alguns homens podem fazê-lo, porque não todos?", pensará você.

Há na vida de toda gente um momento em que os seus recursos físicos começam a declinar — em que se está consumindo literalmente — e envelhecendo! Felizmente, hoje em dia muitos homens consultam seus médicos para saber como poderiam retardar os efeitos dos distúrbios cardíacos e renais, da hiper tensão arterial, da artério esclerose e da diabete. Grande parte da "juventude" prolongada de alguns de tais homens pode ser atribuída aos conhecimentos médicos sempre cres-

centes sobre as condições que se apresentam na meia idade — sobre os seus diagnósticos no início — sobre o modo de diminuir os seus efeitos. Assim, se você está beirando os cinquenta, procure seu médico e peça-lhe que o examine. Faça isto antes da chegada da doença... mesmo que esteja se sentindo

bem! Há 85 anos que a Casa Squibb vem cooperando com a classe médica na fabricação de produtos para a prevenção e tratamento de moléstias. Há, e sempre houve, somente um padrão de qualidade para os produtos Squibb... cada um deles é tão puro, seguro, e eficaz, como a maior habilidade científica e o cuidado inexcusável possam produzi-lo.



Quando comprar um creme dental, um produto vitamínico, um preparado medicinal para a casa ou um soro para o hospital, verifique se traz o Selo da Casa Squibb — um produto de confiança.

E·R·SQUIBB & SONS, NOVA YORK

QUÍMICOS FARMACÊUTICOS ESTABELECIDOS DESDE 1858

○ INGREDIENTE DE VALOR INESTIMÁVEL DE TODO PRODUTO É A HONRA E A INTEGRIDADE DO SEU FABRICANTE

O QUE SE DEVE evitar

MARIA MARGARIDA

MINHA AMIGA DESCONHECIDA:

Quando uma moça, de nossos dias, se casa, é inegável que ela leva para o lar que se vai formar um cabedal de experiências e conhecimentos, que não tinham naturalmente as jovens do meu tempo: isso se dá em consequência, forçosamente, das normas do lar antigo, dos costumes e da organização social no tocante à mulher. Ela vivia circunscrita à vida doméstica, sob a autoridade paterna e a assistência moral de sua mãe. Tudo isso lhe punha uma certa venda de ilusão rosea sobre os olhos, e era através dessa venda que ela olhava a vida, esperando que alguém lhe resolvesse os problemas amorosos...

Uma vez casada era o marido a sentinela e o guardião da fortaleza em que vivia. Hoje a vida dá-lhe uma experiência prematura; a sua emancipação tirou-a do lar e da tutela direta dos pais; ela amadurece antes de tempo, como as frutas preparadas para o comercialismo lucrativo. Ela casa-se sem *ilusões*, apenas com a *esperança* talvez de ser feliz, ou de fazer uma experiência...

Para uma moça, antigamente, as reações dos primeiros tempos em comum eram muito mais intensas e também mais profundas, e todo seu futuro, até mesmo a formação de sua nova personalidade dependiam do caráter e tacto do marido, e de seu próprio poder de adaptação.

Para você, minha amiga, a reação é diferente. Sua possibilidade de viver feliz depende muito do seu senso comum, da maneira de usar sua inteligência e os conhecimentos adquiridos, para evitar, com jeito, tudo quanto possa levá-la a um desastre inevitável.

Ha pequenos fatos da vida doméstica que poderão ter consequências desagradáveis. Por exemplo: Nunca seja por demais exigente ou despotica nos seus desejos, querendo impô-los. Tenha paciência com seu marido si ele lhe desarranja a casa, si não é muito pontual; lembre-se que a felicidade não deve ser medida por horas ou minutos, e que uma gravata ou um paletó fóra do lugar não deve dar motivo a troca de palavras desagradáveis. Dedique os seus domingos e feriados aos seus; não se preocupe muito em passá-los na cozinha a arranjar pratos complicados. Esteja sempre pronta a acompanhar seu marido, todas as vezes que ele a convidar, habitue-o à sua companhia e faça com que lhe seja agradável sua presença.

Seu marido tem necessidade de sua atenção e afeto, portanto não leve o tempo todo a cuidar dos filhos, relegando-o a um segundo plano. Não esqueça que ele, e não os filhos, será seu companheiro até o fim. Tenha cuidado também em não o deixar muitas vezes, sob pretexto de reuniões e amizades. Procure satisfazê-lo no seu modo de arranjar-se procurando combinar seu gosto com o dele, ou convencendo-o de que o "chic" é isto e não aquilo.

Enfim, minha amiga, sem perder sua *personalidade*, e sem abdicar de seus *direitos domésticos* e de *esposa*, procure com inteligente tacto ser uma companheira agradável, séria, sincera... e *necessária*.



O AMOR AOS FILHOS DEVE SER IRRADIAÇÃO SIMULTANEA DO AMOR DOS ESPOSOS.

ICLÉA (Rio) — O seu problema não tem uma solução tão fácil como essa que você propõe. Ser madrasta é ainda pior do que ser sogra; requer muito tacto e sobretudo muita compreensão. A madrasta tem o dever sagrado de substituir a mãe de uma criança que lhe deu o pai para marido, portanto pôde considerar-se quasi orfã de mãe e pai. Não a aconselho a refletir com suposições, nem argumentar com esperanças.

Você pensa que é *senhora absoluta* do coração e da vontade desse homem; ora, esta convicção leva-la-á ao desejo de domínio despotico e provocará certamente a reação do seu futuro marido, a menos que ele seja desfibrado, e nesse caso não podemos saber como agirá sobre ele a sua tirania. Você tem *esperança* de *torcer-lhe* a vontade quanto à educação doméstica da menina, ou interná-la em um colegio. E si no momento oportuno o amor de pai, a ternura por essa garotinha, por ele criada e acarinhada com desvelo, explodir mais forte que o amor sexual que ele lhe vota e que é tão vario, tão complexo, tão instavel às vezes? Tem certeza que conhece mesmo o caráter e o temperamento dele?

O seu plano Icléa é egoista e nada simpatico; estou certa que você vai crear-se um ambiente de animosidade, e acho difícil que um amor normal, mesmo sincero e apaixonado, resista por muito tempo ao assedio das tricas domesticas. O que você tem a fazer é desenvolver os seus sentimentos maternos e preparar-se para dar à filha do seu marido o mesmo cuidado e carinho que der aos filhos seus, si os tiver. E' este o caminho mais curto para a sua felicidade conjugal.

Copa e cosininha

Mme. RISOLETA



PARA ajudar às nossas leitoras novatas nos problemas de casa, vamos dar-lhes umas explicações de como deve ser *posta e servida a mesa*, de maneira a poder a novel dona de casa ensinar a sua cozeira, quando não seja esta muito habil...

Suponhamos um *menu* de peixe, carne, sopa, sobremesa de pudim e frutas, café, bebidas, agua e vinho. A mesa está posta da seguinte maneira. Em frente a cada convidado: um prato raso, do lado direito a faca para carne, depois a outra para peixe, e a colher de sopa do lado esquerdo, o garfo para carne, depois para peixe. O guardanapo deve estar dobrado sobre o prato. A' esquerda o prato do pão com o pão já dentro e a faquinha para manteiga à direita o copo de agua e o de vinho. A agua já está servida. O cozeiro traz a sopa nos pratos fundos sobre uma bandeja; quando retirar a sopa retira também o prato raso sobre o qual ela está; coloca outro prato raso para o peixe; quando retirar este e o talher de peixe, põe o prato para carne; ao retirar os pratos para servir a sobremesa, retira também o do pão, os saleiros, manteigueiras, etc...

A mesa, ao servir a sobremesa, deve estar livre de pratos e accessorios...

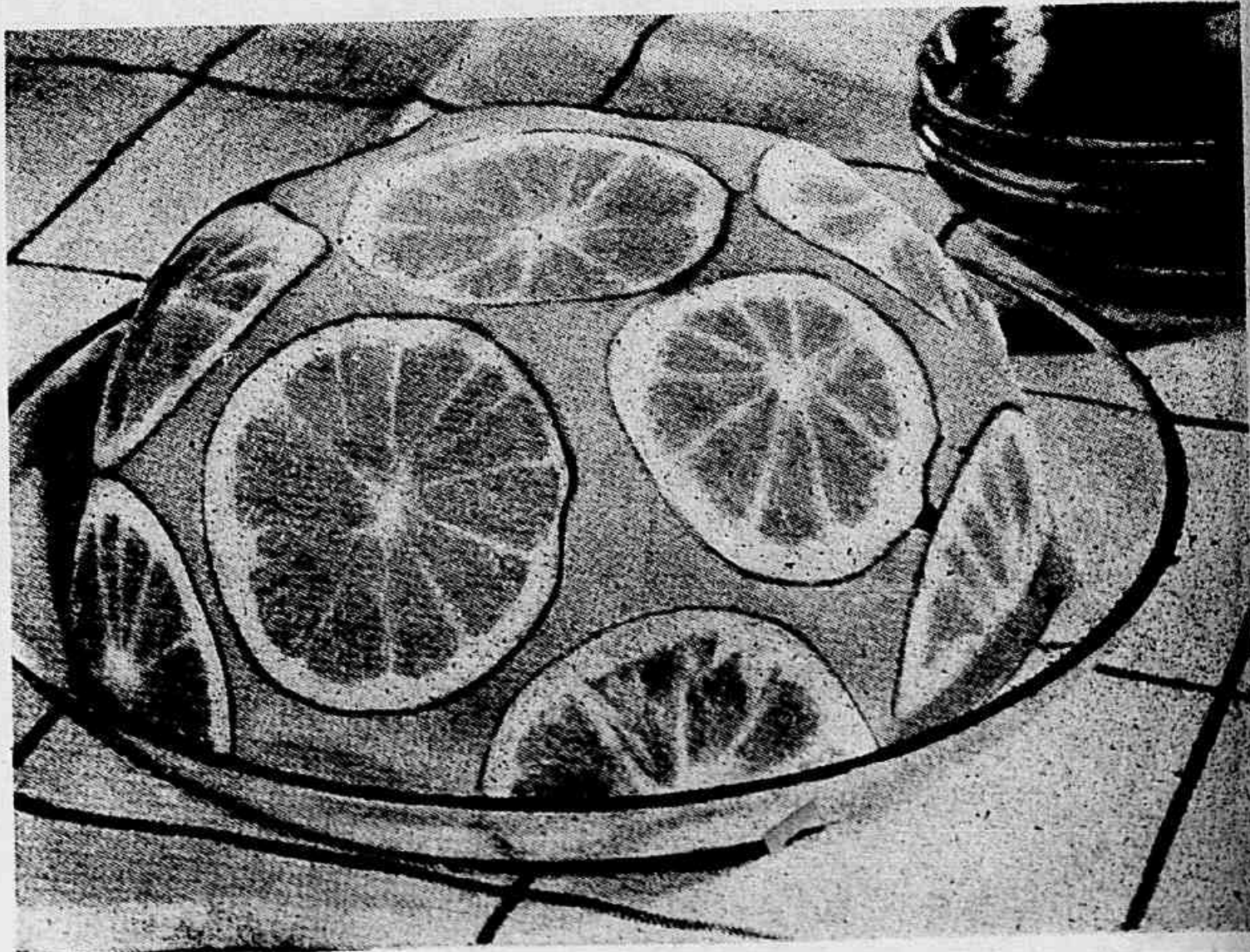
Os talheres para os bolos, pudins, cremes, etc. vêm dentro do prato de sobremesa. O prato para frutas é servido com o m o b l agua sobre o qual está o respectivo talher... O conviva põe os talheres de lado, coloca o *bol* à sua esquerda. O cozeiro, depois de servir as frutas, retira com uma das mãos o *bol* e com a outra o prato. O café vem geralmente servido mas sem açúcar: o cozeiro indaga da quantidade que cada um deseja.

M E N U

MAIONAISE-ROSA — Faça uma maionaise de 6 gemas, uma colherinha de mostarda, que fique bem espessa, juntar $\frac{1}{4}$ de creme fresco, $\frac{1}{4}$ de massa de tomate, 1 colher de sopa de molho inglês, 1 quilo de camarões cozidos em agua e sal. Arrumar numa fôrma com azeite a gelar.

FLAN DE LARANJA — Cobre-se com fatias de 2 laranjas o fundo de uma vasilha passada nagua fria. Tira-se o suco de laranja, $\frac{1}{4}$ de litro; junta-se 80 grs. de maizena, mexendo bem, despeja-se $\frac{1}{4}$ de litro de agua quente. Ferve-se quatro minutos, nesta massa junta-se 60 grs. de açúcar, 20 grs. de manteiga, 2 gemas, despejando na vasilha com as fatias de laranja. Gela.

TOMATE COM CHAMPIGNONS — Lave bem 10 tomates grandes, córte uma rodela em cima, e tire todo o centro. Faça um refogado com azeite, manteiga, os restos do tomate, cebola, salsa, sal, cravo, pimenta; depois dos temperos bem cozinhados, cõe e engrosse com 1 ovo batido; junte sumo de meio limão e um pouco de agua quente, os champignons e com eles recheie os tomates, ponha-os em uma fôrma com azeite e em forno quente até ficarem moles; ponha-os em uma travessa, e enfeite com champignons passados na manteiga.



FLAN DE LARANJA.



Gara Teatro

Uma pequena corôa oval de veludo púrpura real e uma pala listrada de veludo turquesa e púrpura, dão uma nota de verdadeira elegância a este modelo.

É um novo desenho idealizado por Braagard



Gara o Jockey

Ideal para ser usado com um costume é esse novo tipo de chapéu de feltro cinza.

O modelo é simples mas de grande efeito. A copa é alta e debruada com um estreito cordão.

Gara o Chá

Gara ser usado com vestí-
do escuro e peles, nesse inverno,
apresentamos o modelo Braagard,
de veludo aqua-marinha com a
pala e a copa enfeitados
com fita preta.



Gara Gasseio

Esse modelo foi inspira-
do pelos camponeses russos.
É de feltro verde, bordado
a mão e ornamentado por
uma fita havana.





O ILUSTRE CONSELHEIRO DA EMBAIXADA AMERICANA PARA OS NEGOCIOS ECONOMICOS, SR. WALTER DONNELLY, ENTRE O COMANDANTE DAS FORÇAS DO EXERCITO NACIONAL SEDIADAS EM PETROPOLIS, CORONEL LAMARTINE PAIS LEME, E O BISPO DE NITEROI, D. JOSÉ PEREIRA ALVES, QUANDO PROFERIA MAGNIFICO DISCURSO, DURANTE UM BANQUETE REALIZADO NA FABRICA WERNER, HOJE PERTENCENTE A BRASILEIROS. O SR. DONNELLY FALOU EM PORTUGUÊS.

O MISTERIO DO JARRO AZUL

Continuação da página

que se nos afigura ouvirmos, e que não passam de produtos da nossa imaginação, não tem aquela nitidez nem são tão impressionantes!

Esquecera até que ficara diante da moça, a olhar vagamente para o ar, com o aspecto de quem perdeu a cabeça. De repente, lembrando-se da sua posição, disse:

— Perdão, senhorita.

Ela olhou-o.

— Quer revistar a casa?

O tom era tão zombeteiro que Jack, novamente, corou. Decidiu partir.

— Mais uma vez peço-lhe desculpas. O grito, com certeza, veio de outra direção e eu me enganei.

Saudou-a, levantando o boné, e, fazendo meia volta, afastou-se. Não era possível! Como teria ele se enganado? Olhando para trás viu que ela, calmamente, continuava a regar as roseiras.

Jack ainda passou algum tempo percorrendo o prado em todas as direções, procurando algum sinal de vida. Ninguém. Aquela hora o lugar estava deserto. Finalmente, resolveu voltar para o hotel onde morava. Teria que tomar café às carreiras para não perder o trem. Mas, apesar de tudo, ainda estava convencido de que, de fato, alguém gritara.

— Ou gritara ou então eu estou ficando maluco!

A frase foi pronunciada em tom de enérgica convicção. Mal sabia ele que, mais tarde, teria razões para duvidar da própria sanidade mental...

No trem a consciência perturbava-o. Ele devia ter ido à polícia. Devia ter relatado tudo o que ouvira. Mas... E a fisionomia incrédula da jovem? E as fisionomias incrédulas dos policiais, que ele certamente teria que suportar? Não. Mil vezes não. Pensariam que ele estava doido. Diriam que fôra alucinação. Fôra alucinação? Era concebível que ele tivesse imaginado o grito? A medida que se afastava a impressão nítida do grito, à medida que decorriam as horas a sua incerteza aumentava. Não tendo mais o som horrendo a ecoar nos ouvidos, ele começava a duvidar que realmente tivesse existido...

Agora não afirmava mais com tanta convicção. Seria, talvez, o grito de um pássaro, ao longe, que ele ouvira, ou um outro ruído semelhante. Não era possível que fôsse um grito de mulher. Que mulher, afinal? Sendo assassinada? Onde, nesse caso? O prado estava deserto, con-

forme ele mesmo pudera verificar... Então... Era concebível que, às sete horas da manhã, num prado deserto dos domínios de Sua Majestade o rei Jorge VI, um grito tivesse soado, grito de angústia, grito derradeiro de quem está morrendo, um grito que não partiria de nenhuma direção conhecida, um grito que ecoara, no meio do prado, com a mesma nitidez que teria se a vítima estivesse a poucos metros de Jack?

Jack duvidou dos seus próprios ouvidos... Mas, não. Apesar de tudo, era verdade. Apesar de tudo, ele ouvira. Eram sete horas e vinte e cinco minutos, pois naquele mesmo instante consultara o relógio. Às sete horas e vinte e cinco minutos soara:

— Socorro! Estão me matando!

A caminho de casa, naquela tarde, ele leu os jornais com desusada atenção. Nenhum crime cometido nas vizinhanças. Era impossível. Os passageiros do trem olhavam-no com estranheza. Ele lia e relia os jornais como a procurar alguma coisa que não conseguia achar.

— O crime...

De repente, notou que murmurara a palavra que o obcecava. Todos olharam para ele, desconfiados. Naquele momento ele passou por um criminoso cuja consciência o atormentava, um criminoso em fuga.

A manhã seguinte foi radiosa. O sol, nascido mais cedo do que de costume, brilhava no céu. As flores rescendiam. Jack, porém, não teve coragem de ir jogar o seu golf habitual. Era impossível. Não conseguiria suportar aquela dúvida. E se o grito se repetisse? Não. Era me-

lhor desistir do golf. Foi tomar café. Mais tarde pegou o trem para Londres. Mas aquilo não estava certo. Era preciso decidir de uma vez por todas. Ele não podia abandonar o esporte favorito somente porque, uma manhã, ouvira um grito que ninguém mais percebera. Recordou a linda moça que regava flores, no jardimzinho da casa coberta de trepadeiras. Iria, no dia seguinte, mais uma vez. Veria se o grito se repetiria. Estava claro que não ia se repetir. Era pura imaginação.

Na manhã seguinte saiu cedo. Ao passar pela casa da moça viu-a a colher flores, como sempre. Ao seu lado, um regador cheio d'água. Ele saudou-a de longe e ela retribuiu o cumprimento, sem muita cordialidade. Com certeza desconfiava de mim, pensou Jack. Crê que sou louco!

Eram sete horas e vinte e cinco minutos. Jack apanhou o bastão. Agora iria ter a prova decisiva. Ficaria tudo esclarecido. Veria como tudo fôra produto da sua imaginação.

Sete horas e vinte e cinco minutos exatamente. Nada. Mas, eis senão quando...

— Socorro! Estão me matando!

A mesma frase, a mesma voz atterrada, a mesma angústia.

Jack disparou a correr para a casa da moça. Ele levantou os olhos, assustado.

— Dessa vez a senhorita ouviu!

Ela arregalou os olhos e deu um passo atrás, receiosa.

— Não ouvi nada.

Abanou a cabeça e olhou para a casa, furtivamente, como que esperando que alguém a viesse livrar daquele louco.

Você tem vocação para detetive?

Solução do "caso" do numero anterior: "O Chocolate Envenenado".

Segundo a declaração prestada por Janet (fotografia 2), ela deixou o pacote sem abri-lo em cima da mesinha de cabeceira. Quando Frost examinou a corda que o prendia, percebeu que a pessoa que abriu o embrulho havia cortado o nó em lugar de o desfazer (fotografia 3). A vítima, invalida e prostrada na cama, de modo algum teria podido levantar-se para o fazer. Era evidente que a corda tinha sido cortada com uma faca ou uma tesoura, mas o inspetor Frost não encontrou rastro nos lugares da habitação que estariam ao alcance da vítima (fotografia 3). Portanto, ninguém mais sinão Janet poderia ter aberto o embrulho. A declaração prestada a Frost era falsa. Mais tarde ela confessou ter envenenado a vítima esperando que fôsse a herdeira de todos seus bens. As causas que a levaram a atribuir a autoria do crime a Brian, o sobrinho da morta, foram esclarecidas em juízo: Janet estava enamorada de Brian. Mas aconteceu que Brian estava em vésperas de casar-se com terceira, tendo rejeitado todas as insinuações da criminosa.

A sinceridade da moça era evidente, mas não podia acreditar no que ela dizia. Estaria louco? Seria, de fato, uma alucinação? Ela olhava-o.

Jack sobressaltou-se quando ela perguntou:

— O senhor esteve na guerra?

Compreendeu. Ela pensava que ele era uma dessas pobres vítimas da guerra que ficam para o resto da vida sujeitas a alucinações, ouvem ruídos e tem visões extraordinárias.

Jack, desesperado, fez meia volta e afastou-se.

Se eu tornar a ouvir esse grito, às sete e vinte e cinco, então, poderei estar certo de que é uma alucinação, pensou o rapaz.

Na manhã seguinte voltaria ao lugar.

Se eu tornar a ouvir esse grito, às sete e um especialista.

Porém aconteceu um acidente. O despertador não tocou e ele chegou atrasado. Eram sete e vinte e cinco, e ainda estava um pouco afastado do lugar onde costumava ouvir o grito.

Mas, mesmo de longe, ouviu:

— Socorro! Estão me matando!

Dessa vez o grito não o assustou. Seria o fato de estar mais longe do local? Ele mesmo não podia dizer. A idéia de que talvez aquilo tudo fôsse uma brincadeira sem graça, atravessou-lhe a mente e ele apegou-se a ela como a uma tábua de salvação. Sim, a própria moça da casa das trepadeiras poderia estar no conluio. Queriam assustá-lo. Mas, de repente, lembrando-se do olhar de sincera surpresa, do recelo demonstrado ante a afirmação dele, Jack não pôde deixar de convir que ela, pelo menos, era sincera. E, se ela era sincera, nesse caso só ele ouvia os gritos. E, se ele somente ouvia os gritos, queria dizer que estava... Não! Não!

Aproximou-se da moça.

— Bom dia.

— Bom dia.

— Lindas rosas!

— É verdade. O senhor gosta de flores?

— Muito.

— Graças a Deus o senhor está melhor hoje.

— Melhor?

— Sim... Isto é...

— Estou perfeitamente bem.

Irritado, ele partiu.

Na hora do café, reparou que um cavaheiro sentado à sua frente olhava-o com insistência.

Ele estava tão nervoso que não aguentou mais.

— Por que me olha assim?

— Peço-lhe que me desculpe o olhar pouco delicado.

— Por que fixou-o sobre mim?

— Porque notei, meu amigo, que um problema o aflige.

— Que tem o senhor a ver com os meus problemas?

— Nada, com efeito. E, por isso, peço-lhe desculpas mais uma vez. A minha profissão, porém, é solucionar os casos dos outros, e o meu interesse é o que se poderia chamar força de hábito.

— Qual é a sua profissão?

— Sou médico.

— Tem alguma especialidade?

— Sim. Dedico meu tempo ao estudo e cura das doenças mentais...

— Escute aqui, cavalheiro. O senhor está insinuando que eu sou louco?

— Mas pelo amor de Deus! Eu disse tão somente que notara que um problema o afligia. As preocupações, obsessões, alucinações, delírios, surmenagens são todos

LOTES DE LINHO, MISTO E DE CRETONE

Guarnições de mesa — Linhos avulsos — Cambraias, etc. Vendas por atacado e a varejo — Grande facilidade nos pagamentos — Solicitem demonstrações sem compromisso a JULIO HIRSCH.

AV. BRIGADEIRO LUIZ ANTONIO, 350
FONE 7-7669 — S. PAULO

problemas de minha alçada. Como vê, o meu interesse pelo senhor não indica, assim de pronto, que o julgo louco.

— Nesse caso, que acha que eu tenho?

— Pelo exame superficial e à distância, notei tão somente preocupação. Mas preocupação grave. Um problema de difícil solução que o aflige.

— Acertou.

— Eu raramente erro.

Jack deixou passar a observação pretençiosa.

— Quer tentar resolver o meu problema?

— Com muito prazer.

— Contar-lhe-ei, então, o que ocorreu.

— Sou todo ouvidos.

Os fatos, resumidos e reduzidos aos essenciais, eram poucos. Nada havia nesses de complexo. Era um problema de dados simples mas cuja resolução lhe afigurava sumamente difícil.

O médico, que se chamava Lavington, aconselhou-o.

— Vamos fazer uma experiência.

— Como?

— Amanhã iremos juntos ao golfe.

— Ótimo. Veremos si, ao meu lado, o senhor ouvirá novamente o grito.

— Está combinado, então.

— Perfeitamente. Amanhã, quando forem sete horas e vinte e cinco minutos estaremos a postos.

E de fato estavam. Jack consultava o relógio com frequência. Estava se preparando para jogar quando o ponteiro maior passou pelo algarismo cinco.

— Socorro! Estão me matando!

Jack olhou para o companheiro. O médico jogava placidamente.

De repente a vista do rapaz se turvou, o chão faltou-lhe. Desmaiou.

Quando voltou a si, o médico estava ao seu lado.

— Que aconteceu?

— Você desmaiou.

— Foi o grito. Ouviu?

— Não. Nada.

— Doutor, eu estou louco.

— Não diga tolices.

— Ah! O senhor ainda ri.

— Meu amigo, eu sou um médico de almas.

— Ah!

— Percebo o tom de zombaria em sua voz. Não é verdade que a alma seja uma mera fórmula inventada pela religião, para maior conforto do indivíduo. Nada disso. Há alguma coisa além do corpo e da matéria. Aquilo que resta ao desfazer-se em pó e carne podre. Alma, mente, ou ser, subconsciente, ou qualquer outro nome, são sinônimos e designam a mesma coisa: os nomes, porém, não importam. Importa a coisa que é real, verdadeira, patente, incontestável. Você se sentiu ofendido ainda há pouco quando ri; pois bem, não tem razão. Surpreendi-me o fato de um homem inteligente sinceramente supor que está sofrendo de alucinações. A alucinação não é consciente e, si você é capaz de acreditar que se trata de uma alucinação, nesse caso não é absolutamente alucinação o que você sente. Compreende?

— Não.

— Por que?

— Porque o que o senhor diz é tolice!

— Como assim?

— Então eu não sei que ouço coisas que os outros não ouvem? Que pode ser isso si não for alucinação? Loucura? Vem a dar na mesma!

A BELEZA É OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alfaca ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alfaca permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alfaca "Brilhante".

Experimente-o.

- Até de olhos fechados distingo - é Sabonete LEVER!

AMIGA - De fato! Este é Sabonete Lever! Como é que você sabe?

EA - Ah! É fácil. A coisa que logo me diz que este sabonete é Lever é sua deliciosa suavidade!

AMIGA - E você sabe porque Lever é feito assim?

EA - Certamente! É para produzir espuma com rapidez! Veja - bastam cinco ligeiras fricções das mãos e, imediatamente, surge a rica, abundante espuma que, com igual rapidez, estende-se sobre a pele,

absorvendo e removendo todas as impurezas e resíduos da "maquillage".

AMIGA - Com apenas cinco fricções? Formidável! Então gasta pouquíssimo!

EA - É evidente! Com Lever, não se desperdiça, esfregando. É isto que o torna tão econômico e de uma durabilidade incontestável, que pode ser comprovada, marcando-se o dia em que entra em uso. Além de tudo, Lever é o adorável sabonete recomendado por 9 entre 10 estrelas para uma cutis macia e juvenil.

★ LEVER - o sabonete das estrelas!

LINTAS LTS 69-0354 B

Em primeira mão para os homens de negócios!

Síntese da experiência de muitos, é a Revista Publicidade a publicação que fornece em primeira mão as mais úteis informações e comentários internacionais sobre negócios, mercados, economia e propaganda. Assine Publicidade hoje mesmo, pelo telefone 42-9264 (Av. Erasmo Braga, 12 - 1.º and. Sala 12) no Rio, e em São Paulo pelo telefone 4-1644 (Rua Xavier de Toledo, 84 - 3.º andar).

A assinatura anual custa Cr.\$ 50,00 inclusive o anuário de propaganda.
Av. Erasmo Braga, 12 - 1.º and. Sala 12 - Rio
Rua Xavier de Toledo, 84 - 3.º andar - São Paulo
Rua Imperial, 1815 - Recife
Av. Borges de Medeiros, 1017 - Porto Alegre

Compre hoje para ler
sempre

LEIA NESTE NÚMERO DEDICADO AO NORDESTE

QUANDO O NORDESTE ACORDAR...
De Luiz da Câmara Cascudo
Há um nordeste clássico, imóvel na rica literatura... mas há clima também para fábricas e usinas. Não há pandeiro no festivo. Mas com pandeiro ou sem pandeiro, o trabalho segue, frutificando.

O NORDESTE É UM GRANDE MERCADO
(Reportagem de Genival Rabelo)
enviado especial ao Nordeste)
Há dinheiro no Recife, senhores industriais e comerciantes. Organizações publicitárias em fase de pioneirismo. Um problema vital para a economia, defesa e unidade nacionais.

ALMIRANTE ADVERTE: AS EMISSORAS
TRANSIGEM DEMAIS COM OS
ANUNCIANTES!
(Entrevista de Moacir Medeiros com Almirante)

A super-comercialização do rádio resulta em seu desprestígio. A correspondência radiônica não constitui índice de interesse pelo programa. O que é ouvinte profissional. A função do rádio não é educar. O povo não gosta de orquestras...
E mais as seções habituais.

REVISTA

PUBLICIDADE

uma publicação para homens de negócios!
Av. Erasmo Braga, 12 - 1.º and. - Tel. 42-9264

Distribuidor Geral no Brasil
FERNANDO CHINAGLIA
Rua do Rosário, 55-A — Rio

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

PRISÃO DO VENTRE?
Pílulas
ALOICAS
REGULAM O INTESTINO SEM TORTURA-LO.

RUGÓL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE



Beleza Irresistível!

★ Realmente, um sorriso radiante conquista os corações e um encanto sedutor torna-se irresistível! Experimente Kolynos se quiser ter uma dentadura bonita. A espuma penetrante de Kolynos limpa bem os dentes, refrescando e embelezando a boca. Adquira um sorriso gracioso e provocante... usando Kolynos.

Use-a com Confiança



1. LIMPA

2. EMBELEZA

3. REFRESCA

— Meu amigo: Júpiter, como você sabe, tem satélites. Somente um homem em cada milhar pode vê-los. Entretanto isso não faz com que os satélites de Júpiter deixem de existir.

— Mas os satélites de Júpiter são fato provado!

— São provados hoje, mas não o eram, há alguns anos. E' possível que as suas "alucinações" de hoje venham a ser fatos provados amanhã. Não é lógico?

— Não sei...

— Si bem que interiormente Jack julgasse falha a argumentação do médico, não encontrava razões para combater o que ele dizia. E além do mais aquela filosofia era sobremaneira consoladora.

— Mas eu...

— Escute, meu rapaz. Esse grito de socorro ocupa um lugar definido no tempo e no espaço. O espaço é aqui onde estamos e o tempo é sete horas e vinte e cinco minutos.

— Mas por que eu o ouço? Não acredito nessa história de almas do outro mundo...

— Isso você não pode afirmar.

— Não posso afirmar o que?

— Que não cre. Além do mais, os mais cépticos são os melhores médiuns. Você não recebe manifestações porque quer, mas porque foi escolhido para isso. E, sendo céptico, acredita que são ilusões, delírio, alucinação... Mas não pode contestar que existam. E' como a eletricidade. Há bons condutores e maus condutores. Houve um tempo em que não se sabia por que uns corpos deixavam passar a eletricidade e outros não. Hoje, sabe-se. Talvez, no futuro próximo, venhamos a saber por que você ouve uma coisa que eu e aquela moça não ouvimos... Todos esses fenômenos são governados por leis. Quando nós as conhecemos, os fenômenos nos parecem naturais e corriqueiros, mas quando desconhecemos as leis que os regem, os fenômenos são denominados sobrenaturais... até que se descubra que realmente são explicáveis e muito naturais até...

Jack deixou-se levar pela força de convicção do homem.

De repente apareceu a moça no jardim da casa. Não trazia, como de costume, o regador e a tesoura para colher rosas. Parecia muito assustada e seus olhos, muito abertos, mostravam que acabara

de presenciar qualquer fato impressionante.

— Cavalheiro, faça o favor, gritou-lhes ela.

Jack aproximou-se.

— O senhor me disse outro dia que ouvia vozes. Uma voz que pedia socorro, não é verdade? E eu não acreditei. Hoje, à noite, porém, tive um sonho terrível. Era uma mulher ensanguentada que trazia nas mãos um jarro. Um jarro azul. Ela apontava para o jarro e depois para mim. Depois, no meio do sonho, ela gritava: "Socorro! Estão me matando!" E desaparecia. Quando eu não podia mais vê-la, aparecia o senhor e repetia a pergunta: "A senhorita ouviu alguma coisa? A senhorita ouviu alguma coisa?" E ficava a repetir a pergunta até que eu gritava/horrorizada: "Pare, pelo amor de Deus!" Então, acordel.

Lavington ouvia a história com atenção.

— Senhorita, eu creio que sei a solução do mistério. Faz pouco tempo, antes de ir me hospedar no hotel, visitei essa casa que a senhorita ocupa e que estava para alugar. Mas descobri que nela havia morado um homem que matara a mulher. Como eu sou muito sensível a qualquer manifestação psíquica, resolvi que, para meu sossego, não tomara a casa. Creio que a voz que Jack ouve é a mulher que a senhora viu no sonho é a mulher assassinada pelo homem. O espírito dela está inquieto, pois quer de nós qualquer coisa. Deve ser alguma coisa escondida no jarro azul.

— Mas não existe jarro azul algum naquela casa! disse a moça.

— Já procurou bem?

— Sim.

De repente, Jack soltou uma exclamação.

— Ah! Compreendo agora porque ela me persegue. Meu tio comprou um jarro azul que havia nessa casa, num leilão. Era de porcelana finíssima, uma coisa preciosa, que vale uma fortuna.

— E' preciso obter o vaso de seu tio. Quem sabe si ela não quer o jarro para nos mostrar qualquer coisa?

— Mas meu tio está viajando...

— Vou fazer uma sugestão. Esta noite o senhor trará da casa de seu tio, a título de empréstimo, o jarro azul. Hoje, à meia noite, que é hora própria, esperamos que ela se manifeste.

— Está combinado!

II

Na mesa, o jarro azul. Num canto da sala o médico, sentado numa poltrona, e, de pé, de cada lado dele, a moça e Jack.

— Que horas são? perguntou o médico.

— Faltam dez para as doze.

— E' melhor apagar a luz.

Jack olhou para Lavington e viu que ele avançara um pouco para a frente, na cadeira, e que nos seus olhos brilhava uma luz estranha. A moça, que também notara, colocou-lhe a mão sobre o ombro e fê-lo recostar-se de novo. O médico fechou os olhos e disse, mais uma vez:

— Apague a luz que eu creio que ela não tardará.

No escuro Jack refletia. Seus pensamentos corriam de um assunto para outro, sem sequência lógica. O escuro... O silêncio... O tic-tac do relógio... Nenhum som... Um estranho torpor invadiu-o. Adormeceu...

III

— Acordel! Que rapaz dorminhoco! Teria sido um sonho? Não. Era bem verdade. Mas onde estavam a moça e o médico? Abriu os olhos cautelosamente. Um guarda civil estava de pé ao seu lado.

— Que faz o senhor aqui, no meio da rua, a essas horas, caído no chão? Bebeu de mais?

Jack perguntou:

— Que horas são? Onde estou?

— São quatro horas da madrugada e

A de sua cabeça!... Ninguém é mais jovem que seus próprios cabelos... Principalmente as senhoras.

Cabello sem vida, opaco e escasso, significa velhice, embora se tenha vinte annos... Cabello vivo, abundante, brilhante, é juventude — embora se tenha cinquental...

Uma fricção diária com TRICÓFERO DE BARRY, antes de pentear-se, não só dá brilho e maciez ao cabelo, como defende-o contra a caspa e evita o encanecimento prematuro e a calvície.

Em todas as idades — da infância à velhice — TRICÓFERO DE BARRY é recomendado para amaciar o cabelo, facilitar-lhe o penteado e evitar-lhe a queda.

Tricófero de BARRY

o senhor está na rua principal da cidade. Si eu não tivesse passado por aqui poderia ter ficado debaixo de um automóvel! Que aconteceu?

Jack olhou em torno desorientado. De repente sentiu que havia alguma coisa no bolso. Tirou. Era uma carta.

"Meu jovem e impressionável amigo Jack:

As tolices sobrenaturais ainda encontram quem nelas acredite, sobretudo si veem apresentadas sob falso aspecto científico. Pobre tolo! O grito quem dava

OLEO FIGADO BACALHAU ESTRELLA



RICO EM VITAMINAS
JOHN WYMAN
LONDRES

A venda nas principais
Drogarias e Farmácias
em

Litros e ½ litros

Repr.: W. H. WILLS
Rua México, 98 — RIO

era minha cúmplice, que depois negava ter ouvido. Eu ajudava-a convencendo você de que realmente só você ouvia o grito. A história da meia noite? Um meio hábil de fazer com que você nos trouxesse o vaso. Realmente, é precioso. Mais sorte e mais sagacidade da próxima vez!

Um abraço de Lavington e um beijo de Joan."

BELZEMA

para Erupções da Eczema

• Pomada não gordurosa, antissética, que combate as coceiras e erupções da pele. Não requer ataduras.



AGUA DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
LIMPA E FECHA OS POROS
A VENDA EM TODA A PARTE



PARA CADA GOSTO UM TOM,
PARA CADA PELE UMA CÔR.

Pó de Arroz
ORYGAM DE GALLY

O PÓ DE ARROZ QUE
REALÇA A BELEZA!

A' VENDA EM TODO O BRASIL

OUTROS MODELOS

CREME DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
BRANQUEIA E AVELUDA A PELE
A VENDA EM TODA A PARTE

Três modelos praticos
para o inverno, pois as
golas afogadas não exi-
gem o uso de blusas
ou "jabots".



1 — COSTUME BEM ORIGINAL, COM AS ABAS GODET E BOLSOS ABOTOADOS, BOTÕES DE FANTASIA. 2 — COSTUME EM SARJI BEIGE; A ABA APANHA EM LÉVE DRAPEADO FORMANDO BOLSO. 3 — INTERESSANTE COSTUME DE LÃ, COM UM VIEZ AO REDOR DO CASACO, QUE DOBRA NO ALTO TERMINANDO COM FIVELAS DE METAL; LIGEIRO FRANZIDO NA GOLA; UM BOTÃO DE FANTASIA.

Rotenol
NÃO HA MELHOR SABONETE
SEJA QUAL FOR O PREÇO

incarelli

ALMIRANTE
BARROSO, 5

★ UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO ★ RIO

ESTANDO AS
PILULAS DE
BRISTOL
ao alcance de todos,
para que comet-
ter-se a impru-
dencia de expe-
rimentar ca-
tharticos
violentos?
*

CABELLOS
BRANCOS

CASPA

Quêda
dos
Cabellos

JUVENTUDE
ALEXANDRE

Desprende, joga
ou cai a sua

DENTADURA POSTIÇA?

FIXODENT, um pó aperfeiçoado
para polvilhar as dentaduras postiças,
conserva-as com maior firmeza na
boca. Assim elas não desarticulam,
não jogam e não caem. FIXODENT
não deixa nenhuma sensação pegajosa.
É alcalino (não ácido). Não amarga
a boca. Combate o "cheiro de den-
tadura postiça". Perfuma o hálito.
Compre FIXODENT hoje mesmo,
em qualquer farmácia ou depósito
dentário.

Distribuidora para todo o Brasil:
ODONTOLOGIA AMERICANA
Av. Rio Branco, 114, 1.º - Rio



ZIMOLACTOL

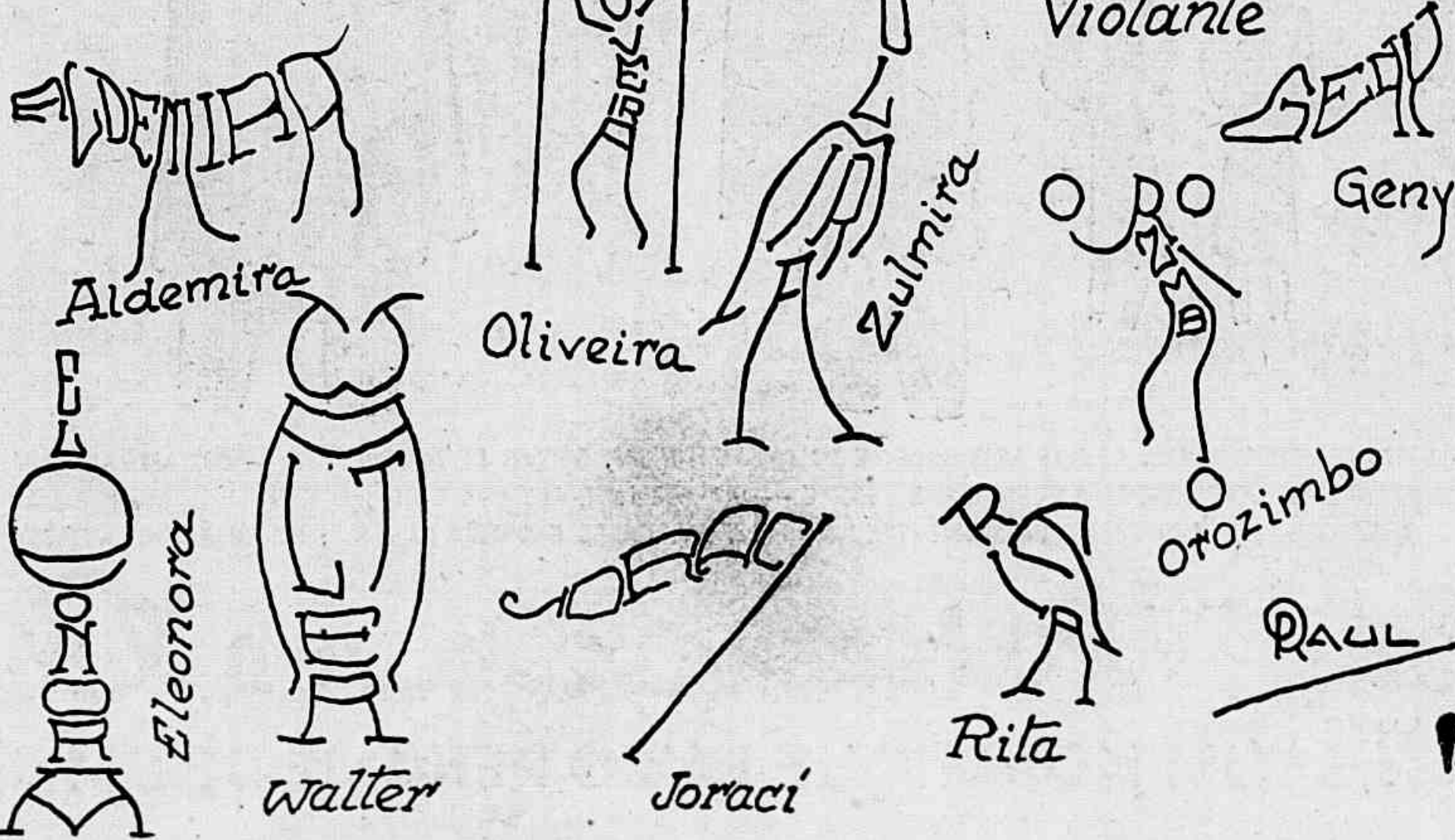
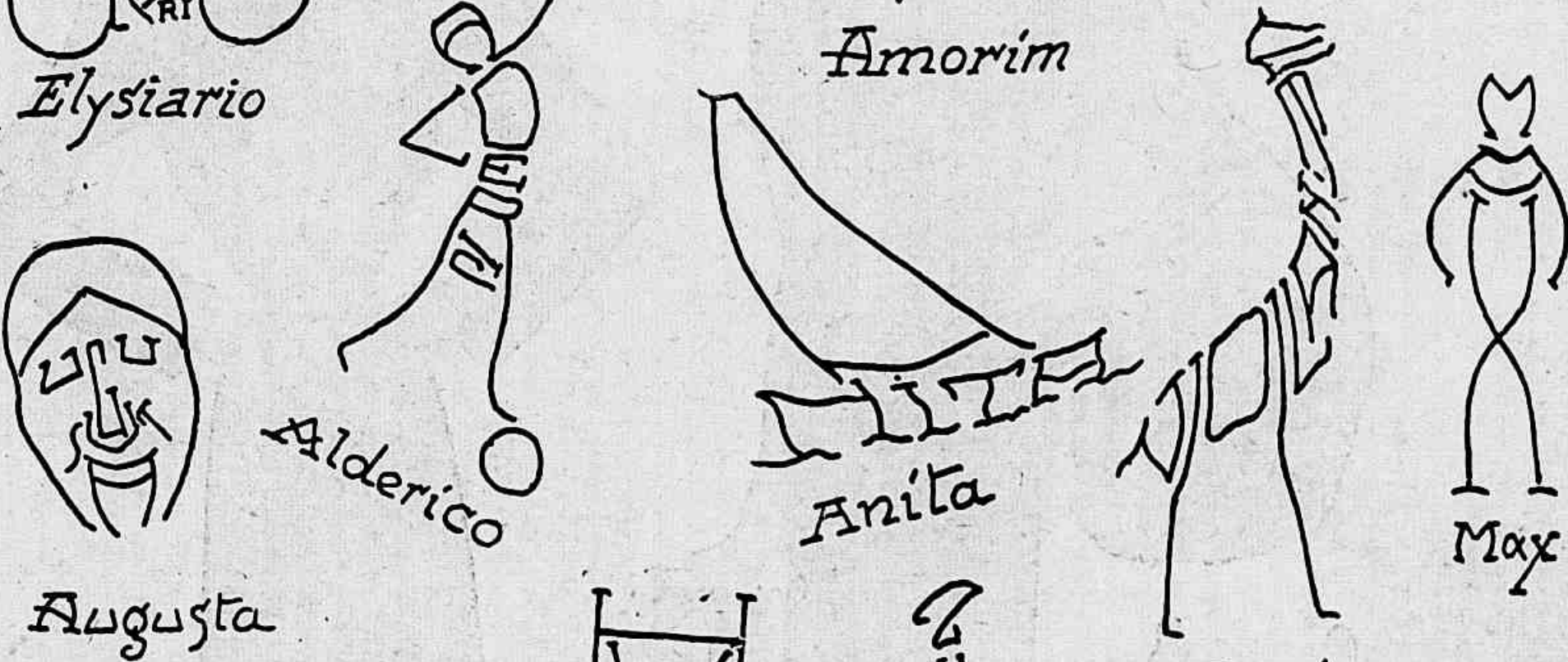
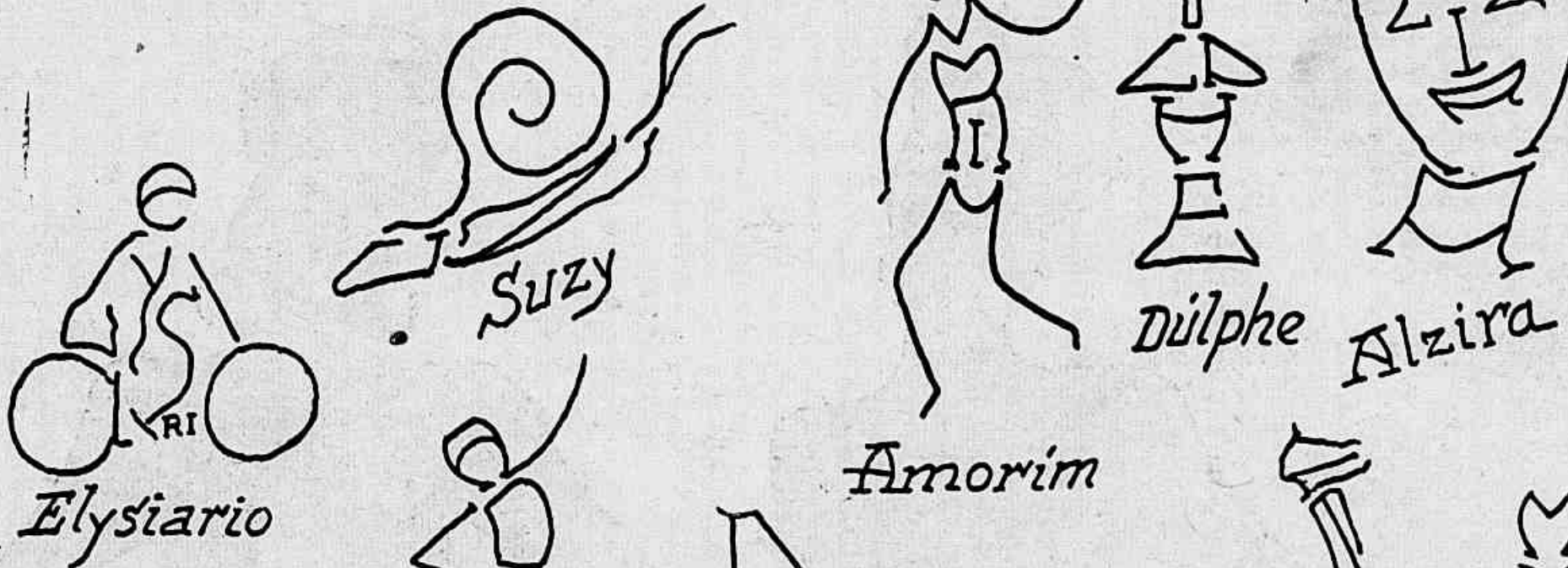
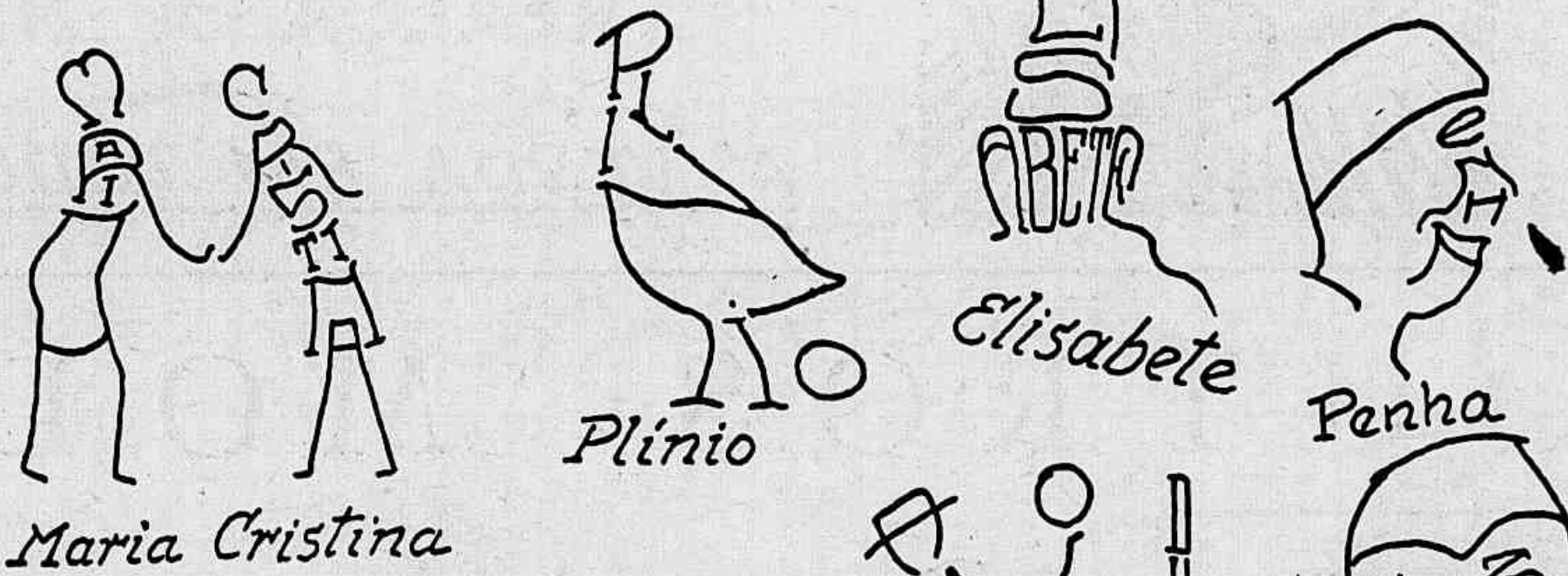


Granado

FERMENTOS LÁCTICOS
INTOXICAÇÕES INTESTINAIS
URTICÁRIA = COLITES
GASTRO-ENTERITES

T. TARQUINO

ONOMATOGRAMAS





SALA DE MÚSICA

Este salão de música, construído para uma residência moderna, embora a sua ornamentação apresente tôdas as características de um interior do século XIX, foi feito de maneira a que nem a ressonância nem o eco prejudicassem as audições ali realizadas.

Além disto, foi levado em conta o conforto dos ouvintes, que podem assistir aos concertos comodamente instalados em poltronas apropriadas. O teto da sala, de estuque sem saliências e reentrâncias, é também trabalhado com o fim de ajudar a acústica interior.

Decoram a peça bustos e estatuetas dos grandes mestres, espalhados sobre a lareira e consoles de madeira trabalhada.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA

MARCA

UNES

REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 RUA DA CARIOCA-67-RIO

NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

m m m... *Karo!*



Alimento Ideal!

EM QUATRO SABORES DIFERENTES

RÓTULO A Z U L
RÓTULO CHOCOLATE
RÓTULO DOURADO
RÓTULO VERMELHO

SOBREMESA INSUPERAVEL COM

QUEIJOS, BISCOITOS, PANQUECAS, BANANAS FRITAS, DOCES,
BOLOS, TORRADAS, SORVETES E DEMAIS USOS CULINARIOS.

USADO NA DIETÉTICA INFANTIL

À BASE DE



20bs.

20bs.

TRIANGULO

REVISTA DA SEMANA

apresenta

C O V A R D I A

Novela rádio-teatral de

Berliet Junior

inspirada no “Romance de um Covarde” de Maurice de
Kobra e transmitida pela Rádio Mayrink Veiga.

Publicação devidamente
autorizada pelo autor

SPEAKER — Principia esta história entre as vetustas paredes do castelo de Kergueven, na Bretanha. A folhinha marca 23 de agosto de 1939. Estamos na sala de jantar do castelo.

C. REGRA — (Ruido compassado de louças, ouve-se Ives cantarolar em surdina enquanto arruma os pratos na mesa. Passos lentos e fortes que se aproximam.

GENERAL — Que Deus te guarde, Ives! À vontade!...

IVES — Meu general!

GENERAL — Eu disse à vontade, homem! Por Deus! Continua o teu serviço, meu bom Ives... Então... preparas desde já os lugares para os meus convidados...

IVES — Sim, meu general...

GENERAL — Hum... hum... Dir-se-ia que estás dispondo força para uma batalha, Ives...

IVES — Sim, meu general. A senhorita Denise deu-me as suas instruções para o almôço.

GENERAL (Falsa irritação) — Senhorita... Alto lá! Peço-te que, para o futuro, não chames minha filha de senhorita...

IVES — Perdão, meu general... mas...

GENERAL — Nem mais uma palavra, pedaço de asno! Esqueceste de que ela se casou ainda esta manhã na igreja de Benoet?

IVES — Não, meu general... não...

GENERAL — E então? Senhorita! Por que êsse tratamento?

IVES — Meu general, eu sei... mas não gosto de chamar a senhorita Denise de senhora Westbury...

GENERAL — Vamos... por que se perfilou? Não estou ralhando contigo, meu velho... não estou ralhando contigo... Eu compreendo essas coisas... Em geral é assim mesmo, quando as mulheres se casam...

IVES — Eu me habituarei, meu general...

GENERAL — Vejamos como nos colocaste... Explica-me como dispuseste os convidados na mesa para a festa de hoje, Ives...

IVES — Imediatamente, meu general. Aqui, a cadeira do meu general, presidindo à solenidade.

GENERAL — Não é bem uma solenidade... Melhor dirás um belo jantar, regado com os melhores vinhos da adega do meu castelo... Bem, adiante...

IVES — No outro extremo, fica o marido da senhorita Denise...

GENERAL — Ives!

IVES (Confuso) — Perdão, meu general... da senhora Westbury... fica o senhor capitão...

GENERAL — E aqui, nesta cadeira... quem terei à minha direita?

IVES — À sua direita, meu general, terá a senhorita Westbury e à sua esquerda a senhora Jallec.

GENERAL — Onde está Henry?

IVES — O senhor deputado está aqui, ao lado da senhora Alain de Kergueven. Do outro lado, o senhor Alain e a senhorita Denise... perdão, meu general...

GENERAL — Basta de tanto perdão... Chame minha filha como quiser... senhorita... madame Westbury...

IVES — Meu general aprova a disposição de combate?

GENERAL — Está perfeita, meu velho... está perfeita... Vamos... Vamos conversar sobre o motivo que muito me faz feliz, Ives... Que dizes da cerimônia na igreja?

IVES — Emocionante, meu general... e muito linda...

GENERAL — Eu estava com lágrimas nos olhos?

IVES — Tanto, meu general, como eu...

GENERAL (Rindo ligeiramente) — Um velho duro como tu, Ives? Queria ver a tua cara nesse momento, Ives... Lágrimas...

IVES — Meu general esquece que eu conheci a sua filha quando ela não era maior do que um palmo... O meu general se lembra, não é assim?

GENERAL — Sim... em 1917.

IVES — Outra recordação que não se apaga de minha memória, meu general... Depois da esfregadela de Chemin des Dames... Eu já era ordenança do meu general havia oito meses...

GENERAL — Sim... Chemin des Dames... Eras um sujeito que se sabia defender, meu velho... Ah, si tivesses de combater novamente, gostarias de trabalhar comigo?

IVES — Oh! Iria ter pela segunda vez a honra de combater ao lado de meu general...

GENERAL — Vamos! Vamos, meu velho... Olha aqui... meu pobre Ives... Nós podemos fazer uma cruz sobre isso. Estamos muito velhos. Si a França for obrigada a lutar, nós teremos de bancar êsses idiotas dos civis.

IVES — E' pena, meu general. Eu nos vejo ainda no Somme, quando Hindeburgo rompeu as nossas linhas... O contra-ataque Mangin... A manobra do meu general, com o grupo do exército de Fayolle...

GENERAL — Basta, meu bom Ives... Já enchi os olhos de lágrimas hoje na igreja; queres ainda que chore de emoção ao lembrar-me dêsses tempos, os mais gloriosos da minha vida?... Sim... Um bom tempo... a atividade bélica... a vida de trincheiras... os sobressaltos dosados com o entusiasmo patriótico... os fogos de artifícios das batalhas... A morte rondando-nos e nós sorrindo para ela... Hoje... A reforma... A vida morna e sem atrativos dum velho militar à paisana... e tudo isso, meu velho, na hora em que o horizonte político se ensombrece sobre a França... a Europa... A guerra, Ives! Temos a guerra à nossa porta... Olha para essa folhinha, Ives... 23 de agosto de 1939... Não te dou muito tempo... um barril de pólvora próximo à cratera dum vulcão, Ives... A política internacional, meu velho, é a cratera dêsse vulcão... Bem... Continua o teu serviço... E' verdade, e meus filhos? Henry e Alain já chegaram?

IVES — Creio, meu general, que se encontram na biblioteca... Pois não faz muito tempo, um pouco antes de meu general entrar na sala, ouví-lhes as vozes...

GENERAL — Bem... vou vê-los... Acredito que continuam discutindo como sempre...

C. REGRA — (Passos).

ALAIN (Distante) — Qual! Sempre os mesmos processos usados pelos interessados...

HENRY — Pelo amor de Deus... Basta de sandices, Alain! Essas coisas não se dizem assim, com tanta ignorância de causa! Você não pode se externar de tal formal

ALAIN (Mais próximo) — Não sou eu, não, meu irmão... não sou eu! E' a história! A história de tôdas as guerras! O motivo? Quando não aparece, êle é logo inventado! Mas o essencial é que as trincheiras fiquem repletas de corpos! Vivos ou mortos! As baionetas caladas... os Scharpnells riscando no céu indicando no seu rastro a sepultura de cada um...

HENRY — E quem fala dessa forma é um filho de militar! Um neto de militar! Um descendente de muitas gerações de militares!

ALAIN — Quem fala, meu irmão, é o meu discernimento... a minha compreensão pelos momentos históricos a que assisto! Nos problemas sociais que se entrosam na geração a que pertença! Falo aquilo que compreendo a meu modo!

HENRY — Não se pode trocar idéias com você!

ALAIN — Só dizes isso àquêles que não apoiam os teus pontos de vista...

HENRY — Porque você é um vaidoso intelectual.

ALAIN — Não! Porque sou um homem que compreende a época em que vive!

HENRY — Alain! Onde está o teu sentimento de patriotismo?!

ALAIN — O que foi que você disse?

HENRY — Eu tenho pena de você, meu irmão!

ALAIN — Piedade por piedade, Henry... Senhor deputado! Quer saber uma coisa, Henry? Vou dizer o que sou e o que você é! Você é um espírito prático! Não se diverte com silogismos e, fora a monarquia e a tradição, nada no mundo mais tem valor representativo para você!

HENRY — E você é um eterno sonhador, com alguma coisa de iconoclasta e que despreza o catecismo burguês! Mentí?

ALAIN (Rindo) — Sim... sou isso mesmo... não nego! Ainda tenho mais para dizer de você, meu irmão... Para você, um uniforme e a "Marselheza" deixam-o com o coração aos pulos!

HENRY — Orgulho-me disso! Sou um patriota! Acima da minha vida está a glória da França! E tu? Vamos! E tu?

ALAIN — Já sei... já sei... Sou mau francês... um homem que ri amorosamente o socialismo... não cubro o rosto ruborizado quando se pronuncia o nome de Engels ou de Carl Marx...

C. REGRA — (Passos lentos que se aproximam.

HENRY — Bem... vamos ficar por aqui... nosso pai está vindo para a biblioteca...

GENERAL — Que foi? Pararam com a discussão... estavam inflamados?

HENRY — Palestrávamos, meu pai... Sente-se aqui...

GENERAL — Então, crianças, discutiam ainda sobre o corredor polonês?

ALAIN (Rindo e sarcástico) — Pai! Peço-te que olhes para esse gordo D. Quixote... E' para a gente morrer de rir... O senhor deputado quer correr em socorro de nossos irmãos poloneses. E com que? Vamos, senhor deputado! Com que? Com um fuzil de madeira e um tank de papelão?

HENRY (Indignado) — Tu o ouves pai? O electricista músico conhece, melhor do que nós, o estado de preparação de nosso exército.

ALAIN — Cala-te, comilão. Com as tuas garantias à Polónia supões que a Alemanha te acredite?

HENRY — Não o ouves, meu pai?

GENERAL — Contento-me em ouvir, meus filhos...

ALAIN — Vamos, você, meu irmão... que me responde ao que acabo de dizer?

HENRY — Uma só palavra! A guerra! E nós estamos prontos!

ALAIN (Rindo) — Nós? Nós, quem?

HENRY — Os nossos aliados, os britânicos.

ALAIN — Os nossos aliados?! (Gargalhada) "Não nos falta nem um botão nas polainas". Boubaki já dizia isso em 1870. Sabe duma coisa, meu irmão? O seu otimismo me causa pena...

HENRY — Você é um insensato!

ALAIN — E você, um cego!

GENERAL — Um momento! Assim também não... Procurai pelo menos, vocês dois estar de acordo no dia em que vossa irmã se casa. Vamos! Que o vestido branco de noiva de Denise seja o sinal de armistício entre vós...

ALAIN — Está bem, pai... está entendido. ...Aliás tu sabes muito bem que o que nós dizemos, Henry e eu, não alterará em nada os destinos da Europa.

GENERAL — Vamos falar agora de Denise... Que acham do marido de Denise?

ALAIN — Muito simpático, meu pai...

HENRY — Um gentleman. Denise será feliz com Leslie... Boa família, das melhores tradições inglesas, educação perfeita... Eu aprovo a escolha...

GENERAL — E' um rapaz de futuro, meus filhos... Capitão dos Goldstream, guarda aos trinta e quatro anos de idade e adjunto do adido militar inglês em Paris...

HENRY — Bela carreira em perspectiva...

GENERAL — A propósito, Henry, conto contigo para fazer um pequeno discurso aos jovens recém-casados, na hora do Champagne... Tu és o orador da família...

ALAIN — A que horas é o almoço, meu pai?

GENERAL — Será servido às duas. Bem... vou dar uma volta pelo parque enquanto espero... E' verdade, onde está Denise, Alain?

ALAIN — Deve estar no quarto de Irene... Aposto que minha mulher deve estar dando conselhos de última hora...

Técnica — (Interlúdio).

IRENE — Ives!

Ives — Madame!

IRENE — Sabes onde está o capitão Leslie?

IVES — Está no seu quarto, madame... Aliás, recomendou-me si a senhorita Denise... Perdão, madame... Sempre me esqueço que a minha patroa casou hoje...

IRENE (Asperamente) — Recomendou-te o que? Termina...

IVES — Recomendou-me, caso a esposa perguntasse por êle, que estaria no seu quarto redigindo alguns telegramas para os seus amigos em Londres...

IRENE — Está bem... E' só... Pode retirar-se, Ives...

IVES — Sim, madame (Passos que se afastam).

(Interlúdio).

C. REGRA — (Passos de mulher. Pancadas discretas na porta).

LESLIE (Distante) — Entre, querida... (Passos. Correr de pena) — Vê, querida. Participo a grande notícia aos meus amigos em Londres! (Pausa) Oh! Perdão!... Você, Irene!... Pensei que fôsse minha esposa... Já sei! Vem avisar-me que estou atrasado para o almoço de nupcias...

IRENE — Não, Leslie... Meu sogro é pontual como todos os velhos militares. À uma e trinta precisamente, ou virás o gongo soar no hall do castelo...

LESLIE — Sente-se, Irene... Que tem você? Está muito pálida!

IRENE — Leslie!... Queria falar-te...

LESLIE — Que aconteceu? Uma outra discussão com o seu marido, Irene?

IRENE — Não. Leslie, ouve-me: vais partir em breve com a tua esposa. Provavelmente eu não teria a oportunidade de te falar, durante muito tempo... E' preciso que saibas duma coisa que me pesa no coração... que me sufoca, que me queima...

LESLIE (Sorrindo) — Sem dúvida alguma... vou me tornar seu confidente... ou melhor, um juiz de paz... Brigaram?

IRENE — Brigamos? Que queres dizer com isso, Leslie?

LESLIE — Sim... Outro arrufo com seu marido, não?

IRENE — E' um segredo, capitão Leslie!

LESLIE (Serenamente) — Um segredo? Trata-se da família Kergueven?

IRENE — Não! Trata-se de mim... de nós, Leslie...

LESLIE — De nós?...

IRENE — Sim... não dissimules, Leslie... de nós! (Pausa longa) Leslie, eu te amo...

LESLIE — Madame... Por quem é!

IRENE — Eu te amo, Leslie!

LESLIE (Indeciso) — Realmente, Irene... sinto-me imensamente feliz... Eu desejo ser simpático a todo o mundo aqui.

IRENE — Não pilheries, Leslie... Tu bem sabes o que eu quero dizer...

LESLIE — Perdão, madame... Eu juro que não estou pilheriando...

IRENE — Não sorrias assim... Bem sabes o sentido de minhas palavras! Eu te amo!

LESLIE — Fez mal em vir ao meu quarto, madame!

IRENE — Faço tudo aquilo que quero, capitão... e consigo tudo que desejo!

LESLIE — Está falando seriamente, madame?

IRENE — Não aprecio o tratamento que me dá, Leslie!

LESLIE — Perdão, Irene... Não vai me fazer acreditar que esteja enamorada do seu novo cunhado, pois é minha cunhada desde o meio-dia.

IRENE — Que importa? Isso não modifica em nada os meus sentimentos. (Pausa) Por que me olhas assim? Estás assombrado com a franqueza nua e sem preâmbulos que demonstro? Não te disse que faço aquilo que muito bem penso e consigo tudo que desejo?

LESLIE — Madame! Não deve esquecer que tenho em elevada conta os meus sentimentos e o meu caráter...

IRENE — Posso sentar-me, capitão?

LESLIE — Desejo ser franco com a esposa de meu cunhado Alain de Kergueven... Peço-lhe respeitosamente que se retire do meu quarto.

IRENE (Sorrindo) — Não, capitão Leslie Westbury... O senhor falou em sentimentos... em caráter... Quero ouvir o jovem e simpático capitão até o fim... com licença... vou sentar-me! Continue, Leslie...

LESLIE — Madame... Minha esposa pode vir duma hora para outra... Peço-lhe encarecidamente...

IRENE — Não... continua... os teus sentimentos... o teu caráter...

LESLIE — Madame Irene Kergueven... Vou ser-lhe franco, os seus sentimentos para mim são como uma trovada num céu sereno, si posos dizer assim.

IRENE — Capitão, sou uma mulher decidida, sabe disso! E muito além disso, uma criatura que tem a consciência de sua força... Sou uma mulher cuja formosura é decantada por todos que me vêem pela primeira vez...

LESLIE — Irene, nada mais me interessa do que o amor de minha esposa!

IRENE — Sei disso, mas creio que o farei mudar de idéia... Ainda tenho uma coisa, que era necessário que te falasse, Leslie. A primeira vez que te vi com Denise, no jantar dos embaixadores, compreendi logo que representavas para mim o homem que sempre procurei na minha vida...

LESLIE — Irene, não a compreendo. É casada e feliz, suponho eu!

IRENE (Sorriso sarcástico) — Supões! Ainda bem que disseste suposição...

LESLIE — Então não é feliz com seu marido?

IRENE — Ah! Feliz (Risada) Feliz, como andorinha que esposou um gavião. Alain é um ser incompreensível! Ele me exaspera, entendes? Há dois anos vivemos num estado de incompatibilidade que me faz doente! Ele é um materialista! Aprecia não a esposa, mas a beleza física da mulher com quem se uniu! Zomba das minhas aspirações, da minha arte, dos meus impulsos estéticos, da minha carreira... despreza o meu cérebro... as minhas inclinações artísticas! Eu o detesto! Então... compreendes que alegria e que decepção ao mesmo tempo experimentei descobrindo em ti o homem que eu ia amar e que, antes mesmo de que eu te pudesse confessar o meu amor, pertencias a uma rival? Chorei por tua causa, Leslie. À medida que te apaixonavas ainda mais por Denise, a minha decepção se tornava mais cruel. Cada olhar trocado entre tu e Denise era uma punhalada na minha ferida!

LESLIE — Por Deus! Esquece que é uma senhora casada, Irene?

IRENE — Nada me importa no momento... não refreio os meus impulsos! Sou dona dos meus sentimentos! Cada palavra de amor surpreendida entre ela e tu, me feria horivelmente... (Exaltada) Leslie! Leslie, estou no limite do meu sofrimento! Eu...

LESLIE — Peço-lhe, Irene! Não fale tão alto! Não se exalte assim... Poderiam ouvi-la!

IRENE — Que me importa? Estou pronta para tudo. Não temo um escândalo.

LESLIE — Talvez... mas eu não desejo um escândalo, Irene...

IRENE — Uma palavra tua, Leslie, eu me divorciarei com prazer.

LESLIE — Escute, minha cara cunhada... Não sei si está se dando conta do que diz. Divorciar-me no dia do meu casamento? Com franqueza, madame Alain de Kergueven, a fantasia tem limites, não avalia isso então?

IRENE — Ouve-me... por ti não medirei sacrifício algum... Não proponho que te divorcies... (Baixinho) Eu quero conquistar-te pouco a pouco, Leslie...

LESLIE — Madame! Dou por finda a nossa conversa... Rogo-lhe respeitosamente que não se reproduza mais entre nós conversa dessa natureza... Sinto muito, mas não posso aceitar uma outra atitude senão a que exponho neste momento.

IRENE (Insinuante, raiva concentrada) — Será que te desagradou a êsse ponto?

LESLIE (Cortez) — Poderia algum homem não se deixar tentar pelo seu encanto e pelo seu talento, madame Kergueven?

IRENE — Tu dizes isso por polidez, pois ainda não me conheces bastante. Si há dois anos não surjo em cena, é porque não encontrei nenhum papel digno de mim... Paris virá um dia aos meus pés, cobrir-me dos seus mais fervorosos aplausos! Juncar-se-ão de flôres os palcos que eu pisar! A minha arte devolver-me-á a glória, que meu marido me furtou no seu egoísmo conjugal! Tu verás um dia! Terei o meu nome em letras de fogo à porta dos teatros parisienses! Tu verás...

LESLIE — Certamente, Irene... Não duvido, nem nunca duvidei disso...

IRENE — Tu verás... (Sedutora) Si eu tivesse um homem, homem como tu, na minha vida, realizaria grandes coisas. O meu talento, Leslie, precisa ser estimulado por uma alma irmã, que participe de todos os impulsos da minha natureza... Leslie... Eu queria que pensasses em mim, como penso em ti.

LESLIE — Madame, sou apenas um soldado muito abaixo das suas aspirações.

IRENE — Eu te amo tal como és... Ouve-me... minhas mãos serão as de um escultor... tu serás a argila, que se modelará à feição que desejo... eu te recrearei, Leslie...

LESLIE — Madame Pigmalião?!

IRENE — Por que não?

LESLIE — Madame, por favor, peço-lhe para abandonar os meus aposentos... Já disse tudo que poderia dizer à minha cunhada...

IRENE — Dize-o com franqueza, Leslie... eu te desagradou?

LESLIE — Oh! Até ao mais insociável, ao mais glacial, madame, a beleza é sensível...

IRENE (Rindo amargamente) A ponto de me mostrar a porta com um sorriso... compreendo, capitão... compreendo...

LESLIE — Não reprovos madame de ter me obrigado a isso...

IRENE — Basta! Basta de tanto sarcasmo! Vou sair! Mas lembro-te duma coisa, capitão! Deste-me hoje uma lição que eu jamais esquecerei... tu ganhaste a primeira batalha. Eu farei por ganhar a segunda.

LESLIE — Nada mais natural, **my dear**. É a regra do jogo...

C. REGRA — (Ruido de porta).

LESLIE — Oh! Você, Denise!

DENISE — Irene!

LESLIE — Acabei agora mesmo de redigir os telegramas para os meus amigos em Londres... Ives naturalmente te deu o recado, não, meu amor?

DENISE — Deu... Perdão... Talvez estivessem falando algo de muito particular... ou secreto...

LESLIE — Oh! Denise...

IRENE (Dedicada) — Querida, vou te revelar um grande segredo... vim pedir ao teu marido para traduzir em inglês três linhas de um telegrama de felicitações que vou mandar à sua família por causa do vosso casamento...

DENISE (Sorrindo, feliz) — Olhe lá, espero que não estivesse repetindo em inglês o papel de Julieta com meu Romeu... senão...

IRENE — Oh! Meu amor! Ninguém te deseja mais do que eu, e bem o mereces, minha querida!... Deixa-me beijar-te! Teu marido bem sabe quanto me sinto feliz pelo teu casamento, não é verdade, Leslie... que falei eu durante todo êsse tempo?

LESLIE — Realmente, Denise... realmente... tua cunhada...

DENISE — Sim! Então não sei? E eu também avalio a felicidade de meu irmão, Alain, em ter uma esposa e ao mesmo tempo um anjo, ligados ao seu destino!

IRENE — Oh! Denise... sinto as lágrimas virem-me aos olhos... Nunca pensei que a felicidade fizesse chorar...